

JOSIAS E O REAVIVAMENTO

W. W. FEREDAY

Edições Cristãs

Autor de

“Milagres e Parábolas de Nosso Senhor”,
“Salomão e Seu Templo”,
“Samuel, Homem de Emergência de Deus”,
“Elias, o Tesbita”,
“Eliseu, o Profeta”,
“Jonas e Balaão”,
dentre outros.

PREFÁCIO

Há um sentimento generalizado de decepção entre os filhos de Deus atualmente pela falta de desprendimento dos proclamadores do Evangelho. As multidões estão cada vez menos dispostos a aceitar o nosso convite, e se reunir para ouvir a maravilhosa história da graça de Deus.

O jornal de domingo, o rádio, e muitos meios para a indulgência carnal como nossos pais nunca sonharam, estão disseminando seus efeitos maléficos em todas as direções. A própria Grã-Bretanha que, por muito tempo não teve perseguição à Palavra de Deus, está se tornando rapidamente uma nação pagã.

Conversando com algumas pessoas, frequentemente ficam surpresas com a própria ignorância da falta de conhecimento das verdades Divinas. Recentemente, um oficial me questionou quem foi Moisés, porque nunca havia ouvido esse nome antes!

Possivelmente, as pessoas na África Central estão mais familiarizadas agora com as coisas de Deus do que aquelas na Grã-Bretanha. A necessidade de reavivamento está ansiosamente estampada. As páginas seguintes devem servir para apresentar o caminho para um verdadeiro reavivamento das coisas espirituais.

Alguns anos atrás, as denominações religiosas inglesas organizaram uma campanha denominada: “*Venham para a Igreja*”. O objetivo era encher as “*Igrejas*” em algumas ocasiões, pelo menos. Mas, muito mais do que isso, é necessário que as almas sejam eternamente abençoadas.

Na parábola de nosso Senhor da *Grande Ceia*, em Lucas 14, o homem que preparou o banquete, disse: “*para que a minha casa fique cheia*”. Graça maravilhosa! Mas a casa da parábola não é uma Igreja Paroquial, mas o salão festivo superior. Deus quer que esse lugar esteja cheio.

Josias foi capaz de realizar coisas maravilhosas para Deus em tempos de extrema dificuldade,

1. Porque buscou ao Senhor de todo seu coração;
2. Porque estava determinado a ser obediente em todos os detalhes da Palavra escrita de Deus; e
3. Porque propôs diligentemente despir-se de si mesmo e da esfera de toda sua influência que era inconsistente com a lei divina.

4. Dadas estas condições em qualquer local, podemos ver grandes coisas, pois tão gracioso é o nosso Deus. Contudo, rápidos cânticos animados, coros e outros métodos não apostólicos são pobres substitutos para os recursos espirituais que caracterizaram o rei Josias, e que recebiam as bênçãos de Deus no final dos dias da triste história nacional de Israel.

O leitor atento provavelmente vai perceber algumas repetições e alguns erros menores neste livro. Tenha compreensão pela minha idade avançada e enfermidades, e desculpe estes ocorridos. Mesmo o mais jovem leitor ficará velho algum dia e perderá a concentração!

oOo

ÍNDICE

O Menino-Rei
Muitos Reavivamentos Maravilhosos
Buscando ao Senhor
Os “Lugares Altos” de Israel
A Terra Purificada e a Casa Restaurada
“Fiel no Pouco”
Sem qualquer dívida!
O Livro da Lei é Encontrado
“Teu coração se Enterneceu”
A Solene Mensagem de Hulda
Uma Doce Aliança
De Dã até Berseba
Josias em Betel
Três Vidas Arruinadas
A Grande Páscoa
Triste Megido!
A Destruição do Reino
APÊNDICE: A Páscoa do Senhor

oOo

O Menino Rei

SALOMÃO, em seu livro de Eclesiastes (que contém muita sabedoria sobre *“as coisas debaixo do sol”*) diz: *“Ai de ti, ó terra cujo rei é criança”* (Eclesiastes 10.16). Muitos anos antes de Josias, disse o Senhor com relação a Israel: *“Dar-lhes-ei meninos por príncipes, e crianças governarão sobre eles”* (Isaías 3.4).

Este foi o juízo sobre um povo que não deu valor às Suas palavras, que não ansiava andar nos Seus caminhos. É difícil dizer o que é pior para uma nação: uma criança precoce ou um homem com uma mentalidade infantil. No livro de Eclesiastes, lemos mais uma vez: *“Melhor é o jovem pobre e sábio do que o rei velho e insensato, que já não se deixa admoestar”* (Eclesiastes 4.13). O pensamento de Deus conectado com a realeza é expresso em Sua descrição sobre Davi no Salmo 78.72: *“E ele os apascentou consoante a integridade do seu coração e os dirigiu com mãos precavidas”*.

Uma nação abençoada com tal governante é verdadeiramente abençoada. Mas David estava longe de ser perfeito, e o Rei ideal para Deus não será visto até que o nosso Senhor Jesus volte dos céus.

É surpreendente lermos em 2 Crônicas 34.1: *“Tinha Josias oito anos de idade quando começou a reinar”*. Isto certamente não foi como deveria ser! Toda nação precisa de uma liderança forte e saudável, esse mal pode ser suprimido, e essa justiça pode prevalecer. O que pode uma criança de oito anos fazer por um povo turbulento, cheio de iniquidades, e perigosamente perto de um juízo esmagador?

O resultado vai mostrar que o Senhor teve misericórdia dessa criança, e também dessa nação. Josias brilha nas páginas inspiradas como uma luz irradiante. O seu nome significa: *“Recebido do Senhor”*.

Isso é sugestivo. Como rei piedoso e consciencioso foi uma dádiva sem preço para a nação de Judá num momento crítico. Através dele, o Senhor fez um último e amoroso apelo ao seu povo errante antes de expulsá-los da terra, para que o reinado de Josias pudesse ser duradouro! Infelizmente, por sua própria loucura o encurtou!

O pai deste jovem rei, Amom, foi assassinado com a idade de vinte e quatro anos. Ele era um homem muito mau, que não lucrou nada pelos acordos do Senhor, com o seu próprio pai Manassés. Os atos destes reis devem ser lembrados se quisermos entender a obra maravilhosa do Espírito de Deus, em Judá, durante os trinta e um anos da administração de Josias (2 Crônicas 33.21-25).

Manassés tinha doze anos quando sucedeu seu pai Ezequias. Portanto, ele nasceu durante os quinze anos de acréscimo de vida que foram concedidos a Ezequias, em resposta às suas orações e lágrimas

(Isaiás 38.5). Não pode haver dúvidas de que Manassés foi cuidadosamente instruído nos caminhos de Deus, pois disse Ezequias: *“O pai fará notória aos filhos a tua fidelidade”* (Isaiás 38.19). Que todo pai cristão preste atenção a isto e siga o bom exemplo de Ezequias (leia também Salmo 78.1-8).

Apesar de suas vantagens iniciais, Manassés tornou-se o rei mais perverso que Judá conhecera. Suas atrocidades não permitiram que o Senhor tolerasse a presença do povo em Sua terra. Manassés praticou todas as formas de idolatria, entregou-se profundamente ao Espiritismo e, impiedosamente, abatia todos os que ousavam se opor a seus maus caminhos.

Após muitos anos praticando essas maldades, desafiando muitas mensagens de aviso, enviadas a ele da parte do Senhor, foi permitido ao rei da Assíria subir contra ele. Nos dias de Ezequias, um novo rei da Assíria subiu contra Jerusalém e contra o seu rei para sua própria ruína.

Mas aconteceu de outro modo com Manassés, o invasor o tirou de seu trono, o lançou na prisão, na Babilônia (Babilônia, naquele tempo, não era um reino independente, mas estava sujeito ao rei da Assíria). A queda de Manassés o fez despertar: *“Ele, angustiado, suplicou deveras ao SENHOR, seu Deus, e muito se humilhou perante o Deus de seus pais; fez-lhe oração, e Deus se tornou favorável para com ele, atendeu-lhe a súplica e o fez voltar para Jerusalém, ao seu reino; então, reconheceu Manassés que o SENHOR era Deus”* (2 Crônicas 33.12-13).

Seu vigor, após seu retorno ao seu país, era extraordinário. Ele procurou extirpar todos os males que havia criado: Ele reparou o altar esquecido de Senhor, e *“ordenou a Judá que servisse ao SENHOR, Deus de Israel”* (2 Crônicas 33.16). Mas, mesmo com tudo de bom que Manassés pudesse ter feito em seus últimos anos, ele não conseguiu influenciar Amom, seu irmão. Ele havia lhe ensinado a servir o diabo, e ele insistiu nesse terrível destino: *“Mas não se humilhou perante o SENHOR, como Manassés, seu pai, se humilhara; antes, Amom se tornou mais e mais culpável”* (2 Crônicas 33.23).

Quando ele subiu ao trono de Judá, após o longo reinado de cinquenta e cinco anos de seu pai, os seus caminhos eram tão abomináveis que ele foi assassinado em dois anos. Está escrito sobre esses dois reis que *“foi ele enterrado na sua sepultura, no jardim de Uzá”* (2 Reis 21.18,26).

Portanto, após séculos de lixo acumulado pela mentira desses dois reis - Manassés e Amom, pai e filho. O pai tinha sessenta e sete anos de idade quando morreu e o filho tinha vinte e quatro anos; o pai foi para o Céu e o filho foi para o inferno; e, terrível pensamento: o seu pai ensinou-lhe o caminho para o inferno. Alegrementemente Manassés

desfaria o mal que havia feito em seus dias de engano, mas era impossível. O mal já tinha se aprofundado no coração do povo e de seu próprio filho, em especial, para ser erradicado por sua influência. É mais fácil empurrar as almas estrada abaixo do que retirá-las de lá novamente.

A manifestação precoce da piedade de Josias nos cativa. Seu pai, como vimos, foi um homem excepcionalmente mau e, de sua mãe, não sabemos nada, exceto que ela era “*Jedida, filha de Adaías, de Bozcate*” (2 Reis 23.1). De onde então, o pequeno Josias obteve instrução espiritual? De seu avô Manassés, sem dúvida. O rigor com o qual este último procurou desfazer a má obra de seus primeiros anos iria enchê-lo de preocupação para com seu neto.

Se Amom zombou das súplicas de seu pai e mergulhou ainda mais profundo na iniquidade, não havia esperança de que a criança prestasse atenção. Josias tinha seis anos quando morreu Manassés. O que é implantado na mente durante os primeiros seis anos de vida de uma criança não é arrancado com facilidade.

Timóteo devia muito à sua piedosa mãe e avó. Do pai, nada nenhum registro, exceto que era grego. Então, cuidadosamente, Timóteo foi treinado espiritualmente de modo que Paulo pudesse dizer-lhe mais tarde: “*E que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus*” (2 Timóteo 1.5; 3.15). Já foi dito que preencher a mente de uma criança com as Escrituras é como atear um incêndio, que simplesmente fará arder. Se um pai cristão pudesse ler estas linhas, não negligenciaria esta missão. As crianças são uma séria responsabilidade com relação ao que devemos dar conta no dia do Senhor Jesus.

Alguns anos atrás, eu batizei um homem de oitenta e cinco anos e um rapaz de quinze anos. O contraste me impressionou profundamente e, na minha oratória, eu comentei que eu mal sabia para qual deles deveríamos ser mais agradecidos a Deus. No primeiro caso, tínhamos uma alma salva, porém, uma vida perdida; e no segundo, tínhamos, não somente uma alma salva, mas também uma vida salva.

Em Manassés e Josias, vemos algo similar. O primeiro, sem dúvida, encontraremos no Céu - um pecador salvo pela graça, porém, sua vida foi totalmente desperdiçada; também encontraremos Josias no Céu, mas, com ele, havia uma vida salva, que foi frutífera para Deus durante muitos anos.

Muitos Reavivamentos Maravilhosos

A História de Israel, após a morte de Josué, foi muito dolorosa. Suas conquistas deram ao povo a posse da terra da promessa. Foi dividida sob a orientação de Senhor, e muitas cidades foram distribuídas entre várias tribos que ainda estavam ocupadas pelos inimigos, mas o poder divino estava disponível para a expulsão ou a destruição de todos aqueles, bastava que o povo de Deus tivesse fé para usá-lo.

Em Juízes 1, lemos: *“Depois da morte de Josué, os filhos de Israel consultaram o SENHOR, dizendo: Quem dentre nós, primeiro, subirá aos cananeus para pelejar contra eles? Respondeu o SENHOR: Judá subirá; eis que nas suas mãos entreguei a terra”*. Se Israel tivesse continuado neste caminho, tudo teria ido bem, mas não se pode confiar na pobre carne.

Consequentemente, o Livro dos Juízes é uma história de fracassos terríveis. Repetidamente, Israel virava as costas ao Senhor e adorava ídolos; e, frequentemente, Ele os livrava das mãos de seus inimigos. Mas o Livro dos Juízes, não só nos fala de fracassos repetidos, mas também nos fala de vários reavivamentos espirituais pela misericórdia de Deus.

De vez em quando, homens de fé eram levantados (Gideão foi o mais brilhante de todos), que se apegaram a Deus por causa de Seu povo rebelde, e eram usados por Ele para livrá-los de seus opressores e levá-los de volta ao seu Deus.

O de Davi foi o maior reavivamento de todos, tudo estava em ruínas quando Senhor o tirou do aprisco das ovelhas e o tornou rei sobre Seu povo. O sacerdócio tinha decaído moral e espiritualmente, e o rei escolhido pelo povo estava morto, e o excelente Jônatas com ele: *“Então, o Senhor despertou como de um sono, como um valente que grita excitado pelo vinho”* (Salmo 78.65).

Em Davi e no Monte Sião, Ele deu ao Seu povo um novo começo na graça. Mas os efeitos de todos os reavivamentos eram, todavia, transitórios. Daqueles reavivamentos passados, pôdesse, especialmente, mencionar os dos dias de Jeosafá e de Ezequias.

Josias foi o último instrumento graciosamente levantado por Deus antes que Ele sentisse *“o javali da selva a devasta, e nela se repastam os animais que pululam no campo”* (Salmo 80.13). Desde aquela terrível catástrofe, que perturbou toda a ordem das nações, conforme determinado pelo Altíssimo, o povo de Israel não tomou posse

da terra. Perdeu-se todo direito a ela, que o orgulho e a obstinação dos judeus vai poder dizer em nossa época. O povo não voltará a possuir a boa terra até que venha Aquele que, por direito, reinará nela. Então a graça vai dar o que a retidão agora se recusa e a semente de Abraão desfrutará de descanso e da paz para sempre.

Ao falarmos de Josias como último reavivalista de Israel, eu não estou negligenciando o fato de que ele era o rei de Judá. Seu pequeno Reinado incluía (territorialmente) as duas tribos de Judá e Benjamin, que por si só permaneceram até a casa de Davi, após a grande divisão que se seguiu à morte de Salomão.

As dez tribos que se revoltaram naquela época e fizeram Jeroboão, filho de Nebate seu rei, não foram reunidas a seus irmãos nesta época. Em vários momentos, o Reino de Judá recebeu valiosos acréscimos das almas que deixaram o Reino do Norte por causa de seus males terríveis, e migraram para o Sul, onde (pelo menos, sob certos reis piedosos) a Palavra de Deus ainda era, de certa forma, respeitada (2 Crônicas 11.13-17). O vigor espiritual, que leva à separação do verdadeiro mal, é sempre precioso aos olhos de Deus (2 Timóteo 2.19-22). Ele odeia mera belicosidade (2 Timóteo. 2: 24).

Embora a maioria do povo de Deus não reconheça sua autoridade (e de fato, muitos deles já não estavam mais na terra, tendo sido levados pelos Reis da Assíria). Josias, sendo um homem de fé, considerou os poucos que restaram da nação que já foi, outrora, tão numerosa quanto a areia do mar, como representantes de Israel. A unidade do povo de Deus era muito verdadeira e preciosa para ele, não obstante os séculos de erros graves.

Sobre a mesa santa no santuário de Jerusalém ainda permaneceram os doze pães com incenso puro sobre eles (Levítico 24.5-9; 2 Crônicas 13.11), ensinando que Seus próprios estão sempre sob o olhar de Deus e cobertos com toda a acessibilidade de Cristo.

O que Deus viu em Sua graça, Josias viu na simplicidade de sua fé. No mesmo princípio, Paulo, vários séculos mais tarde, falou de “*nossas doze tribos*” (Atos 25.7), e Tiago endereçou sua epístola às “*doze tribos que estão dispersas, saudação*” (Tiago 1.1).

Josias viveu no final da noite da história nacional de Israel; nós estamos vivendo no final da noite da história da Igreja. Para Israel, o tempo de repúdio divino e banimento estavam próximos (Os 1.9; 9:3). Para o cristianismo algo análogo é iminente. Aquele que é Santo e Puro vomitará em breve de Sua boca a falsa multidão que professam ser cristãos, mas não o são (Apocalipse 3.16). Os ramos sem frutos serão cortados da oliveira de Deus (Romanos 11.22). Todos os que são verdadeiramente de Cristo serão arrebatados para encontrar seu Senhor nos ares (1 Tessalonicenses 4.17).

Na sua época, Josias foi confrontado com a divisão, a confusão e todas as obras más. As mesmas coisas que nos confrontam hoje. O jovem rei ficou profundamente tocado pela Palavra escrita de Deus quando ela foi trazida diante dele e ele estava determinado a ser obediente em tudo. A sensação de que a hora se aproximava e que a situação era insustentável, não se verificou na alma de Josias o sentimento de responsabilidade. Os costumes dos anciões foram postos de lado e todos os vestígios do mal na terra foram erradicados para o melhor de sua capacidade.

Muitos professavam seguir o Rei no seu zelo santo, mas, o Senhor que conhece os segredos de todos os corações, disse: “*não voltou de todo o coração para mim a sua falsa irmã Judá, mas fingidamente*” (Jeremias 3.10). Em todas as épocas, as pessoas gostam de se deslocar com a maré. Se a maré está fluindo para a direita (como na Reforma Protestante) muitos a seguem - exteriormente; mas se a maré está fluindo na direção errada, a multidão a segue alegremente. A última situação foi vista nos dias dos piores reis de Israel e temos visto isso, também, no meio dos cristãos.

As Escrituras que influenciaram Josias, de maneira tão maravilhosa, foram principalmente os cinco livros de Moisés. Nós somos muito mais favorecidos do que ele, porque temos em nossas mãos a revelação completa de Deus. É nosso hábito ler, marcar, aprender e digerir interiormente? Ou é possível que a agitação do século vinte e um, com todas as atrações que a inquietação da carne forneceu a todos, é desviar-nos do estudo da Palavra de Deus? Almas tolas somos nós, se for assim.

As Escrituras, quando meditamos nelas, levam-nos à presença de Deus; expõem nossas consciências e diminuem nossas afeições espirituais. Elas nos enriquecem divinamente. O prazer nos leva à ação. Todo o mal em nossas vidas é expulso. Ao Examinar nossas associações eclesiásticas, elas resistirão ao teste da Palavra de Deus? As Organizações religiosas e a comunhão que traem a mão humana, nós renunciamos a elas tão fervorosamente quanto Josias renunciou e destruiu a muitos males religiosos que enchiam o seu reino.

A Igreja se levanta diante de nossas almas, em sua unidade maravilhosa como corpo de Cristo e habitação de Deus e, em sua luz, procuramos andar pela graça enquanto esperamos pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.

oOo

Buscando ao Senhor

Por ter sido trazido a Deus na minha juventude, era uma espécie de costume para mim, ao mover pelo mundo, questionar a quaisquer amigos com que idade se converteram; e foi muito interessante descobrir que a grande maioria deles foram salvos em sua “adolescência”. Alguns podem traçar sua história espiritual ainda mais para trás.

Uma senhora de piedade excepcional, que vive numa cidade em *Staffordshire*, me contou, no seu septuagésimo oitavo aniversário, que ela tinha “partido o pão” durante setenta anos! Isso significa que ela confessou o nome do Senhor e foi aceita por seus irmãos para o Batismo e Comunhão da Igreja quando tinha apenas oito anos de idade! Esse caso é, sem dúvida, muito raro, mas nos prova o que a graça de Deus pode fazer.

Em outubro de 1945 me contaram da morte triunfante de um homem que foi salvo através da minha instrumentalidade em Londres em 1883! Ele tinha doze anos de idade naquela época. Muitos anos atrás, eu batizei duas meninas, cada uma com treze anos de idade. Alguns temiam que eu estivesse me arriscando ao fazê-lo, mas a subsequente história delas - como nos dois casos já mencionados - provou que elas eram verdadeiras discípulas do Senhor Jesus. Uma morreu de tuberculose após vários anos de uma vida cristã brilhante; a outra, na hora em que estou escrevendo, é uma cristã exemplar com seus cinquenta e sete anos.

Nosso Deus-Salvador se deleita em perdoar e abençoar transgressores avançados na idade. Manassés, no Antigo Testamento e o carcereiro de Filipenses, no Novo, são exemplos disso. Mas a atitude de nosso Senhor para com as crianças, quando aqui na terra, mostra o quão profundo é o Seu interesse nos jovens.

Muitos dos que foram resgatados no início pela Sua graça, distinguiram-se em Seu serviço mais tarde. Recordamos de Davi e Jônatas, no Antigo Testamento e Timóteo, no Novo. Nenhuma pessoa mais piedosa se assentou sobre o trono da Inglaterra do que Edward VI e Lady Jane Grey (a Rainha dos nove dias), mas ambos tinham apenas dezessete anos de idade quando morreram!

Eu escrevo essas coisas para o encorajamento dos trabalhadores entre os jovens. Por muito tempo, foi minha convicção de que nosso melhor trabalho de Evangelismo é forjado nas Escolas Dominicais e nas Classes de Estudo Bíblico. Não permita que digam que são trabalhos sem valor, porque são, de veras, nossos campos mais frutíferos.

Sobre Josias, lemos: “*Fez o que era reto perante o SENHOR, andou em todo o caminho de Davi, seu pai, e não se desviou nem para a direita nem para a esquerda. Porque, no oitavo ano de seu reinado, sendo ainda moço, começou a buscar o Deus de Davi, seu pai*” (2 Crônicas 34.2-3).

Não há menção de qualquer ajuda espiritual para Josias, como no caso de Joás, mais de um século antes. O último foi favorecido por ter sobre ele, por muitos anos, o seu piedoso tio Joiada (2 Crônicas 24.2). Com Josias havia, provavelmente, relacionamentos mais diretos com Deus. Isso contaria pelo seu estudo de fé e a sua fantástica disposição a serviço de Deus. Mas, se fosse Joás ou Josias, ou o presente escritor e seus leitores, tudo é graça. Cada parte boa que existe em qualquer um de nós é obra do Espírito Santo.

Assim, com a interessante idade de dezesseis anos, Josias começou a buscar o Deus de Davi, seu pai. O homem é um pecador perdido e, por amor ao pecado, se distanciou de seu Criador numa triste escuridão, é sempre urgente que volte a Deus, que tem uma justa reivindicação no amor e na obediência de todas as Suas criaturas, como ele mesmo expressou na lei do Sinai. “*Buscai o SENHOR enquanto se pode achar*”, é a Sua ordem ao perverso. Sua paciência com os pecadores não continuará indefinidamente. Em breve, os homens desejarão “*encontrá-lo*”, e vão descobrir que Ele não está mais “*perto*” (Isaiás 4:6). Paulo, ao abordar os sábios de Atenas, disse-lhes que os homens devem buscar a Deus, e acrescentou: “*bem que não está longe de cada um de nós*” (Atos 17: 27). Que palavras maravilhosas, quando são bem compreendidas! Os muitos santuários que encheram os olhos do apóstolo na capital grega, fizeram-lhe entender que um deus qualquer era tão bom era bom no entender das pessoas daquele lugar. Portanto, pregou-lhes o único Deus verdadeiro e Jesus que ressuscitou dentre os mortos.

E, embora seja sempre o dever de todo homem buscar a Deus, na verdade, eles se recusam a fazê-lo. Tremendas são as palavras solenes do Salmo 53.2: “*Do céu, olha Deus para os filhos dos homens, para ver se há quem entenda, se há quem busque a Deus. Todos se extraviaram e juntamente se corromperam; não há quem faça o bem, não há nem sequer um*”. O grande e gracioso Criador avaliou toda raça humana e não encontrou ninguém que O desejasse, ou que, ao menos, entendesse a finalidade pela qual foi criado! Isto é confirmado no Salmo 15.2-3 e Romanos 3.11-12. Para isso, gostaria de acrescentar o Salmo 10.4: “*O perverso, na sua soberba, não investiga; que não há Deus são todas as suas cogitações*”.

Sendo esta a verdadeira condição das coisas, todos pereceriam em sua terrível loucura, mas pela ação de Deus em graça. Se os homens não O querem, Ele os quer! Logo após a rebelião no jardim, a voz de Deus foi ouvida, dizendo: “*Adão, onde estás?*” (Gênesis 3.9). O Evangelho nos diz (Oh, bendito pensamento!) que Deus é Aquele que busca os homens. Este é o significado da vinda, em nosso meio, de Seu amado Filho.

Consequentemente, no Novo Testamento, os pecadores nunca são obrigados a buscar o Senhor (embora ainda seja responsabilidade deles em fazê-lo), em vez disso, eles dizem que Deus está à procura deles. Quando acusaram o Senhor Jesus de receber pecadores e comer com eles, Ele deu-lhes as maravilhosas parábolas de Lucas 15, onde delineou a graça que busca o perdido, e que acolhe o penitente. Ele comparou-se a um pastor *“buscando aquele que está perdido até encontrá-lo”*.

Quando, mais uma vez, reclamaram por entrar na casa de Zaqueu, o coletor de impostos, Ele disse: *“Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido”* (Lucas 19:10). A graça que busca (oh, tão incansavelmente!) aqueles que a justiça poderia, com certeza, condenar, é maravilhosa! Grande é o nosso Deus! No entanto, cruelmente deturpada por Satanás, com homens insensatos que de bom grado se mantêm em eterna distância do Deus que os ama.

É notório que, quando o Senhor Jesus falou dos *pequeninos*, Ele omitiu a palavra *“procura”*. Tudo que Ele disse foi: *“Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido”* (Mateus 18.11). Mesmo o mais novo está perdido por natureza, mas alguns não tiveram tempo suficiente para desviar-se voluntariamente de seu Deus. Mas eles precisam ser salvos.

Bom, é algo indescritivelmente feliz sermos levados a Cristo na juventude, antes que as tendências diabólicas que estão em todos os corações nos levem à transgressão e ao pecado como o filho pródigo de Lucas 15. C. H. Spurgeon, o mais notável pregador evangélico do século passado, pregou seu primeiro sermão com a idade de dezesseis anos! Em seguida, descreveu sua história espiritual da seguinte forma:

- “Eu olhei para Ele.”
- “Ele olhou para mim”
- “E fomos um para sempre”.

Simple, doce e expressivo! Mas a situação seria mais corretamente declarada dessa forma:

- “Ele olhou para mim.”
- “Eu olhei para Ele”
- “E nós fomos um para sempre”.

homem, em inimizade com Deus, não Deus em inimizade com o homem. O primeiro passo para a reconciliação deve vir do homem, mas nunca é assim, Deus é quem que busca, não o homem. Que Deus! Que graça maravilhosa é a Sua! Paulo, certa vez, cheio de hostilidade, mas agora se regozijando na salvação de Deus, disse: *“Sou grato para com aquele que me fortaleceu, Cristo Jesus, nosso Senhor (...). Transbordou, porém, a graça de nosso Senhor”* (1 Timóteo 1.12-14).

Os “Lugares Altos” de Israel

Com a idade de dezesseis anos (como vimos), Josias voltou-se para Deus. Então, se seguiram quatro anos de preparação espiritual sobre a situação ao seu redor. A sua posição, como rei, fez Josias sentir que não era suficiente estar bem com Deus, interiormente; também sentiu que deveria purificar a terra de suas abominações e guiar o povo de volta a Deus. Neste dia, nós não nos tornaremos *iconoclastas*¹. Não é nossa obrigação pegar em machados e martelos, e destruir imagens e outras coisas que sabemos serem odiosas para Deus. Tudo isso será tratado pelo Senhor Jesus quando Ele se mostra nos Céus, com todo poder e glória do Seu Reino. Nossa obrigação, hoje, é dupla:

Salvar a nossa própria alma, examinando todos os nossos caminhos e associações pela Palavra escrita; e

1. Salvar a nossa própria alma, examinando todos os nossos caminhos e associações pela Palavra escrita; e

2. Usar nossa influência para ajudar os outros a voltarem às “*veredas antigas*” (Jeremias 6.16).

O último item, nós podemos fazer nas conversas íntimas e pelo ministério público, já que Deus nos qualificou para essa obra. Meros discursos, cuidadosamente planejados, com propósitos, divisões, anedotas, aliterações podem ser divertidos, mas é duvidoso se alcançar os corações e as consciências sobre os males dos quais os homens deveriam limpar-se. Foi-se o tempo quando os cristãos carregavam folhetos em seus bolsos, alguns para cristãos e outros para incrédulos. Fico imaginando se isto ainda acontece hoje em dia?

Com a idade de vinte anos, Josias começou a mudar. Cinco versos em 2 Crônicas 34.3-7 estão cheios de registros do Espírito Santo e de seus atos corajosos. Embora cercado por pessoas cuja atitude fosse duvidosa, ele avançou energicamente. As imagens foram quebradas, os altares destruídos e os ossos dos sacerdotes idólatras foram queimados sobre os seus altares. Dessa forma, o jovem rei expressou sua aversão à prática do mal, e dos homens que os conduziram a esse caminho. Josias não se limitou às herdades de Judá e Benjamin, embora ele tenha começado por lá.

Em todas as épocas, os servos de Deus devem testificar, primeiro, perto de casa. Tendo feito isso, Josias se dirigiu para o norte e agiu com vigor em Efraim e Manassés e etc. O poder dominante na região do

¹ Nota do tradutor: aqueles que destroem imagens.

Norte se enfraqueceu com sua atitude, mas o jovem rei assumiu os riscos, confiando em Deus. O testemunho corajoso, em regiões onde a verdade é mais necessária, está clamando hoje, mas estamos muito longe de queremos deixar o conforto das igrejas evangélicas e outros lugares de culto agradáveis. No entanto, por que deveriam os “*evangelistas*” abandonarem sua vocação terrena, se não estão dispostos a fazer um trabalho pioneiro como o Apóstolo fala em Romanos 15.18-24?

É particularmente percebido que Josias “*começou a purificar Judá e Jerusalém nos lugares altos*”. Estes eram muito ofensivos ao Senhor, porque eram a expressão da negligência do povo e, até mesmo, o desprezo pelo Seu lugar santo. Ele definitivamente ordenou ao povo que destruísse todas as imagens dos canaanitas e devastassem seus *lugares altos* (Números 33.52).

Neste ponto, o leitor deveria parar a leitura deste livro e ler Deuteronômio 12. Nesse capítulo, Moisés disse ao povo antes de morrer que entrariam numa terra cheia de ídolos, com lugares de culto “*nos altos montes, sobre os outeiros, e debaixo de toda árvore frutífera*”. Tudo isto era a expressão de obstinação do povo que não conhecia nada sobre Deus e que estava sob a influência enganosa de Satanás, mas o povo de Deus não deve ser como eles. Devem ouvir a Sua voz e obedecê-LO em tudo, especialmente em questões relacionadas à adoração a Deus. Ele escolheu Sua própria habitação e, para lá, as tribos de Israel trariam seus sacrifícios e ofertas. Siló, em Efraim, foi a primeira morada de Senhor (Jeremias 7.12), mais tarde, ele escolheu Sião (Salmo 78.60-68).

O pecado do povo, que fez com que a arca da aliança caísse nas mãos dos filisteus, desencadeou confusão no relacionamento do povo para com o Senhor, pois a arca nunca mais voltou ao Tabernáculo. Davi a trouxe até Sião, fora da casa de Obede-Edom, para uma tenda que ele tinha preparado para ela (1 Crônicas 15), mas o Tabernáculo estava em Gibeão (1 Crônicas 16.39).

Durante os anos de confusão, o povo piedoso adorava nos “*lugares altos*”, mesmo. Samuel fez isso (1 Samuel 60.12-25). Mas essa prática tornou-se pecado depois que o templo foi construído, e encheu-se com a nuvem da presença de Senhor. O próprio construtor do Templo cometeu esse grande pecado. Salomão edificou *lugares altos* para Quemós e para todos os deuses de suas esposas pagãs (1 Reis 11.1-8). Dos dias de Salomão até hoje, a adoração nos *lugares altos* tornou-se intermitente.

Alguns reis a permitiram (ou, pelo menos toleraram); e outros a reprimiram. Senaqueribe, em sua ignorância pagã, achou que Ezequias tinha desagradado o seu Deus, destruindo os *lugares altos* que o povo tinha dedicado à Sua adoração (2 Crônicas 31.12).

Com relação a nós, aprendemos a ser obedientes em tudo na Palavra de Deus, ou estamos em qualquer grau apoiados pelas práticas antibíblicas do cristianismo? Foi dito que, assim como um homem tem o direito de escolher seu próprio advogado e sua própria padaria, então tem o direito de escolher o seu próprio “*ministro*” e o lugar de adoração. Isto é livre arbítrio! Não só Deus é desonrado, mas é prejudicial à alma. As bênçãos e privilégios maravilhosos que são característicos do cristianismo são, em grande maioria, desconhecidos àqueles que buscam essa meta. Com certeza, Ele não nos entregou à nossa própria sorte em matéria de santidade extrema! Com certeza, Ele falou!

Aquele que foi tão preciso nos mínimos detalhes relacionados à adoração de Seu povo terreno, não é indiferente em Seu trato com Seus santos celestiais! Nós não examináramos, então, no espírito de profunda humildade, à Sua Santa Palavra com cuidado e buscaríamos obedecer à Sua graça e ao que está escrito nela, custe o que custar?

Sem o agradável desdobramento do tema adoração, com referência especial à nossa própria época, nós podemos ver isso nas palavras de nosso Senhor à mulher Samaritana em João 4.21-24. As Suas palavras contundentes e de reflexão fez a mulher sentir a gravidade de como tratar a Deus, e ela desejava que Ele a ensinasse onde Deus poderia ser encontrado, porque havia muita controvérsia onde morava a respeito deste assunto. O pai dela tinha adorado durante séculos no Monte Gerezim, mas os judeus afirmavam que em Jerusalém era o lugar onde se devia adorar. Ela estava expondo sua dificuldade Àquele que poderia lhe dar a solução.

Ele era o amado Filho do Pai, que havia descido dos Céus para guiar os corações dispostos à mais doce intimidade que nunca antes haviam conhecido. Ele disse: “*Mulher, podes crer-me*”. Oh, aqueles que estavam dispostos a isso! Oh, aqueles que estavam dispostos a isso, agora em ouvir ao Filho, e acreditar em cada palavra de Seus lábios graciosos! Em vez disso, muitos ouvem à voz de líderes religiosos e os seguem cegamente. “*Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai*”. O dia de lugares religiosos materiais se foi. Aqueles que apontam para um edifício e falam dele como a “*casa de Deus*” estão dois mil anos atrás do que já aconteceu.

Deus, agora sendo revelado como Pai, não ficará satisfeito, a não ser com o transbordar do coração daqueles que estão num relacionamento verdadeiro como crianças: “*Adoração em espírito e em verdade*”, é o que Ele deseja e “*o Pai procura para seus adoradores*”.

Prédios caros, cultos vistosos e belas roupas são uma ofensa para Ele, pois são relíquias do paganismo e do judaísmo. Qualquer construção simples, até mesmo uma casa particular, é suficiente como

local de reunião para os santos de Deus durante a era cristã. O verdadeiro lugar de adoração é indicado em Mateus 18.20: “*Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles*”. Vamos zelar pelos “*altos lugares*” dos homens. Não somos chamados para destruí-los, como Josias fez no passado, mas é nosso dever rejeitá-los e sermos obedientes em tudo à Palavra de nosso Deus.

oOo

A Terra Purificada e a Casa Restaurada

Quanto mais meditamos nas atividades de Josias, mais extraordinário nos parece que um jovem de vinte anos tenha tentado e conseguido coisas maravilhosas para Deus. Não há nenhum indício nos registros sagrados de qualquer apoio por parte dos líderes do povo e pelo próprio povo, também.

Os primeiros capítulos do livro de Jeremias revelam que seus corações não estavam com o rei, em seus esforços piedosos, apesar de não se oporem abertamente a ele. É uma história de fé individual em Deus, por parte de um jovem que percebeu que as coisas estavam muito erradas ao seu redor e que, com seriedade, desejava, com a ajuda de Deus, corrigi-las.

A Palavra de Deus contém muito encorajamento para os jovens. Alguns dos personagens de destaque na Bíblia eram jovens. É suficiente mencionar que José, Jônatas, Davi, Eliú e Timóteo, além de Josias (Jeremias e Zacarias, entre os profetas), eram dois jovens. Estamos vivendo a dispensação e o afastamento de Deus, e a Sua verdade está difundida. Também há uma profunda carência de avivamento espiritual na obra de Deus.

Gostaríamos de apelar para que os jovens pegassem suas Bíblias e exercitassem sua mente e coração naquilo que descobrimos aqui. Você não pode, de maneira nenhuma, desanimar em seus esforços por causa do criticismo dos mais velhos. Devemos sempre tratar com respeito o que outros nos dizem, mas não devemos permitir que violem os nossos corações e nos levem de volta ao pecado. Os mais velhos tendem a enraizar-se nos seus caminhos e limitar-se em sua percepção.

Com eles, muitas vezes, o que foi ainda deve ser, toleram a situação sem reconsideração! As garras da tradição podem ser muito fortes e prejudiciais mesmo àqueles que ficaram muito tempo distante dos males dos anciãos da cristandade. É possível rejeitar as tradições

de mil anos e ainda estar escravizado às tradições de quase cinquenta anos.

Queridos irmãos mais velhos, é um idoso de larga e vasta experiência que está se dirigindo a vocês. Não desencorajem os jovens! Não desprezem os Josias de vinte anos de idade. Você pode, talvez, sentir que, interiormente, as coisas não são como deveriam ser, e possivelmente há em você uma sensação de cansaço devido ao declínio de suas forças, que pode dispor para definir as coisas como elas são, em vez de falar e agir com ousadia para Deus.

Entreguem-se à oração para que Deus tenha prazer de levantar jovens fiéis, mas tome cuidado de como você entorpece o vigor deles quando este começa a operar. Pode ser que os jovens sejam problemáticos nas igrejas; mas assim são os homens que estão longe de serem jovens. Já não temos visto irmãos assumindo o trabalho de supervisão sem qualquer qualificação espiritual? E não têm esses homens, numa exibição de autoridade, às vezes mesquinhas, bloqueado as atividades espirituais?

Os jovens nunca devem desprezar o conselho dos mais velhos e os mais velhos não devem desencorajar o zelo dos jovens. Vamos ajudar uns aos outros para uma melhor compreensão da vontade do Senhor.

Josias estava deseioso de preservar a Páscoa do Senhor. Esta era a grande festa da Fundação de Israel. Sob a proteção do sangue do Cordeiro, o povo foi poupado do julgamento que caiu sobre os egípcios. Deus queria que isso fosse mantido como memória perpétua por um povo agradecido. Ai de mim! A festa não tinha continuidade. O Cordeiro Pascoal era o tipo de Cristo que *“foi imolado”* (1 Coríntios 5.7). A Ceia do Senhor difere um pouco da Páscoa por que não é um mero memorial de um grande livramento, mas a lembrança da Pessoa que efetuou a nossa libertação: *“Fazei isto em memória de MIM”*, foram as palavras de nosso Senhor (Lucas 22.19).

A Páscoa de Josias foi mantida no décimo oitavo ano do seu reinado, quando tinha vinte e seis anos de idade (2 Crônicas 35.19). A purificação da terra e do templo levou um tempo considerável. O rei, corretamente, sentiu que o Senhor devia ser adorado num ambiente puro: *“Exaltai ao SENHOR, nosso Deus, e prostrai-vos ante o seu santo monte, porque santo é o SENHOR, nosso Deus”*. Assim falou o Salmista (Salmo 99.9). Em Oseias 9:9, Deus falou de Si mesmo como *“o Santo no meio de ti”*.

Cada chefe de família em Israel era responsável por conservar em sua casa qualquer traço de fermento antes da Páscoa, e que qualquer momento poderia ser adequadamente conservado (Êxodo 12.15).

Nos dias de Josias, a terra estava cheia de abominações; não só os próprios ídolos, mas também as práticas imundas que estão sempre

relacionadas à idolatria. São, aparentemente, necessários oito anos de uma ação enérgica para se obter algum resultado. Nenhum mal ficaria encoberto se Josias pudesse evitá-lo, mas ele não podia ver o interior do coração do povo, onde, infelizmente, em muitos casos, ainda habitava o mal.

A ordem de Josias é instrutiva. Primeiro, ele purificou a terra e o templo; depois, ele *“reparou a Casa do SENHOR, seu Deus”*. Desse modo, sentiu-se preparado em reunir o povo para preservar a festa.

Um século antes, Ezequias realizou uma grande Páscoa em Jerusalém, mas havia muitas irregularidades relacionadas com a sua observância e, por esta razão, Ezequias, humildemente, buscou o perdão do Senhor para o Seu povo (2 Crônicas 30.18-20). Mas Josias teve o cuidado para que tudo fosse feito rigorosamente de acordo com a Palavra escrita.

Jeremias iniciou seu ministério profético no décimo-terceiro ano do reinado de Josias (Jeremias 1.2). O sétimo capítulo deve ser lido com atenção neste momento. Jeremias foi divinamente orientado a ficar no portão da casa de Senhor e falar solenemente ao povo dos devaneios deles e dos juízos que viriam sobre eles. A casa em Jerusalém logo seria divinamente abandonada como foi o Tabernáculo em Siloé, tempos atrás. Mas é sempre a maneira graciosa de Deus avisar antes que Ele levante Sua mão para destruir.

A história das atividades de Josias serve como uma voz de alerta para nós hoje. O cristianismo está repleto de abominações religiosas e vendo que a luz mais brilhante iluminou de uma maneira que Israel jamais experimentou, a culpa é maior. A chamada à separação em 2 Coríntios 6.14-18 tem referência primária às misturas religiosas: *“retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras”*.

A última Epístola inspirada de Paulo deixa claro o caminho que as almas fiéis devem trilhar. Depois de falar das doutrinas perigosas e da deplorável confusão dos vasos de honra misturados com vasos de desonra, o apóstolo diz: *“se alguém a si mesmo se purificar destes erros, será utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor, estando preparado para toda boa obra”* (2 Timóteo. 2.21). Tanto nos dias de Josias, como no nosso, a purificação é necessária se Deus deva ser glorificado.

A Igreja de Corinto foi acusada de *“lançar fora o velho fermento”* (1 Coríntios 5.7). As palavras do Espírito Santo, através do apóstolo, mexeram com a consciência deles e as maldades foram julgadas. Em sua segunda epístola, ele foi capaz de dizer: *“Em tudo destes prova de estardes inocentes neste assunto”* (2 Coríntios 7.11).

Mas quando o mal se estabelece, a ação individual é imperativa e o homem que iria com Deus deve se purificar. Este é o claro ensino de 2 Timóteo 2. Mas ele (ou ela) que é trazido a esta dolorosa necessidade deve, então, olhar à sua volta, para outros que estão igualmente desejosos em andar “*nos caminhos do Senhor*”. “*Segue a justiça, a fé, o amor e a paz com os que, de coração puro, invocam o Senhor*”, não é o simples acesso a uma posição eclesiástica mais elevada.

Um trabalho espiritual interior mais profundo indica que isto afeta todo comportamento de alguém em todas as esferas da vida. A negligência dessas excelências morais naqueles que se vangloriam de separação do mal eclesiástico é a inconsistência do caráter de alguém.

Sem purificação, no entanto, é uma única vez. Aqueles que, publicamente repudiaram as dolorosas despedidas do mundo cristão da vontade de Deus, deveriam vigiar em sua conduta continuamente, “*purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus*” (2 Coríntios 7.1).

Particularmente, isto é necessário quando adentramos na assembleia dos Santos e devemos examinar a nós mesmos (1 Coríntios 11.28). Um servo de Cristo disse certa vez que seria melhor se todos os santos de Deus passassem uma hora tranquila todas as noites de sábado em exercício espiritual e preparação para os cultos do *Dia do Senhor*. Vale a pena considerar isto. Josias teria dito: “*à tua casa convém a santidade, SENHOR, para todo o sempre*” (Salmo 93:5). A isso vamos acrescentar nosso reverente AMÉM.

.oOo.

“Fiel no Pouco”

Preocupar-se por sua casa e a devida ordem é sempre precioso aos olhos de Deus. Desde o notável Pentecostes de Atos 2, quando o Espírito Santo desceu do Céu, a casa de Deus não tem sido uma estrutura material, assim como o Templo em Jerusalém é um edifício espiritual, composto de pedras vivas, homens e mulheres participantes da vida eterna através da graça.

O apóstolo Paulo, na sua epístola a Timóteo, nos fala claramente o que é a casa de Deus na era cristã: “*Escrevo-te estas coisas, esperando ir ver-te em breve; para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade*”. Deus se deleita em habitar entre o povo que Ele redimiou, seja ele, Israel ou cristãos. Mas Ele insiste na pureza e

na ordem. Oh, que sejamos tão zelosos como o jovem rei Josias, para que Deus possa ser glorificado em Sua própria casa!

A reparação do Templo foi realizada de forma diligente. O trabalho parece ter sido iniciado no décimo oitavo ano do reinado de Josias, e a Páscoa foi mantida no mesmo ano (compare 2 Crônicas 34.8, com 35.19). Contudo, a Páscoa era uma festa de Primavera, determinada para o mês de *Abibe*. No tempo de Ezequias, a festa teve que ser adiado até um mês depois porque nem o templo, nem o povo estavam prontos (2 Crônicas 30.13-15), mas Josias e seu povo “*mataram o cordeiro da Páscoa no décimo quarto dia do primeiro mês*” (2 Crônicas 35:1), de acordo com a ordem divina original (Êxodo 12.18).

Isto prova que os trabalhadores colocaram seu coração no trabalho de preparar a casa para o Senhor, seu Deus. Está escrito em Eclesiastes 9.10: “*Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças*”. Em Colossenses 3.23, até mesmo aos escravos se diz: “*Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens*”. Isto não é uma doutrina aceitável em nossos dias. As classes “*trabalhadoras*” (assim chamadas) parecem empenhadas em valorizar ao máximo e pagar o mínimo de esforço! Que os santos de Deus possam cuidar do espírito de desordem a sua volta, e dar ouvidos a uma outra exortação das palavras do Apóstolo Paulo: “*E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai*” (Colossenses 3.17).

Isto põe tudo no seu devido lugar e os obreiros fiéis podem estar certos que o Senhor os glorificará na Sua vinda, que haverá recompensa suficiente para qualquer acusação que, todavia, possa vir sobre eles dos seus semelhantes.

Quando o muro de Jerusalém foi reconstruído depois da volta do remanescentes do cativo, Neemias registra: “*o povo tinha ânimo para trabalhar*” (Neemias 4.6). Josias havia dito o mesmo dos homens contratados por ele. Alguns anos atrás, uma quantidade de irmãos, numa cidade da Escócia, construiu, com suas próprias mãos, um excelente salão para o culto deles. Quando recusarem uma boa soma em dinheiro para essa finalidade, os trabalhos para o qual foram contratados teve que fechar por falta de encomendas. Os irmãos concluíram que este era o tempo de Deus para a construção do salão. Portanto, trabalharam com vontade dia e noite, por muitas semanas, para que pudessem aprontar o telhado e o edifício o mais rápido possível antes da reinauguração. Cinquenta ou mais homens cujos salários estavam suspensos, labutando por causa do amor! Que espetáculo para homens e anjos: “*Pessoas com uma só mente no trabalho!*”.

Um padre local relatou ter dito que, se ele tivesse um grupo de homens como aqueles construtores, ele se mudaria para a Escócia! Pela misericórdia de Deus, nenhum deles estava disponível para ele. Quanto menos padres, melhor para a Escócia, e para todos os outros países.

Que contraste em tudo nos dias de Ageu! Pois o povo se encontrava um pouco desencorajado na reconstrução do Templo, em vez disso, eles pararam suas operações, e trabalharam para construir casas para si mesmos: *“Assim fala o SENHOR dos Exércitos: Este povo diz: Não veio ainda o tempo, o tempo em que a Casa do SENHOR deve ser edificada”*. Tal indiferença foi muito desagradável. Àquele que tinha sido tão bom para o Seu povo errante, e Ele lhes enviou uma censura pelo profeta Ageu, dizendo: *“Acaso, é tempo de habitardes vós em casas apaineladas, enquanto esta casa permanece em ruínas?”* (Ageu 1.1-4). O Senhor achou necessário castigar o Seu povo por sua apatia, e toda a bênção foi retida até que recomeçassem a trabalhar no Templo, e prosseguiram vigorosamente nisso, na fé. Então os seus celeiros se encheram novamente de coisas boas.

Somos impactados com o registro do Espírito Santo que, nos dias de Josias, os homens foram tão conscienciosos que não foi preservada nenhuma conta da quantidade do dinheiro gasto; quantia que deve ter sido considerável. A palavra *“fielmente”* é usada em duplo sentido:

- 1) *“Os homens procederam fielmente na obra”* (2 Crônicas 34.2); e
- 2) *“Porém não se pediu conta do dinheiro que se lhes entregara nas mãos, porquanto procediam com fidelidade”* (2 Reis 22.7).

Esses homens devem ser imitados. Eles não eram meros *“bajuladores, para agradar aos homens”*; eles trabalharam *“em singeleza de coração, temendo ao Senhor”* (Colossenses 3.22). A Grã-Bretanha poderia fazer muito com milhões desses trabalhadores hoje. O problema de habitação, então, seria rapidamente resolvido, e que trabalho excelente seria feito! E se se pudesse confiar nos homens para que usassem o dinheiro empenhado, comprando os melhores materiais possíveis, e não exigindo mais salários além do que é justo – mas, talvez, estejamos sonhando! Tais condições não podem ser esperadas, em geral, até os tempos milenares, em que todos os que temem a Deus e reverenciam a Sua Palavra procurarão ser, pelo menos, como os trabalhadores de Josias.

Talvez, em nada, os filhos de Deus sejam geralmente infiéis como no manejo do dinheiro. Há muito gasto em luxúrias, e muito pouco disperso em missões e nem sempre com sabedoria. Quando é que vamos aprender a não gastar, nem a dar sem buscar a orientação de Deus? Em Lucas 16, o Senhor Jesus, depois de falar do mordomo

injusto que tão habilmente manipulou as circunstâncias para seu próprio proveito, disse: *“Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito”*. *“Pouco?”*. É assim que os homens consideram o dinheiro? Note também as palavras de nosso Senhor: *“pois aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus!”*.

Em 1 Timóteo 6, o Apóstolo tem muito a dizer sobre este sério assunto. Nos versículos 9 a 11, ele adverte os santos que não são ricos, mas que aspiram ser, que há perigos adiante dos homens. Estes persistindo em tais propósitos, com frequência, *“afogam os homens na ruína e perdição”*; e o amor ao dinheiro *“a si mesmos se atormentaram com muitas dores”*. Nos versículos 17 a 19, o apóstolo acusa aqueles que já são ricos para que não *“deponham a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento”*, e a estarem prontos *“a praticar toda boa obra”*.

Não há nada errado em possuir riqueza (marque a palavra *“proporcionar”*), se obtemos riqueza com honradez, mas quando consideramos que, Aquele a quem devemos nossa riqueza eterna, não tinha onde reclinar a cabeça, e quando, também, lembramos que Ele ainda é *“desprezado e o mais rejeitado entre os homens”*, para possuir grandes somas de dinheiro nos coloca numa posição de grande responsabilidade, no perdão da dívida de que precisamos da graça diária e contínua.

Referindo-se novamente a Lucas 16, podemos *“das riquezas de origem iníqua fazei amigos”*, se nosso coração se dispuser a isto (versículo 9), ou podemos fazer inimigos pelos mesmos motivos. Aqueles que são generosos e bondosos são amados. Mas aqueles que são egoístas e arrogantes, por causa de sua riqueza, são odiados. Oh, que o mesmo possa ser dito a nosso respeito como os trabalhadores de Josias: *“Procediam com fidelidade!”*

oOo

Sem qualquer dívida!

As condições do Templo eram deploráveis quando Josias foi lá repará-lo, para que servisse de divina adoração. Seus maus antecessores, em seu desprezo por tudo que era de Deus, tinham causado muitos estragos ao edifício sagrado, mas mãos dispostas e corações dedicados rapidamente colocaram tudo em ordem, como já vimos.

Chegamos à conclusão em 2 Crônicas 34.8-13, que as relações entre os carpinteiros, os pedreiros e seus supervisores eram cordiais e harmoniosas. Esses versículos deixam a leitura mais agradável. E nos fazem lembrar como Boaz e seus segadores ficaram agradecidos por terem trabalhado em união (Rute 2.4). Que lições esses registros contêm para todos os que querem agradar a Deus nestes dias turbulentos!

Voltamos à declaração de que não houve acerto de contas com os homens que lidavam com o dinheiro “*porquanto procediam com fidelidade*”. Podemos ver isso na contabilidade do “*Rei*”, escrito antes dos livros das Crônicas. É notório que a mesma coisa se diz dos trabalhadores nos dias de Joás e Joiada (2 Reis 12.15; 22.7). Com certeza, vão perguntar:

- “*Essa é a ação habitual de Deus? Deveria o exemplo dessas pessoas de tempos passados serem o modelo a seguirmos hoje?*”.

A resposta é:

- “*Não!*”.

A época de Joás e Josias foi excepcional. A cada reinado, um grande reavivamento espiritual acontecia. Depois de muitos anos de terrível transgressão, o povo (ou, pelo menos, uma parte dele) estava se voltando para Deus. O coração e a consciência estavam trabalhando em Sua Santa vontade. Sendo assim, medidas de precaução contra a fraude eram um mal necessário.

Mas nosso Deus está acima de todos os Reis, um Deus de ordem, e Ele se delicia em ver o Seu povo zeloso em todos os seus caminhos e, particularmente, onde o dinheiro é a causa. É claro que é possível tornar-se metódico em tais assuntos, e a igreja de Deus não pode ser algemada por meras formalidades e regras. Mas as aparências têm que ser consideradas: “*esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens*”. (Romanos 12.17). Na excelente tradução do Sr. Darby há uma nota de rodapé para as palavras “*fazer o bem*”:

- “*Se importando por antecipação pelo que é belo e decente*”.

Nos dias do apóstolo Paulo se contribuía com grandes somas em dinheiro de vários grupos de gentios para ajudar os seus irmãos necessitados da Judeia. Não era incomum que ansiassem que Paulo levasse suas contribuições a Jerusalém, pois ele era o pai espiritual desses cristãos gentios, e naqueles dias não havia saques bancários e nem vale postal. Todavia, embora Paulo estivesse satisfeito por participar deste trabalho da graça, insistiu para que tivessem cooperadores – homens cuidadosamente escolhidos pelas assembleias para essa missão.

Os capítulos 8 e 9, de sua segunda epístola aos Coríntios, são merecedores de uma leitura bem cuidadosa. Estes capítulos foram

descritos como o “*sermão da caridade de Paulo*”. Todo ele é excelente. O Senhor Jesus é apresentado como o nosso grande exemplo em matéria de generosidade: “*Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos*”.

Com tais palavras soando em nossos ouvidos e em nossos corações, seremos liberais, entendendo que devemos infinitamente mais do que jamais seremos capaz de contribuir. Disse Davi: “*Quem sou eu, e quem é o meu povo para que pudéssemos dar voluntariamente estas coisas? Porque tudo vem de ti, e das tuas mãos to damos*” (1 Crônicas 29.14). Paulo diz sobre os santos da Macedônia que tinham contribuído financeiramente com os irmãos na Judeia: “*Deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus*” (2 Coríntios 8:5).

Débora falou de alguns em sua época: “*O povo se ofereceu voluntariamente*” (Juízes 5.2,9). Há o registro de um dos oficiais de Josafá, que “*voluntariamente, se ofereceu ao serviço do SENHOR*” (2 Crônicas 17.16). Em todas essas situações, Deus estava em primeiro lugar em suas mentes; eles se renderam e tudo que tinham Lhe entregaram, em gratidão por tudo que Ele fizera por eles.

Os santos da Macedônia eram pobres em comparação com seus irmãos de Corinto, mas a sua “*profunda pobreza*” era acompanhada pela abundante alegria no Senhor (2 Coríntios 8.2). Tem sido observado com frequência que os pobres dão muito mais em proporção aos seus recursos do que os ricos: a viúva com suas duas moedinhas abrindo caminho para esta graça (Lucas 21:1-4).

Cerca de cinquenta e cinco anos atrás, quando uma coleta geral estava sendo feita para um objetivo especial, o irmão que consentiu agir como tesoureiro no assunto, chamado ao meu escritório em Londres, certa manhã e fez duas cartas para que eu lesse. Uma era de um irmão que ocupava um bom cargo no Governo, (sem família para sustentar), desembolsando dezesseis xelins, com um pedido de desculpas pela insignificância da quantia, porque (como disse) “*nossa igreja não é grande*”. O outro era de uma mulher idosa, que sobrevivia fazendo faxina (porque não havia pensão por idade naqueles dias), desembolsando cinco xelins com profundo pesar por não poder enviar mais! Eu não tenho vergonha de confessar que o irmão que trouxe as cartas, e eu também, derramamos algumas lágrimas em meu escritório, naquela manhã. “*Deus abençoe a querida mulher*”, dissemos num só acorde. Irmãos, não sejam mesquinhos! Lembre-se que o seu Senhor deu o Seu tudo - sim, Entregou-Se por você!

O apóstolo disse aos irmãos que foram acompanhá-lo a Jerusalém com a oferta dos gentios: “*São mensageiros das igrejas e*

glória de Cristo” (2 Coríntios 8.23). Que maior privilégio é estarmos no tribunal de Cristo? Os homens foram cuidadosamente selecionados por seus irmãos como administradores nos quais podiam ter total confiança. Em contraste com isso, o caso de Judas Iscariotes vem à nossa mente. Como foi que ele se tornou tesoureiro do grupo apostólico nos dias do Senhor Jesus? É impensável que o próprio Senhor o escolheu para tal serviço. Ele não disse certa vez: “*um de vós é diabo?*” (João 6.70). Ele não estava consciente, como o leitor de todo coração que, o amor ao dinheiro era a armadilha particular de Judas? Será que Ele, que é sempre compassivo e misericordioso, por causa da fragilidade da fraqueza da carne, exporia qualquer pessoa à tentação? Ele não ensinou os discípulos a orar “*nos deixes cair em tentação?*” (Mateus 6.13). Como, então, Judas se tornou guardião das finanças? Seus companheiros devem tê-lo escolhido para esta função; certamente não por sua graça espiritual, mas, sim, por sua sagacidade nos negócios. Erro fatal! Funcionou desastrosamente, como sabemos. Alguns anos depois, o infeliz Judas “*foi-se para seu próprio lugar*”. O apóstolo João escreveu sobre ele: “*Não porque tivesse cuidado dos pobres; mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava*” (João 12:6).

Possivelmente, foi com o terrível caso de Judas em mente que os Apóstolos mandaram os santos em Jerusalém procurar no meio deles sete homens para distribuir suas provisões, mas deviam ser “*homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria*” (Atos 6.3). Estas são, com certeza, grandes qualificações, mas Deus somente aceita ser servido por homens de poder e graça espiritual. Os homens não deveriam ocupar cargos de destaque apenas por causa de sua posição no mundo. Isso é pura carnalidade e nada de bom resulta disso. É tão importante ter homens cheios do Espírito para lidar com as finanças, para pregar e ensinar publicamente as obras do Senhor Jesus. Muitas empresas dos santos de Deus fariam bem em discutir perante Deus sobre este assunto.

Concluimos, portanto, que Deus cuida da contabilidade de Seus servos obedientes, tanto individualmente quanto coletivamente. Nossos próprios livros devem ser mantidos de modo que o Fiscal, caso necessite examiná-los, possa ver, na hora, que somos homens honrados; e os livros contábeis da Igreja estejam em ordem, acima de qualquer suspeita.

Mais uma vez, gostaríamos de lembrar que os trabalhadores de Josias, no trabalho deles e na movimentação do dinheiro do povo “*procediam com fidelidade*”. O Espírito Santo diz em 1 Coríntios 4.2: “*O que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel*”.



O Livro da Lei é Encontrado

Era uma bênção para o jovem rei Josias “*buscar o Deus de Davi, seu pai*”. Deus é facilmente encontrado por aqueles que O desejam, mas a revelação plena de Quem e o Que Ele é, não poderia acontecer até que o Filho Unigênito, que está no seio do Pai, descesse do céu para anunciá-Lo. Antes de Sua vinda, os fiéis em Israel conheciam e confiavam em Deus como o Senhor mantenedor da aliança. Nós, que vivemos a época de Sua ressurreição na Cruz e que temos recebido a unção do Espírito Santo, conhecemos a Deus como Pai, e temos a certeza de que somos Seus servos, filhos e herdeiros. O Pai nos ama como Ele ama Seu Filho. Aprendemos esta maravilhosa verdade dos lábios de Seu próprio Filho (João 17.23).

Embora Josias viesse conhecer a Deus no início da vida e logo começasse a servi-Lo no meio do povo, foi algum tempo antes que entrasse em contato com a Palavra escrita de Deus. Não havia Bíblias impressas naqueles dias, possibilitando que todos possuíssem cópias das Escrituras, nem as Escrituras estavam totalmente escritas.

Não percebemos como somos favorecidos, em nossos dias, com a Palavra de Deus em sua totalidade abundantemente impressa, e obtida a um custo razoável? Estamos apercebidos de que essa imensa riqueza espiritual está ao nosso alcance e estamos valorizando isso?

O ouro e os diamantes não são encontrados sem trabalho e os homens anseiam sofrer fadigas, a fim de encher suas bolsas com esses metais preciosos que - depois de tudo - só valem por determinado tempo! Oh, quem dera fôssemos tão diligentes em nossa busca pelas coisas grandes e maravilhosas contidas no livro de Deus. Estas têm valor eterno.

Enquanto os reparos do Templo estavam em andamento, “*Hilquias, o sacerdote, achou o Livro da Lei do SENHOR, dada por intermédio de Moisés*” (2 Crônicas 34.14). Ele comunicou a sua grande descoberta a Safã, o escriba: “*Achei o Livro da Lei na Casa do SENHOR. Hilquias entregou o livro a Safã, e este o leu*” (2 Reis 23.8.). Safã foi sábio, porque a Bíblia fechada é inútil para qualquer um. O filho deste homem se tornou um líder idólatra (Ezequiel 8.11). Sobre ele, evidentemente, a Palavra de Deus não tinha poder.

O que foi que o Sumo-Sacerdote achou e que tão profundamente comoveu o Rei quando Safã o leu diante dele? Era o livro original da lei escrito por Moisés no deserto?

Após o retomo do cativo na Babilônia, foram feitas cópias da lei, e foram lidas no sábado para o povo nas sinagogas construídas para esse propósito. Nosso Senhor, com liberdade, utilizou essas edificações, em que foi dada liberdade a qualquer um para exortar a congregação, caso fosse competente para fazê-lo. Os Apóstolos também usaram as sinagogas para o mesmo propósito (Lucas 4.17,44; Atos 9.20; 13.14). Mas não há evidências claras de que houvesse cópias da Palavra de Deus nas sinagogas, existiam nos dias dos Reis. Era esse o livro que Hilquias achou no Templo, a obra original de Moisés? Uma pergunta interessante, mas difícil de responder.

O início da história da Palavra escrita pode ser proveitosamente considerado aqui. A primeira ordem registrada para que escrevesse os mandamentos do Senhor para o Seu povo é encontrada em Êxodo 17.14: *“Então, disse o SENHOR a Moisés: Escreve isto para memória num livro e repete-o a Josué; porque Eu hei de riscar totalmente a memória de Amaleque de debaixo do céu”*. Logo depois disso, o próprio Senhor escreve algo. As tábuas de pedra, contendo os dez mandamentos foram escritos com o *“dedo de Deus”*. Estas (as segundas tábuas) foram chamadas *“o testemunho”*, porque, nelas, Deus falou aos homens e elas foram depositadas na Arca da Aliança (Êxodo 25.16; 31.18).

Quando Moisés completou seu quinto livro, ele *“deu ordem aos levitas que levavam a arca da Aliança do SENHOR, dizendo: Tomai este Livro da Lei e ponde-o ao lado da arca da Aliança do SENHOR, dizendo: Tomai este Livro da Lei e ponde-o ao lado da arca da Aliança do SENHOR, vosso Deus, para que ali esteja como testemunha contra ti”* (Deuteronômio 31.25,26). Aprendemos com isso que o livro da lei foi preservado na casa de Deus, no lugar Santíssimo.

Então, Hilquias achou o livro sagrado, exatamente onde deveria ser achado. Mas ficou, com certeza, pouco conhecido por muitos anos pelo reino de Josias. Parece ter ficado perdido, coberto de lixo na casa de Deus e durante seu reinado; e, por isso, pouco valorizado para que alguém se interessasse por ele! Que imagem do que aconteceu no cristianismo! A casa de Deus, conforme estabelecida no Dia de Pentecostes é *“a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade”* (1 Timóteo 3.15).

Nos tempos dos apóstolos, a verdade era amada e ardentemente propagada em todas as direções, mas, com o passar dos séculos, *“a Igreja”* se tornou, de tal modo, grosseiramente infiel e mundana que a verdade estava quase perdida. Todas as situações eram controladas pelas pretensões sacerdotais e ordenanças eclesíásticas, deslocando a Palavra de Deus quase que inteiramente. Para fins práticos, a Palavra

foi enterrada sob o acúmulo de lixo, muito mais do que nos dias do rei Josias.

Um dos resultados mais felizes da Reforma Protestante foi que as Escrituras ficaram ao alcance do povo em muitas terras. Mais uma vez, foi permitido aos homens ouvir a voz do seu Deus, separado das interpolações humanas. Com que ansiedade os pobres recorriam às “Igrejas” paróquias inglesas, onde a Bíblia estava presa por correntes por ordem do Rei, com permissão para que todos que desejassem, pudessem lê-la! Com que prazer aqueles que não sabiam ler, ouviam àqueles que sabiam!

A lembrança desses fatos é uma vergonha para nós nos dias atuais. As Bíblias são abundantes e baratas, mas pode ser que, em algumas casas, elas só existam nas prateleiras superiores, empoeiradas como o volume precioso que Hilquias achou no Templo! Irmãos, vamos considerar com cuidado a nossa atitude com relação à Palavra de Deus, lá está escrita toda a História do relacionamento de Deus com o homem: passado, presente e futuro.

Os conselhos de Seu amor são revelados nela, o conhecimento que transforma humildes filhos de Deus em mais sábios do que estadistas e de outros que estão extremamente confusos pelos problemas de sua época. Tal conhecimento transmite dignidade moral a todos que a possuem. Mas, embora tudo isso seja verdade (e muito mais poderia ser dito), esses não parecem ser dias de metucioso estudo bíblico.

Voltando ao importante “*achado*” de Hilquias. O Deus de Israel disse a Josué, o líder de Seu povo, depois da morte de Moisés: “*Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido*” (Josué 1.8).

Este notável comandante militar, com grandes responsabilidades que repousavam sobre os seus ombros, deveria ter tempo, não só de ler, mas também de meditar na palavra de Deus. Era vital para a sua prosperidade em todos os sentidos. E nós “*reservamos tempo*” para leitura bíblica e meditação?

Embora a existência do livro da lei fosse desconhecida para os homens do tempo de Josias até o décimo oitavo ano do seu reinado, era conhecida dos governantes que o antecederam. De Asa está escrito que ele “*ordenou a Judá que buscasse ao SENHOR, Deus de seus pais, e que observasse a lei e o mandamento*” (2 Crônicas 14.4). Jeosafá enviou os Levitas a todos os seus domínios e “*ensinaram em Judá, tendo consigo o Livro da Lei do SENHOR*” (2 Crônicas 17.9). Amazias, quando subiu ao trono, decretou a morte do assassino de seu pai, “*porém os filhos deles não matou, mas fez segundo está escrito na Lei, no Livro de Moisés, no*

qual o SENHOR deu ordem, dizendo: Os pais não serão mortos por causa dos filhos, nem os filhos, por causa dos pais; cada qual será morto pelo seu próprio pecado” (2 Crônicas 25.4). Este Rei estava longe de ser um bom homem, mas tinha respeito pelo livro da lei e suas instruções divinas.

Quando o pequeno rei Joás foi coroado duzentos e cinquenta anos antes da época de Josias, como parte das cerimônias de coroação “*leu o Livro do Testemunho*” (2 Reis 6.12). Estas Escrituras são suficientes para refutar a afirmação de alguns atualmente de que o livro que Hilquias achou no templo era, comparativamente, de uma compilação recente, com o nome de Moisés atrelado a ela, para lhe dar autoridade aos olhos do rei e de seu povo.

A afirmação é tão absurda quanto é mal intencionada. Aquilo que foi trazido à luz mais uma vez foi a revelação do próprio Deus ao seu povo, contra a qual, infelizmente, com frequência, transgrediam. Nos tempos agitados de Josias, quando o Espírito de Deus estava trabalhando para dar ao inconstante povo do Senhor mais uma oportunidade, a redescoberta do livro da lei teve um efeito tremendo no coração e na consciência do rei; e, podemos esperar, no coração e na consciência de muitos de seus súditos.

“Quanto mais consideramos a Palavra, muito mais descobrimos a sua importância, Analogicamente a Cristo, a Palavra Viva, tem sua fonte no alto, e revela o que está lá, e está perfeitamente adaptada ao homem aqui em baixo, dando uma perfeita regra de acordo com o que está lá em cima; e, se somos espirituais, levando-nos até lá, a nossa pátria está nos céus” (J. N. Darby).

.oOo.

“Teu Coração se Enterneceu”

Foi um grande momento na história espiritual de Josias, quando seu Secretário de Estado trouxe o livro da lei e o leu diante dele. Se pudéssemos ouvir de feitos semelhantes nos *lugares altos* neste século XXI! Josias nunca tinha visto o pergaminho sagrado antes, nem nunca tinha ouvido sua leitura. Muito diferente de nós que possuímos a Palavra integral de Deus, e que podemos lê-la tantas vezes quanto desejar nosso coração! O livro da lei teve um grande efeito sobre Josias. Ele percebeu, como nunca antes, como Israel tinha sido infiel, e que os mandamentos do Senhor tinham sido negligenciados. Pior – foram abertamente desafiados! “*Tendo o rei ouvido as palavras da lei, rasgou as suas vestes*” (2 Crônicas 34.19). Ele fez ainda mais, ele “*chorou*”

(versículo 27). Estes detalhes estão registrados em ambos os livros “Reis” e “Crônicas” do reinado de Josias, provando que a humilhação do seu servo era aceitável a Deus. (Nem todos os detalhes dos atos de Josias estão escrito em ambos os livros). No entanto, este rei não era mero sentimentalista. Ele era um personagem forte, naquele momento, no auge da vida, e ele foi um déspota, em regra, acostumados a fazer tudo que quisesse - felizmente na direção certa. A alta posição e a centralização do poder, tendem a inchar mentes fracas, e torná-las indiferente à voz da repreensão, mesmo que possa vir do próprio Criador. Diz-se do primeiro Napoleão que, em certa ocasião, quando ele estava falando de seus planos ambiciosos a um grupo de generais, um deles, solenemente, comentou:

- “Senhor, o homem propõe, mas Deus dispõe”.

Napoleão respondeu:

- “Eu proponho, eu disponho”.

Mas ele acabou em Santa Helena, apesar de todo seu orgulho prepotente. Mas Josias, como Ezequias diante dele, era como criança diante de seu Deus. Exemplos maravilhosos para todos nós seguirmos!

O Senhor apreciou a atitude de Josias. Em resposta à sua ansiosa indagação, Ele disse: *“Assim diz o SENHOR, o Deus de Israel, acerca das palavras que ouviste: Porquanto o teu coração se enterneceu, e te humilhaste perante Deus, quando ouviste as suas ameaças (...), e te humilhaste perante mim, e rasgaste as tuas vestes, e choraste perante mim, também eu te ouvi, diz o SENHOR”* (2 Crônicas 34.26-27). O coração do homem é naturalmente duro em relação a Deus. Note as palavras do Apóstolo em Efésios 4.18: *“obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração”*. O Senhor Jesus, na parábola do semeador, falou sobre a boa semente da Palavra caindo à beira do caminho (Mateus 13.4). O que poderia ser mais difícil, ou menos provável de ser produtivo? Em contraste com isso, o coração de Josias era impressionável, obra graciosa do Espírito Santo de Deus, com certeza. A Palavra divina é comparada a um martelo em Jeremias 23.29: *“Não é a minha palavra fogo, diz o SENHOR, e martelo que esmiúça a penha?”*. O carcereiro de Filipos precisava do martelo quando Paulo e Silas, pela primeira vez, tiveram com ele, não como o rei Josias. Seu coração já estava pronto.

Aqueles de nós que são privilegiados de viverem nas terras da leitura da Bíblia, precisam nos guiar em direção às *“palavras vivas”* (Atos 6.38). O que é facilmente obtida tende a ser considerada levemente. Familiaridade com o que é sagrado pode levá-los a se tornar comuns aos nossos olhos. Toda vez que abrimos nossas Bíblias, nós entramos (como se fosse) na câmara principal da Divina Majestade.

Na Palavra escrita (que abrange todas as idades, pois nunca está desatualizada), ouvimos a voz de Deus. Sendo isto verdade, devemos buscar a preparação de coração (que só o Espírito Santo pode dar), antes de lermos qualquer página. “*O meu coração teme é a tua palavra*”, diz o Salmista (Salmo 119.161). “*Acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada*” é o conselho de Tiago (1.21). Nos dias de Isaías, quando a terra de Israel estava cheia de hipocrisia - homens vangloriando-se de seus privilégios religiosos, mas totalmente descuidados de sua condição espiritual -, o Senhor disse: “*mas o homem para quem olharei é este: o aflito e abatido de espírito e que treme da minha palavra*” (Isaías 66.2). Não percamos a palavra “*tremar*”. Não é medo servil, mas um sentimento da grandeza d'Aquele que nos fala, e do temor em desobedecer à Sua voz. Após o retorno do cativo, quando se descobriu que alguns em Israel estavam novamente desprezando os mandamentos de Deus a respeito de casamentos com gentios, Esdras registra: “*Então, se ajuntaram a mim todos os que tremiam das palavras do Deus de Israel, por causa da transgressão dos do cativo; porém eu permaneci assentado atônito até ao sacrifício da tarde*” (Esdras 9:4). Este santo tremor levou à oração e à confissão, resultando numa ação drástica para afastar o mal.

Na mensagem do Senhor às Igrejas em Apocalipse 2 e 3, nos confrontamos várias vezes com a palavra “*Arrependei-vos*”. Mesmo para Laodiceia, a última da série, disse o Senhor: “*Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te*” (Apocalipse 3.19). O amor espera por arrependimento tanto tempo quanto necessário. A porta permanece aberta até a última hora antes que a justiça atue em juízo. Se Josias sentiu-se tão suavemente a terrível desobediência de Israel durante nove séculos, como devemos nos sentir quando contemplamos a nossa própria história durante dezenove séculos desde o Pentecostes? Terrível registro do afastamento da Palavra de Deus! E quais são as condições atuais ao nosso redor, neste momento? Nosso coração se enterneceu? Temos conhecimento do santo tremor na Palavra de Deus?

Devemos considerar um pouco mais a cruciante questão do arrependimento, especialmente com relação a nós mesmos. O princípio da responsabilidade corporativa em toda a dispensação não é tão bem compreendido como deveria ser. Podemos aprender uma lição com Daniel quanto a isto. Embora, pessoalmente, um homem santo, reverencie a Deus e à Sua Palavra acima de tudo, ele se sentiu profundamente a culpa do povo a que pertencia. Israel era herança escolhida de Deus. Como uma nação, tiveram um relacionamento com Deus como nenhuma outra tivera antes. Sobre Israel, Ele derramou o Seu amor; Sobre Israel, confiou Sua Palavra; e sobre Israel, como Sua vinha na terra, o Senhor concedeu todos os cuidados que a Sabedoria

divina poderia conceber (Isaías 5). Mas foi tudo em vão. Assim, ouvimos Daniel derramando sua alma numa humilde confissão de culpa: “*Temos pecado e cometido iniquidades, procedemos perversamente e fomos rebeldes, apartando-nos dos teus mandamentos e dos teus juízos*” (Daniel 9.5). Em sua oração, o profeta, traçou a história do seu povo, da libertação do Egito até a destruição de Jerusalém e seu santuário por Nabucodonosor. Do primeiro ao último, o Senhor tinha sido fiel e benevolente, mas Israel tinha sido, com persistência, rebelde e mau. Mas Daniel, conhecendo o coração de Deus, não obstante, pediu por misericórdia.

Este é o espírito que devemos cultivar. Daniel olhou os séculos que se foram, e devemos fazer do mesmo modo. O Espírito de Deus desceu do Céu no dia de Pentecostes para formar algo muito mais abençoado e favorecido; e, portanto, muito mais responsável do que a nação na qual a sentença de Lo-Ami estava então, em descanso, e ainda está descansando. A Igreja é o corpo de Cristo, estabelecida no mundo para representá-Lo durante Sua ausência, e ser o meio pelo qual Ele poderia trabalhar para a glória de Deus e para a bênção dos homens. A Igreja é também a casa de Deus, no qual habita, onde o Seu poder é conhecido e de onde Seu poder sai para o bem de todos. Ninguém pressionou essas importantes verdades com tanta seriedade quanto o apóstolo Paulo, mas ele viveu para ver a infidelidade se espalhando em todas as direções. Suas advertências aos anciãos de Efésios, em Atos 20.17-35, e sua segunda carta segundo a Timóteo estão cheias de maus presságios. Como tem sido a história dos séculos seguintes? A vontade de Deus tem sido desmoralizada e a vontade do homem prevaleceu. O eclesiasticismo, com sua mão pesada, tem oprimido o povo de Deus. O chamado divino ao ARREPENDIMENTO está tocando por vários anos, mas muitos poucos responderam ao chamado! Tão certo como Josias viveu a última da noite da história nacional de Israel, do mesmo modo, estamos vivendo a última noite da Igreja na Terra. Mas, nunca é tarde demais para aqueles que desejam voltar-se para Deus e Sua Palavra. Josias sentiu isso e agiu em conformidade. Não devemos fazer o mesmo?

“*Cessai de fazer o mal. Aprendei a fazer o bem*” (Isaías 1.16-17). Não se satisfaça em apenas seguir os passos de seus pais. Essa vida não satisfaz a Deus. Todo indivíduo que confessa a Cristo tem uma responsabilidade pessoal para com Ele. Examine todas as suas associações e práticas à luz das Sagradas Escrituras. E, com determinação, abandone tudo o que não vai suportar este teste; e então Deus, que guiou Abraão passo a passo quando ele O seguiu em direção ao desconhecido, não deixará de te guiar também (Hebreus 11.8). “*Ensina aos mansos o seu caminho*” (Salmo 25:9). Não podemos ter

dúvida de que o Senhor irá preservar para Si um remanescente fiel à Sua Palavra até o fim. Até a Sua vinda ainda haverá dois ou três reunidos em Seu nome. Mas o arrependimento significa mais do que uma mera mudança de comportamento para outra. Trata-se de um severo juízo diante de Deus de todas as coisas sem base bíblica em que tomamos parte, e nos atirarmos com humildade em Sua graça para que nunca repitamos o mesmo erro novamente. As almas, verdadeiramente arrependidas, não têm dificuldade de andar; meros seguidores podem ser tornar um fardo pesado.

oOo

A Solene Mensagem de Hulda

Com o coração e a consciência profundamente estimulados, Josias buscou a orientação do Senhor acerca das palavras que lhe foram lidas. Ficou claro que o povo tinha sido desobediente à lei do seu Deus, e Josias, acertadamente, sentiu que a situação tinha graves consequências. Deveria ser, do mesmo modo, óbvio para nós, que a Igreja tornou-se desobediente à Palavra Escrita. Como lemos sobre o poder espiritual e da ordem na época dos Apóstolos, e compararmos aqueles dias com os nossos, a dor, com certeza, encheria nosso coração; e devemos voltar ansiosamente àquele que ofendemos, como fez o rei de Judá, há muito tempo atrás.

Mas a decisão de Josias prende nossa atenção. Ele enviou uma delegação de cinco líderes do seu reino para consultar Hulda, a profetisa, de como agradar ao Senhor. O líder da delegação era Hilquias, o Sumo-Sacerdote! O chefe religioso da nação enviado pelo rei a uma mulher em busca de conselhos! Por quê? Quando o sacerdócio foi criado, em Israel, Jeová preveniu a Arão e a seus filhos contra o uso de bebida forte que poderiam ser capaz de *“fazerdes diferença entre o santo e o profano e entre o imundo e o limpo”*. E *“para ensinardes aos filhos de Israel todos os estatutos que o SENHOR lhes tem falado por intermédio de Moisés”* (Levitico 10.8-11.). Numa época remota, foi dito: *“Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é mensageiro do SENHOR dos Exércitos”* (Malaquias 2.7). Aqui, os privilégios elevados e a distinção espiritual do sacerdócio se destacam claramente. A especial proximidade deles com Deus deveria prepará-los para ser Seu porta-voz ao povo. Isto seria, particularmente, verdade para o Sumo-Sacerdote. Todavia, Josias enviou o Sumo-Sacerdote com os outros para conhecerem a vontade de Deus por intermédio de uma profetisa!

Ezequias fez algo semelhante num momento de perigo para a nação: “Então, enviou a Eliaquim, o mordomo, a Sebna, o escrivão, e os anciãos dos sacerdotes cobertos de pano de saco, ao profeta Isaías, filho de Amoz” (2 Reis 19.2). Embora, neste exemplo, os anciãos dos sacerdotes formassem a maior parte da delegação, eles não foram enviados ao Sumo-Sacerdote, que nem sequer é mencionado, com relação ao problema!

Esses fatos devem ser entendidos se conhecêssemos os caminhos de Deus. Eles nos mostram que o sacerdócio tinha perdido completamente a sua função original, como o meio de comunicação entre Deus e o Seu povo. A infidelidade de Eli e a impiedade de seus filhos trouxeram uma completa mudança no relacionamento para com Deus. O sacerdócio ficou esquecido. Em vez de o Rei procurar pelo seu conselho, o Sumo-Sacerdote, foi colocada em subordinação ao rei: “E andaré ele diante do meu ungido para sempre” (1 Samuel 2.35). Sem dúvida, nos dias do rei-menino Joás, Joiada, o Sumo-Sacerdote, ficou bem à frente e, na verdade, era o salvador da casa real e da nação, mas isso foi excepcional (2 Crônicas 29.2,16); e, no caso de Joiada, ilustra dois princípios importantes:

1. A soberania de Deus, que funciona através de quem Ele quer, e
2. A honra que Ele tem prazer em colocar na fidelidade individual onde quer que veja.

Mas Deus nunca restabelece a ordem das coisas que falhou nas mãos dos homens. Em Sua graça transbordante, Ele prossegue para algo melhor, e em tudo que o homem tem-se revelado incompetente será perfeito em Cristo, no dia da Sua manifestação.

Ezequias, em sua necessidade, enviou a um homem (Isaías), mas Josias enviou a uma mulher! Hulda tinha um marido, seu nome está registrado, mas nada mais é dito sobre ele. A profetisa Débora, um dia antes, também tinha um marido, mas, no caso dele, também não foi declarado nada, exceto seu nome (Juizes 4.4). Nem Lapidote nem Salum foram usados por Deus em momentos de emergência nacional. Tudo isto deixa o leitor perplexo, principalmente ao ver as palavras do Espírito Santo em 1 Coríntios 14.34 e 1 Timóteo 2.10-11? Nestas passagens da Escritura, as mulheres devem ficar em silêncio na Igreja de Deus, e aprender “com toda a submissão”. Essas passagens precisam ser cuidadosamente consideradas por todos que temem a Deus e têm temor em Suas palavras. A ilegalidade está aumentando no mundo e a Igreja está sendo afetada por ela num maior ou menor escala, devido à desobservância dos santos e à negligência da Palavra de Deus. As mulheres estão se tornando cada vez menos dispostas a cumprir os deveres que pertencem ao seu sexo, e estão determinadas a invadir as

posições de liderança e regras. As nações do mundo estão se rendendo a isto, “*a emancipação feminina*” se tornou um clamor popular. Nas Igrejas, agora temos mulheres “*ministras*” e “*diaconisas*”. Tais posições são uma degradação para as mulheres e uma ainda mais profunda degradação aos homens que “*estão submissos*” a elas: “*Por ser ele imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem*” (1 Coríntios 11.7). Deus, em Sua sabedoria, colocou a mulher na agradável posição de proximidade com o homem, como sua conselheira e ajudante, mas a liderança pertence unicamente ao homem. Eva foi criada de uma costela tirada do lado de Adão (Gênesis 2.22). Um fato simples, com uma grande lição. Várias razões são estabelecidas nas Escrituras pelas quais a mulher deve estar sujeita ao homem e, de modo algum, ocupar a liderança:

- 1) “*Porque o homem não foi feito da mulher, e sim a mulher, do homem*” (1 Coríntios 11.8). “*Porque, primeiro, foi formado Adão, depois, Eva*” (1 Timóteo 2.13). Essas passagens nos levam de volta ao início de nossa raça;
- 2) “*O homem não foi criado por causa da mulher, e sim a mulher, por causa do homem*” (1 Coríntios 11.9). Assim, a mulher foi destinada a completar o homem, não o homem a complementar a mulher;
- 3) “*E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão*” (1 Timóteo 2.14). Isto não diminui a culpa de Adão, que ele não foi enganado (mas a aumenta ainda mais); todavia, o fato que nos é apresentado é que a mulher foi enganada pela serpente.

Ao longo da história humana, as mulheres provaram-se particularmente suscetíveis ao engano; e, em casos onde conseguiram a atenção do público, a sua influência tem sido desastrosa. Confira Madame Blowatsky, Sra. Besant e Sra. Baker Eddy. A devastação espiritual causada por esses enganamentos de Satanás é incalculável.

Nos dias de Isaías, o Senhor disse de Seu insensato povo Israel: “*Os opressores do meu povo são crianças, e mulheres estão à testa do seu governo. Oh! Povo meu! Os que te guiam te enganam e destroem o caminho por onde deves seguir*” (Isaías 3.12). Este é o idioma da tristeza divina.

Mulheres cristãs - que podem ler estas linhas - procurem ser obedientes em tudo à Palavra do seu Deus. Satisfeitas, com o lugar que Ele vos colocou. Não seguir o ímpio em rebelião contra a Sua vontade. Cobrir suas cabeças na presença dos homens em reconhecimento a sua liderança; vestir-se decentemente, estar disposta a aprender, e não procurar ensinar. Uma das mais graves censuras do Senhor nos primeiros dias de nossa era foi dirigida à Igreja em Tiatira, desse modo:

“Contra ti o tolerares que essa mulher, Jezabel, que a si mesma se declara profetisa, não somente ensine” (Apocalipse 2.20).

Mas, embora o mencionado acima seja verdade, nunca se deve perder de vista a soberania de Deus. Ele trabalha como Lhe apraz, e não dá conta de suas atitudes. Particularmente, este é o que acontece quando há confusão no meio de Seu povo. Por que o Senhor escolheu falar através de Hulda ao Rei, e ao Sumo-Sacerdote somente importa a Ele. Jeremias já estava a Seus serviços, pois ele começou seu ministério profético no décimo-terceiro ano do reinado de Josias (Jeremias 1.2), e o livro da lei só foi achado cinco anos depois. Todavia, o Senhor falou através de Hulda, nessa ocasião, com a qual estamos lidando e não por intermédio de Jeremias! Os santos de Deus precisam de discernimento espiritual, a fim de discernirem Seus atos soberanos. Se for importante não *“impor precipitadamente as mãos”* num homem, é ainda mais importante que não *“imponhas precipitadamente as mãos”* numa mulher (1 Timóteo 5.22). Esta imposição de mãos não é ordenamento, mas a simpática identificação com o trabalhador. Depois da guerra de 1914 a 1918, uma mulher, que tinha sido uma agitadora política (*“Votem nas Mulheres”*), de repente, tornou-se uma conferencista sobre profecias e atraiu muitos ouvintes. Não houve tempo, após a grande transformação em sua vida, para digerir os grandes princípios dos caminhos de Deus que levam à separação do mundo, com a humildade do espírito. Mas, o cérebro alerta da mulher, no entanto, agarrou uma boa dose da verdade profética. Líderes evangélicos sentaram-se atrás dela nas tribunas públicas, e a aclamaram como a *“Débora moderna”*. Sobreveio muitas decepções para a maioria deles.

A palavra do Senhor estava, sem dúvida, com Hulda, a profetisa. Ela era a porta-voz divina num momento muito sério da história de Israel. As nuvens de tempestade estavam se reunindo sobre a nação culpada, tudo estava se desmoronando, o reinado estava prestes a ser extinto, e o trono de Davi estava prestes a ser derrubado, para não ser novamente erguido até a vinda do Senhor Jesus. Nesse momento, a palavra profética fluiu dos lábios de Hulda, Sua mensagem foi dividida em duas partes:

1. A palavra do Senhor ao homem que enviou a comitiva ocorre em 2 Crônicas 34.23-25; e
2. Sua mensagem ao *“Rei de Judá”*, que vos enviou a consultar ao Senhor, ocorre nos três versículos seguintes.

A primeira parte falou da iminente ruína para a nação. Seu cálice de iniquidade foi enchendo ao longo de séculos. O desafio de Manassés à Palavra do Senhor, e seu mal excessivo fez com que o copo transbordasse. Em 2 Reis 21.10-15, nós temos um resumo das mensagens do Senhor a esse rei perverso. Ele tinha superado os

amorreus em pecado e, em consequência disso, diz o Senhor: *“hei de trazer tais males sobre Jerusalém e Judá, que todo o que os ouvir, lhe tinirão ambos os ouvidos”*. E diz ainda o Senhor: *“Eliminarei Jerusalém, como quem elimina a sujeira de um prato, elimina-a e o emborça”*. Ele abandonará o seu povo, e com isso *“servirá de presa e despojo para todos os seus inimigos”*. Eles provocaram a ira de seu Deus *“desde o dia em que seus pais saíram do Egito até ao dia de hoje”*. Foi assim, persistente e mal, sem esperança. A piedade interior de Josias era algo bom para Deus, mas não poderia anular o Seu justo juízo: *“Nada obstante, o SENHOR não desistiu do furor da sua grande ira, ira com que ardia contra Judá, por todas as provocações com que Manassés o tinha irritado. Disse o SENHOR: Também a Judá removerei de diante de mim, como removi Israel, e rejeitarei esta cidade de Jerusalém, que escolhi, e a casa da qual eu dissera: Estará ali o meu nome”* (2 Reis 23.26,27). Levítico 26 e Deuteronômio 28 são dois dos capítulos mais terríveis na Palavra de Deus, neles, com abundância de detalhes terríveis, o Senhor colocou diante do Seu povo que, antes que entrassem na terra, quais seriam as consequências se eles se rebelassem contra Ele eram, provavelmente, aqueles capítulos que alarmaram Josias, fazendo-o rasgar as suas vestes e chorar diante de Deus. A conduta de Israel, do primeiro ao último, tinha sido pecadora. De tempos em tempos, o Senhor enviava mensageiros para eles: *“Começando de madrugada, falou-lhes por intermédio dos seus mensageiros, porque se compadecera do seu povo e da sua própria morada”* (2 Crônicas 36.15). Mas foi em vão: *“Eles, porém, zombavam dos mensageiros, desprezavam as palavras de Deus e mofavam dos seus profetas, até que subiu a ira do SENHOR contra o seu povo, e não houve remédio algum”*. Reis piedosos tinham procurado liderar o povo com retidão, mas o coração deles não estava com seus reis em seus esforços. Isto está registrado, de forma especial, na época de Josias (Jeremias 3.10). O juízo acontece agora. Manassés, que transbordou o cálice de iniquidades de Israel está, sem dúvidas, no Céu, um pecador salvo pela graça no final da vida, mas as consequências governamentais de suas transgressões permanecem até hoje. Foi dito a Josias por intermédio de Hulda que *“o meu furor está derramado sobre este lugar e não se apagará”* (2 Crônicas 34.25).

Enquanto esta página está sendo escrita, os judeus estão reivindicando, com violência, a posse da Palestina. Eles não têm nenhum direito, seja político ou religioso, à terra. O que suas indústrias têm realizado lá desde 1918 é realmente maravilhoso, mas todo o seu trabalho será destruído pela última crise mundial pelo Rei do Norte (Daniel 11:40-43; Joel 2:1-11). Deus não está intervindo nos acontecimentos atuais, mas Ele está assistindo com interesse (Isaiás 18:4). Os judeus, que podem tomar posse do país (pois um Estado

judeu, sem dúvida, será criado) irá prepará-lo para o Anti-Cristo, não para o Cristo de Deus. A massa de descrentes irão compartilhar a derrubada do arqui-enganador. Somente um remanescente será salvo (Romanos 9.27). Ore pelas crianças ignorantes de Jacó que anseiam por um lar na Palestina, mas só vão encontrar lá uma sepultura. Essa terra é a que mais sofrerá quando os julgamentos de Deus chegar.

A segunda parte da mensagem profética de Hulda foi pessoal, a Josias. A bondade do coração de Deus está expressa nela. Devemos citá-la na íntegra:

“Porém ao rei de Judá, que vos enviou a consultar o SENHOR, assim lhe direis: Assim diz o SENHOR, o Deus de Israel, acerca das palavras que ouviste: Porquanto o teu coração se enterneceu, e te humilhaste perante Deus, quando ouviste as suas ameaças contra este lugar e contra os seus moradores, e te humilhaste perante mim, e rasgaste as tuas vestes, e choraste perante mim, também eu te ouvi, diz o SENHOR. Pelo que eu te reunirei a teus pais, e tu serás recolhido em paz à tua sepultura, e os teus olhos não verão todo o mal que hei de trazer sobre este lugar e sobre os seus moradores. Então, levaram eles ao rei esta resposta” (2 Crônicas 34.26-28).

Deus apreciou profundamente a piedade das almas individuais, particularmente nos dias da falta de abundância. Nem o escritor, nem o leitor cultivarão para terem sempre um coração terno e humilde diante de Deus? O valor da própria piedade de Josias foi inestimável para a nação. Ele tinha a promessa de Deus de que os juízos não seriam derramados, enquanto ele vivesse. Ele tinha vinte e seis anos de idade quando Hulda falou. Humanamente falando, muitos anos de soberania o aguardavam. Oh, por que ele não andou com cautela, sabendo que disso dependia a sua vida? Oh, por que ele, com a idade de trinta e nove anos, precipitou-se numa disputa que não lhe dizia respeito e arriscou - sim, sacrificou - sua preciosa vida? Muitas vezes, os mais santos escolhidos de Deus se comportam como tolos se ficam afastados por um único momento da influência controladora da Palavra de Deus! Que tristeza podem trazer sobre si mesmos e sobre outros! Mas o caso é, dessa forma, enfatizado que ninguém é absolutamente confiável, exceto o bendito Filho de Deus, nosso Senhor Jesus: *“Eu faço sempre o que lhe agrada”* (João 8.29).

oOo

Uma Doce Aliança

Josias não se assentou em desespero por causa das coisas sérias que Hulda lhe fez conhecidas. Os juízos não abalariam ainda. Enquanto isso, o jovem e ativo Rei faria o máximo para trazer o povo de volta às “*veredas antigas*”. Nunca é tarde demais para ser obediente à Palavra de Deus. Nossa posição é, de fato, solene. O vômito que saiu de Apocalipse 3.16, o arrancar de Romanos 11.22, está próximo, com a total apostasia de tudo o que agora se chama “cristão”. Mas é nossa responsabilidade aprender e fazer toda a vontade de Deus, enquanto nós continuamos aqui. A fiel Filadélfia continuará ao lado da crueldade de Laodiceia, até o último. Vamos procurar ser de Filadélfia no caráter para que o Senhor possa nos dizer: “*Guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome*” (Apocalipse 3.8).

Josias convocou uma grande reunião nacional em Jerusalém. Anciãos, sacerdotes, levitas, profetas, e uma multidão de pessoas, grandes e pequenos, responderam. Os profetas com duas palavras devem ser observados. Evidentemente, outros homens além de Jeremias estavam ativos na terra para Deus, mas Ele escolheu falar por intermédio de Hulda! Nós somos totalmente incapazes de interpretar todos os detalhes dos desígnios de Deus, mas ansiamos estar sujeitos à Sua perfeita sabedoria.

“*O rei subiu à Casa do SENHOR (...), e leu diante deles todas as palavras do Livro da Aliança que fora encontrado na Casa do SENHOR*” (2 Reis 23.2). Espetáculo agradável para Deus e para as hostes angelicais contemplarem! Que emoção fantástica iríamos experimentar se pudéssemos ler na imprensa de Reis e Presidentes, convocando o povo para que se reúnam em suas respectivas capitais para que possam ler para eles a Palavra de Deus extremamente negligenciada, apresentando com toda a seriedade e gravidade aquelas coisas onde o povo se desviou, e implorando para que eles voltem humildemente ao seu Deus! Isso produziria resultados incomparáveis, mais do que os discursos exaltados de estadistas que se esforçam para encontrar fórmulas com as quais possam trazer uma paz aparente e provisória. Os tempos em que vivemos são mais críticos do que aqueles de Josias. E um reino estava cambaleando, quase caindo (arrastando outros Reinos com ele), mas agora todo o sistema mundial está correndo para sua perdição.

“*Tudo o que está escrito no Livro da Lei*” sugere uma quantidade considerável de leitura. A reunião foi, portanto, muito longa. Que contraste com os sermões rápidos que são abertamente tolerados no século XXI! Esta é a visão mais deplorável agora que temos a Palavra de Deus no seu todo, contendo a revelação de todos os Seus maravilhosos conselhos da graça e da glória que encontram o seu centro em Cristo.

Por que estamos satisfeitos com tão pouca riqueza espiritual que está ao nosso alcance?

Josias não apenas leu ao povo a lei do Senhor, mas também declarou sua intenção de ser obediente a ela: *“O rei se pôs no seu lugar e fez aliança ante o SENHOR, para o seguirem, guardarem os seus mandamentos, os seus testemunhos e os seus estatutos, de todo o coração e de toda a alma, cumprindo as palavras desta aliança, que estavam escritas naquele livro”* (2 Crônicas 34.31). Isto é excelente. Alguns exemplos valem mais do que milhares de normas. Josué, em seu discurso final a Israel, falou de forma semelhante: *“Eu e a minha casa serviremos ao SENHOR”* (Josué 24.15). Paulo exortou a Timóteo: *“torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza”* (1 Timóteo 4.12). Quando o Senhor Jesus esteve na terra, o povo Judeu tinha muitos professores – os Escribas e os Fariseus - cujo ensino era bom, mas suas próprias vidas eram ruins: *“Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem”* (Mateus 23.3). O Sr. Spurgeon, certa vez, falou de um Ministro que era muito bom no púlpito, mas muito questionável no seu viver diário, levando as pessoas a dizerem que quando ele estava no púlpito era uma bênção, mas quando saía dele, diziam que era um escândalo, que ele deveria morar dentro do púlpito. Irmãos, vamos acima de tudo, ser verdadeiros! Deus permita que proclamemos a outros as verdades das quais conhecemos, não o poder em nossa própria alma. Paulo podia dizer àqueles que o conhecia intimamente: *“Tu, porém, tens seguido, de perto, o meu ensino, procedimento, propósito, fé, longanimidade, amor, perseverança”* (2 Timóteo 3.10).

Josias, no seu zelo ardente, foi além, dizendo ao povo de suas intenções: *“Todos os que se acharam em Jerusalém e em Benjamim anuíram a esta aliança”*. O rei disse bem, mas, debilmente, ele entendeu a inconstância do coração humano! Outros reis piedosos antes dele tinham levado o povo a pronunciar boas resoluções diante de Deus, mas eles voltaram, com rapidez, *“a revolver-se no lamaçal”* (2 Pedro 2.22). Todavia, os assuntos de Josias não expressaram nenhuma apreensão: *“E todo o povo anuiu a esta aliança”* (2 Reis 23.3). Era a velha e triste história do Sinai se repetindo. Não ter aprendido as profundezas de seu próprio mal, nem a santidade de Deus no monte que fumegava: *“Então, o povo respondeu à uma: Tudo o que o SENHOR falou faremos”* (Êxodo 14.8). Paulo ensinou que *“não confiamos na carne”* (Filipenses 3.3), mas sua nação, até hoje, não aprendeu essa lição! Enquanto Josias viveu, o comportamento do povo era exteriormente correto: *“Todos os que se acharam em Jerusalém e em Benjamim anuíram a esta aliança; e os habitantes de Jerusalém fizeram*

*segundo a aliança de Deus, o Deus de seus pais. (...) não se desviaram de seguir o SENHOR, Deus de seus pais” (2 Crônicas 34.32,33). Mas, a exatidão exterior não vai fazer por Deus; as tristes páginas de Jeremias nos dizem que o povo tinha pouco amor pela vontade de Deus. Uma onda de entusiasmo passou por Jerusalém durante uma das primeiras visitas do nosso Senhor por essa cidade, mas Aquele que foi capaz de olhar abaixo da superfície não confiou nas palavras do povo: “Estando ele em Jerusalém, durante a Festa da Páscoa, muitos, vendo os sinais que ele fazia, creram no seu nome; mas o próprio Jesus não se confiava a eles, porque os conhecia a todos. E não precisava de que alguém lhe desse testemunho a respeito do homem, porque ele mesmo sabia o que era a natureza humana” (João 3.23-25). O famoso “Lord” protetor da “*Commonwealth*” Britânica, Oliver Cromwell, procurou criar uma nação “*cristã*” com leis e restrições, mas a reação não foi muito boa, ao mergulhar em licenciosidade, quando sua poderosa mão foi removida!*

Depois do retorno da Babilônia, Neemias, percebendo que as coisas estavam muito erradas com o remanescente, fez um grande esforço para colocar povo numa base sólida com Deus. No nono capítulo de seu livro, temos uma grande reunião em Jerusalém semelhante àquelas dos dias de Josias. O livro da lei do Senhor foi lida publicamente ao povo: eles confessaram os seus pecados desde o início de sua história e solenemente prometeram melhorar no futuro. Seu voto é dado em sete partes em Neemias 5: “*Estabelecemos aliança fiel e o escrevemos; e selaram-na os nossos príncipes, os nossos levitas e os nossos sacerdotes*”. Oitenta e quatro pessoas, como representantes do povo, assinaram e selaram o decreto:

- 1 O próprio Neemias,
- 17 Levitas,
- 22 Sacerdotes,
- 44 Chefes do Povo.

Coitadas das boas intenções de Neemias! Nem mesmo um corpo tão forte de signatários poderia estabelecer a aliança fiel. Basta que voltemos duas páginas do livro de Neemias para encontrarmos o povo tão corrupto quanto antes. Nem decretos reais, nem documentos solenemente assinados e selados farão a *carne* diferente do que é: “*Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus*” (Romanos 8.7-8).

É uma das verdades cardeais do cristianismo que Deus, na obra do Senhor Jesus, não só lidou com nossos pecados, mas, também, com a vida e a natureza que os produziram. Estes dois pontos são tratados

² **Nota do tradutor:** A “*Commonwealth*” (Comunidade das Nações) é uma organização intergovernamental composta por 54 países membros independentes.

separadamente na Epístola de Paulo aos Romanos, que um outro descreveu como “os documentos mais pesados que os homens já tiveram em suas mãos”. Esta descrição é justa, porque esta epístola estabelece os fundamentos de nosso relacionamento com Deus. Até que isso seja compreendido, pelo menos em tese, não haverá paz e alegria resolvidas, e os grandes assuntos dos Conselhos Divinos não serão compreendidos. A questão dos nossos pecados - ou culpas pessoais - é tratada pelo apóstolo no capítulo 5.11. Isso é muito bem tratado em primeiro lugar, porque a alma quando desperta pelo Espírito de Deus, fica amedrontada com a sua culpa e o seu justo julgamento. Aprenderá, mais tarde, de sua natureza má. Nossos pecados foram expiados pelo sangue de Jesus (Romanos 3.23-26), que Deus é capaz de dizer: “Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades” (Hebreus 10.17), e o próprio crente tem o direito de dizer (com todos os seus irmãos): “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Romanos 5.1). Assim, não tememos mais Aquele que nós ofendemos, porém clamamos: “Mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem recebemos, agora, a reconciliação” (Romanos 5.11). Bendito clímax à primeira parte do grande tópico do Apóstolo.

Mas muitas almas que são transparentes quanto à questão dos seus pecados são extremamente problemáticas sobre a vida denegrada e a natureza que os produziram, sem nunca ter a plenitude da obra de Deus a seu favor através do sacrifício do Senhor Jesus. O pecado é definido em 1 João 3.10 como “impunidade” (Tradução de Darby). A impunidade é apenas a vontade própria - o amor de trilhar nosso próprio caminho, e a determinação de fazê-lo, se possível. Este princípio miserável é inerente à “carne”; por isso, as palavras do Apóstolo: “pecados na carne” em Romanos 8.3. No sacrifício de Cristo, Deus “condenou” isso. No terrível dia quando o Seu bendito Filho pendurado na árvore do Calvário, Deus levou em conta todos os nossos males e os eliminou com justiça. A Árvore e o fruto foram julgados. O crente em Jesus, aceitando isto na fé, não só se livra de seus pecados, mas de si mesmo - o homem nascido do estoque de Adão - se foi também: “Cristo vive em mim” (Gálatas 2.20). Sendo assim, ele não busca mais aperfeiçoar sua carne; seu mal é tão inextirpável como as manchas do leopardo. A sua confiança na carne se acabou. Embora a carne ainda esteja em seu interior, e deva permanecer lá até a grande transformação na vinda do Senhor. Ele já não o considera como parte integrante de si mesmo, mas como um inimigo estrangeiro que precisa ser mantido em cadeias perpetuamente. Em vez de olhar para si mesmo, e na esperança de coisas melhores lá, o cristão instruído desvia o olhar do “eu” para o Cristo ressuscitado e glorificado, à imagem que, outrora, havia se

conformado. Assim, a santidade, ou seja, à semelhança de Cristo, se desenvolve. O homem descreveu em Romanos 6.7-24 que não tinha aprendido esta lição. Até que ele chegue ao final do capítulo, está ocupado com o seu ego. Os pronomes pessoais “*Eu*”, “*Mim*”, “*Meu*”, abundam. Ele deseja fazer a coisa certa, mas encontra-se continuamente fazendo a coisa errada. Todo o seu esforço, por leis e regras, para conter as obras de sua carne não produzem resultados satisfatórios. Em vez disso, a pobre alma angustiada se encontra como se estivesse, afundando, cada vez mais, na lama. No versículo 24, ele clama: “*Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?*” O pronome “*Quem*” revela que ele entende que a ajuda deve vir de dentro para fora de si mesmo. Logo, ele é capaz de dizer: “*Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor*”. Está não é a vitória sobre si mesmo – da qual sonham algumas almas piedosas, mas a libertação de si mesmo – uma coisa bem diferente. Ao aprender que Deus tratou com toda sua maldade na morte de Cristo, sua mente e seu coração vivem agora num novo mundo: “*Para mim, o viver é Cristo*”, declara Paulo em Filipenses 1.21.

A pergunta que, às vezes, é feita: “*Romanos 7 descreve a experiência de Paulo?*”. Sem dúvida, nos primeiros dias de sua vida espiritual, ele aprendeu essas grandes lições com Deus, mas quando ele escreveu a Epístola aos Romanos, ele certamente não estava na escuridão e perplexidade do Capítulo 7: Ele estava na liberdade e na alegria do grande capítulo que se segue. O Deus de toda a graça não nos chamou para que sejamos “*miseráveis*”, mas sim para que “*exultais com alegria indizível e cheia de glória*” (1 Pedro 1.8).

Não foi possível, nem para Josias ou Neemias, conhecer as coisas maravilhosas que vêm ante nós nas Epístolas do Novo Testamento. O Salvador ainda não havia chegado à terra; o Seu grande sacrifício pelo pecado não tinha sido oferecido e Sua vitória triunfante sobre cada inimigo não tinha sido feita. Mas eles devem ter conhecido o suficiente da fraqueza da carne para não selá-la com novas cláusulas restritivas. Nada a esperar, senão a decepção. Mas, no dia feliz que não está muito distante, quando o Senhor estabelecer Sua nova aliança com a casa de Israel e a casa de Judá, Ele vai escrever a Sua lei em seus próprios corações. Isso significa o *novo nascimento*. Então a vontade de Deus vai ser o verdadeiro deleite deles.

oOo

De Dã até Berseba

Pelo zelo ardente na obra de Deus e pela constante perseverança nesse lugar, seria difícil encontrar um homem que pudesse superar a Josias, rei de Judá. Dessa pessoa, podemos aprender valiosas lições, e também lembrar as palavras do Apóstolo em 2 Tessalonicenses 3.13: “*E vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem*”. O trabalho de Josias era muito diferente do que foi confiado a nós nos dias de hoje. Nós não fomos enviados pelo Senhor Jesus para percorrer a terra com machados e martelos e destruir todas as coisas abomináveis que encontrássemos pelo caminho: nosso serviço é proclamar a doce história da graça de Deus a um mundo de pecadores que estão perecendo. Vamos encontrar, enquanto persistimos em nossos estudos, que Josias não se limitou a si próprio em seu pequeno reino, mas foi muito além das fronteiras de Judá, em seu zelo por Deus. O que temos a dizer sobre as regiões fora do país que nascemos? Amado leitor cristão, pense nas muitas nações onde mal conhecem a Cristo, onde a necessidade é desesperadora, onde as almas estão entrando na escuridão eterna a cada hora. Por que ir repetidas vezes a terras que já foram percorridas? Por que não cultivar o espírito pioneiro que foi visto no apóstolo Paulo? Por que não sentar-se calmamente diante de Deus, e perguntar-Lhe o que significa “*o mundo*” em João 3.16? A França, por exemplo, está muito perto da costa da Grã-Bretanha. O ateísmo e a superstição católica inundam esse belo país, mas até que ponto, os abençoados cristãos da Grã-Bretanha estão preocupados com as necessidades do povo francês?

O zelo de Josias faz-nos lembrar de outro rei zeloso, Jeú, o filho de Ninsi. Mas o contraste entre os dois homens é enorme. Cada um era um comissário divino para o trabalho de destruir a adoração a Baal, e outras coisas horríveis que desgraçaram a terra de Israel, mas os motivos dos dois homens divergiam consideravelmente. Com Josias, a Palavra de Deus era o fator principal. A sua leitura, em seus ouvidos, expôs perante ele as coisas ruins que o cercavam; e, como um homem obediente à Palavra, se dispôs a trabalhar. Mas, em Jeú, contemplamos consideráveis atividades carnais, pois a ambição pessoal ocupava toda sua mente, mesmo quando ele estava fazendo o que era reto aos olhos de Deus. Quando encontrou seu amigo Jonadabe, o filho de Recabe, ele disse: “*Vem comigo e verás o meu zelo para com o SENHOR*” (2 Reis 10.16). As almas sinceras não desfilam suas boas ações, desse modo. A aprovação dos homens e sua admiração pouco importam para elas (1 Coríntios 4.3), É suficiente que o Senhor veja o zelo delas em Sua obra. Note as palavras do Senhor em Mateus 6.1-4. O coração de Jeú nunca foi correto para com Deus. A adoração a Baal tinha sido restabelecida entre os povos, depois da partida de Elias. Jeú, por ordem divina, destruiu-o totalmente, mas ele “*não teve cuidado de andar de todo o seu*

coração na lei do SENHOR, Deus de Israel, nem se apartou dos pecados que Jeroboão fez pecar a Israel” (2 Reis 10.31). Ele manteve e adorou os bezerros de ouro! Tal inconsistência gritante é um alerta para nós. É possível denunciar severamente certos males, em nós mesmos e nos outros, e ainda tolerar outras coisas igualmente graves aos olhos de Deus. Realmente nossa carne é traiçoeira! *“Andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne”* (Gálatas 5.16). Vamos procurar ser, de todo o coração, obedientes à vontade de Deus em todos os nossos caminhos, como modelo d’Aquele que disse: *“Eu faço sempre o que lhe agrada”* (João 8.29).

O leitor está ciente de que o Espírito Santo nos deu duas considerações do reinado de Josias. Quando as comparamos uma com a outra, certas diferenças são óbvias. No registro de *“Crônicas”*, a Páscoa que Josias realizou em Jerusalém recebe destaque, enquanto em *“Reis”* é mencionada muito brevemente; mas a purificação da terra de sua idolatria, desde Dã até Berseba é tratada com grande destaque em *“Reis”*, e é pouco notada em *“Crônicas”*.

E voltamos ao nosso verdadeiro propósito em 2 Reis 23. Notamos que Josias já havia purificado o templo antes que ele o reparasse (2 Crônicas 34.8), no entanto, lemos em 2 Reis 23.4: *“Então, o rei ordenou ao Sumo-Sacerdote Hilquias, e aos sacerdotes da segunda ordem, e aos guardas da porta que tirassem do templo do SENHOR todos os utensílios que se tinham feito para Baal, e para o poste-ídolo, e para todo o exército dos céus, e os queimou fora de Jerusalém, nos campos de Cedrom, e levou as cinzas deles para Betel”*. Esta terrível lista das abominações ainda na casa onde o Senhor tinha preparado o Seu nome sugere que a primeira purificação não foi muito meticulosa; mas a segunda purificação limpou tudo que havia de errado. Mas, por que a segunda purificação foi mais meticulosa do que a primeira? Porque o livro da lei tinha vindo à luz entre os dois movimentos, e as coisas hediondas que tinham sido toleradas por muito tempo agora se podiam perceber, pelo menos pelo Rei. Ele tinha agora entendimento divino para manter a lei, e procurou observá-la de todo o seu coração (Salmo 119.34). Josias podia dizer como David: *“Os teus testemunhos, recebi-os por legado perpétuo, porque me constituem o prazer do coração. Induzo o coração a guardar os teus decretos, para sempre, até ao fim”* (Salmo 119.111-112). A ação vigorosa se segue quando o coração está, portanto, propenso a Deus e à Sua Palavra: *“Apresso-me, não me detenho em guardar os teus mandamentos”* (Salmo 119.60). Pode ser que os crentes modernos continuam em associações antibíblicas, porque a Palavra de Deus não foi definida antes que eles compreendessem tais coisas. O mau não é tão mau porque, pela desatenção ao ensino das Escrituras, o seu verdadeiro caráter não é percebido, mas quando a Palavra é exercida,

Deus espera uma ação imediata de Seus santos. Levítico 5 define estes princípios com clareza.

A tarefa que Josias empreendeu na fé foi colossal, e ele entregou-se sem descanso, até que ele houvesse destruído todos os vestígios da idolatria de toda nação de Israel, embora ele fosse apenas governador de Judá e Benjamin. Jerusalém – a cidade escolhida de Jeová – foi a primeira a ser purificada. Nota-se, em especial, que *“também tirou da Casa do SENHOR o poste-ídolo, que levou para fora de Jerusalém até ao vale de Cedrom, no qual o queimou e o reduziu a pó, que lançou sobre as sepulturas do povo”* (2 Reis 23.6). *“O vale”* parece ter sido uma imagem de Astarte. Imagine que horror ocorria na casa do Senhor, a respeito da qual Ele, certa vez, disse que os Seus olhos e o Seu coração estariam lá perpetuamente! (2 Crônicas 7.16). Junto ao templo havia a casa dos Sodomitas! De horror em horror; Israel decaiu tanto que a bestialidade se achava no local mais sagrado da terra! A história do cristianismo tem sido tão terrível! Certo escritor disse que suas crônicas são *“as crônicas do Inferno”*! A idolatria, a blasfêmia, a imoralidade e a cruel perseguição dos devotos, tudo praticado por homens que, com títulos eclesiásticos altissonantes, alegam ser sucessores dos Apóstolos, e a única autoridade ministerial da Palavra de Deus e dos Sacramentos!

No registro do Espírito das atividades de Josias, existe uma menção especial do acúmulo das abominações que seus antecessores, da linhagem real de Davi, tinham praticado dentro e próximo a Jerusalém: *“Também tirou os cavalos que os reis de Judá tinham dedicado ao sol, à entrada da Casa do SENHOR, (...) os altares que estavam sobre a sala de Acaz, sobre o terraço, altares que foram feitos pelos reis de Judá, como também os altares que fizera Manassés nos dois átrios da Casa do SENHOR; e, esmigalhados, os tirou dali e lançou o pó deles no ribeiro de Cedrom”* (2 Reis 23.11-12). Mas ainda pior! Nós não admiramos as barbaridades dos homens, como Acaz e Manassés, mas um dos maiores transgressores da realeza de Israel foi Salomão, o homem que construiu o templo do Senhor, e cuja oração, na dedicação dele, parecia antecipar todo o mal e o perigo que podiam surgir! Sua ampla gama de monstrosidades está perante nós: *“O rei profanou também os altos que estavam defronte de Jerusalém, à mão direita do monte da Destruição, os quais edificara Salomão, rei de Israel, para Astarote, abominação dos sidônios, e para Quemós, abominação dos moabitas, e para Milcom, abominação dos filhos de Amom”*, porém tudo isso não foi profanado por piedosos reis como Asa, Josafá, Ezequias! A Negligência à Palavra de Deus é a única explicação possível. Nossa própria experiência dos cristãos ao nosso redor prova que pessoas piedosas não são necessariamente estudantes minuciosos das Santas Escrituras.

Antes que Israel entrasse na terra, o Senhor decretou que quando chegasse a época do povo ter um rei, que será “quando se assentar no trono do seu reino, escreverá para si um traslado desta lei num livro, do que está diante dos levitas sacerdotes. E o terá consigo e nele lerá todos os dias da sua vida, para que aprenda a temer o SENHOR, seu Deus, a fim de guardar todas as palavras desta lei e estes estatutos, para os cumprir. Isto fará para que o seu coração não se eleve sobre os seus irmãos e não se aparte do mandamento, nem para a direita nem para a esquerda; de sorte que prolongue os dias no seu reino, ele e seus filhos no meio de Israel” (Deuteronômio 17.18-20). Se cada governante sucessivo em Israel tivesse obedecido esta ordem, e tivesse preparado sua própria cópia da lei, e a tivesse todos os dias da sua vida, o grande numero de maldades com os quais Josias teve que lidar, nunca teriam existido. Nem a lei santa e original de Deus teria sido enterrada sob o lixo de modo que o achado dela fosse uma verdadeira descoberta!

A Negligência da Palavra de Deus é um mal muito sério, e muito mais desastroso em seus resultados do que geralmente se imagina. As coisas são toleradas em nós mesmos e, também, aprovadas sem questionamento de nossos pais, que seriam julgadas e abandonadas se estivéssemos mais familiarizados com as Escrituras, e se as Escrituras tivessem supremacia sobre nossas almas. O hábito costumeiro de ler uma pequena “passagem”, com alguns comentários de pessoas não muito bem instruídas com a mente de Deus, não se deve confundir com o estudo da Bíblia. O último envolve um exame cuidadoso de todos os livros da Bíblia (não meras porções selecionadas para nós por outros), buscando o esclarecimento do Espírito Santo quanto ao entendimento de cada livro, e também quanto à relação de cada livro com todos os outros para que as Sagradas Escrituras sejam um só em todo. Assim, somos levados a tomar os conselhos da graça e da glória, terrena e celeste, que o nosso onisciente Deus colocou no volume sagrado para nossa instrução e deleite.

Em sua grande obra para Deus, Josias tratou com o que alguns poderiam considerar como um pequeno mal, comparado com o culto a Baal e a Astarote. Referimo-nos aos *lugares altos* para fins religiosos, que pareciam abundar na terra de Jeová. Foi, aparentemente, o costume das nações cananeias em estabelecer locais de culto para seus deuses falsos em várias estâncias que eles selecionaram, de acordo com seus desejos, controlados por Satanás. Deuteronômio 12 precisa ser cuidadosamente examinado pelos leitores destas páginas. O Senhor disse ao Seu povo sobre as veredas dos pagãos e proibiu-os que os imitasse. Somente a Palavra deveria governá-los em todos os assuntos relativos ao culto divino como, aliás, em tudo mais. O Senhor escolheria Sua própria cidade; e, para lá, Seu povo deveria vir com os

seus holocaustos e sacrifícios. Os israelitas deveriam destruir todos os *lugares altos* dos pagãos, e assim expressar a sua repulsa aos seus maus caminhos. Mas a carne não é melhor naqueles que estão próximos a Deus do que naqueles que estão longe d'Ele. Chegou a hora, infelizmente, quando Israel escolheu os *lugares altos* para si. Alguns destes eram para a idolatria, e outros para a adoração ao Senhor. Mas todos os *lugares altos*, qualquer que fosse a motivação de quem os estabeleceu, eram ofensivos aos Seus olhos, porque eram a expressão da criativa obstinação, de corações não sujeitos aos Seus mandamentos. Alguns dos reis escolhidos de Judá toleraram os *lugares altos*, e não aqueles que eram dedicados a ídolos, podemos estar certos, mas aqueles em que o Senhor era declaradamente adorado. Essa fraqueza é especialmente registrada sobre Jotão (2 Reis 15.35), Asa (2 Crônicas 15.17) e Josafá (2 Crônicas 20.33). Os atos de Asa eram realmente estranhos em sua inconsistência. Ele depôs a rainha-mãe de sua posição de realeza por causa de suas práticas idólatras, e ele destruiu totalmente as obras dela, mas permitiu que os *lugares altos* do povo permanecessem (2 Crônicas 15.16-17). Quando é que vamos aprender que Deus espera obediência em todas as coisas das almas que Ele redimiuiu?

O vigoroso Josias varreu todos os *lugares altos*, e retirou deles todos os sacerdotes que queimavam incenso sobre eles, mas em vista da desobediência deles à Palavra do Senhor, não lhes foi autorizado exercerem as funções sacerdotais em Jerusalém: *“Mas os sacerdotes dos altos não sacrificavam sobre o altar do SENHOR, em Jerusalém; porém comiam pães asmos no meio de seus irmãos”* (2 Reis 23.8-9). Nem mesmo os infiéis devem ser deixados para morrer de fome! Não aprendemos nada daquilo que Deus espera que Sua Palavra seja obedecida pelo Seu povo? Todo leitor dessas páginas é capaz de citar *“capítulo e versículo”* referentes à sua prática religiosa? Ou é possível que alguns escolham para si mesmos onde e como eles vão adorar e servir o seu Deus? Josias nos deixou um belo exemplo. Quando a lei de Deus, negligenciada por tanto tempo, foi levada até ele, ele estava determinado a cumprir tudo que estava escrito nela. Nunca antes a Palavra escrita foi mais respeitada do que por Josias, e nunca antes foi a terra e o santuário do Senhor mais profundamente purificados de tudo o que era contrário à Sua vontade. Isso agrada a Deus!

“Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito” (Romanos 15.4).

oOo

Josias em Betel

A grande obra de destruição, a que Josias se comprometeu na fé, deve ter ocupado um tempo considerável; o tempo gasto não é mencionado. O jovem e fervoroso rei varreu a terra desde o território de Simeão, no Sul, até o território de Naftali, no Norte (2 Crônicas 34.6), esmagando e lançando às chamas tudo que ele sabia que era detestável aos olhos do Santo de Israel. Era o livro da lei, e nada mais, que influenciava as suas ações. Não há falsidade discernível no relato do Espírito do que ele fez. Com Jeú, como vimos, era o contrário. Através deles, foi realizado um trabalho útil, mas seus motivos não eram puros.

Pode surpreender alguns que Josias fosse capaz de agir tão livremente no norte da Palestina, vendo que tinha sido por cerca de cem anos uma província do Reino da Assíria, a explicação é que o último governo estava declinando; seus dias estavam chegando ao fim. Em Ezequiel 31, a Assíria é descrita como *“um cedro no Líbano, de lindos ramos, de sombrosa folhagem, de grande estatura”*. O sistema de nações que existia naquela época, por permissão divina, é chamado de *“o jardim de Deus?”*. A Assíria exaltava-se sobremaneira entre os outros: árvores (nações), mas a sua queda estava se aproximando. A Assíria tinha se esforçado para ser a supremacia mundial desde os dias da Assur (Gênesis 10.11). Tal posição pertence legalmente a Israel nos caminhos de Deus. A infidelidade de Israel estava agora fazendo com que Deus entregasse o governo supremo aos Gentios, mas não era à Assíria que Ele pretendia entregar. A Babilônia era o principal destino da grande imagem que estabelecem simbolicamente o imperialismo dos Gentios como um todo, do primeiro ao último. A Assíria tinha uma importante advertência quando Jonas marchou pelas ruas de Ninive, com sua terrível mensagem de um juízo. O rei se sentiu movido, e a nação também (ou, pelo menos, a capital da cidade) se curvaram diante do Criador e foram poupados pela misericórdia. Mas não houve resultados duradouros. A impiedade voltou com força total, e a destruição da Assíria nos dias de Josias estava próxima. O governo central não era mais tão forte o suficiente para manter efetivamente suas conquistas passadas; portanto, a liberdade de ação de Josias ao norte da Palestina. A orgulhosa Ninive estava prestes a ser uma desolação, para nunca mais ser reconstruída, enquanto a terra durar: *“O SENHOR deu ordem que não haja posteridade que leve o teu nome”* (Naum 1.14). Tal foi o decreto divino.

Pela bondade de Deus, nenhuma complicação externa surgiu enquanto Josias estava envolvido em seu trabalho. Os movimentos das nações estão sob o controle divino. Verdadeiramente, disse Eliú: *“Se ele*

aquietar-se, quem o condenará?”, e acrescentou, que isso não só se aplica às nações, mas também aos homens individualmente (Jó 34.29). Quando Davi deu o seu cargo a Salomão, ele lhe disse o que o Senhor havia dito a respeito dele: *“Eis que te nascerá um filho, que será homem sereno, porque lhe darei descanso de todos os seus inimigos em redor; portanto, Salomão será o seu nome; paz e tranquilidade darei a Israel nos seus dias”* (1 Crônicas 22.9). Um reino sem guerra capacita Salomão, para deste modo, servir o seu Deus. No reinado de Josafá, *“o reino de Josafá teve paz, porque Deus lhe dera repouso por todos os lados”* (2 Crônicas 20.30). Pelo contrário, o Senhor permitiu que Israel fosse invadido num momento em que Saul quase havia capturado a Davi: *“Então, veio um mensageiro a Saul, dizendo: Apressa-te e vem, porque os filisteus invadiram a terra. Pelo que Saul desistiu de perseguir a Davi e se foi contra os filisteus”* (1 Samuel 23.27-28). Não é melhor confiar em Deus do que procurar segurança em tratados e alianças? O trabalho útil, mesmo de caráter social é prejudicado pelo lixo e confusão da guerra. Mesmo os santos de Deus veem seu importante serviço embaraçado pelos conflitos mundiais; embora, no caso deles, Deus graciosamente anula as circunstâncias para enviar o Evangelho onde, de outra forma, não poderia chegar. Josias teve trinta e um anos de paz, onde serviu a Deus, em Israel Ah, foi sua própria tolice, que acabou com a paz!

Entre os muitos lugares de idolatrias, que foram visitados por Josias, Betel é, em especial, mencionado, e são percebidos alguns incidentes. Betel ocupava um lugar importante nos caminhos do Senhor, e tinha terna associação com os corações dos piedosos em Israel. Nas proximidades, estava o primeiro acampamento de Abraão quando ele entrou na terra. Naquela vizinhança, ele armou sua tenda e edificou seu altar (Gênesis 12.8). Depois de sua jornada equivocada ao Egito, Abraão voltou para o lugar onde ele construiu seu altar, no princípio (Gênesis 13.3-4). A comunhão com Deus foi, desse modo, restaurada. Foi em Betel onde Jacó descansou durante a noite, de sua jornada de Berseba até Harã. A visão da escada posta da terra para o céu, com anjos subindo e descendo nela, e o Senhor falando com seu pobre e desobediente servo, do cume da mesma, é familiar a todos nós. No início da manhã, Jacó *“tomou a pedra que havia posto por travesseiro e a erigiu em coluna, sobre cujo topo entornou azeite. E ao lugar, cidade que outrora se chamava Luz, deu o nome de Betel”* (Gênesis 28.10-22). Betel significa *“casa de Deus”*. Depois de anos de peregrinação, Jacó voltou para lá, e aprendeu lições preciosas referente ao Deus, com quem teria de fazer (Gênesis 35.1-15). Vários séculos mais tarde, o Senhor se refere, de forma comovente, à segunda visita de Jacó a Betel: *“Ali falou Deus conosco. O SENHOR, o Deus dos Exércitos, o SENHOR é o*

seu nome” (Oseias 12.4-5). Marca como o Deus Trino aprecia o fato de que *“ali falou Deus conosco”*. Betel se tornou um dos principais lugares de idolatria para Jeroboão. Ele fez o máximo para impedir que o povo falasse com o Deus deles, como o pai deles, Jacob fez. Na verdade, a proximidade de Betel com Jerusalém, leva-nos a crer que Jeroboão, deliberadamente, estabeleceu Betel como um centro religioso, a fim de obstruir o caminho do povo ao santuário do Senhor.

Betel era o foco da iniquidade na época de Jeroboão, nos dias de Josias. Em Amós 4:4, o Senhor diz sarcasticamente ao Seu povo rebelde: *“Vinde a Betel e transgredí”*, mas no capítulo seguinte, do mesmo profeta, ouvimos uma voz pedindo: *“Pois assim diz o SENHOR à casa de Israel: Buscai-me e vivei (...). Buscai ao SENHOR e vivei, para que não irrompa na casa de José como um fogo que a consuma, e não haja em Betel quem o apague”* (Amós 5.4-5). Quando Jeroboão dominou sobre as dez tribos por causa da infidelidade de Salomão, o Senhor lhe disse que se ele dêsse ouvidos aos Seus mandamentos, e andasse nos Seus caminhos, e fizesse o que é reto aos Seus olhos, Ele estaria com ele e lhe edificaria *“uma casa estável”* (1 Reis 11.38). Mas em quem Deus pode confiar, senão o Senhor Jesus? Salomão foi infiel; assim também foi Jeroboão. Quando este fugiu para o Egito, para escapar da ira de Salomão, ele viu o povo lá adorando o deus Apis. Isso provavelmente o fez lembrar-se dos bezerros de ouro que ele montou em Betel e em Dã.. Do mesmo modo, Arão e os filhos de Israel, tiveram a ideia do bezerro de ouro (Êxodo 32). O Egito é um tipo do mundo em sua independência de Deus, porque os filhos de Deus preferem copiar seus caminhos!

A situação geral das províncias ao norte da Palestina era deplorável, quando Josias começou sua missão de julgamento. Quando os reis da Assíria removeram um número considerável das dez tribos da terra, eles as substituíram por colonos da Babilônia e de outras províncias, que trouxeram com eles seus deuses pagãos. Esta triste mistura é descrito em 2 Reis 17. A partir desse momento, houve uma estranha combinação de israelitas e gentios, e de paganismo e de judaísmo na terra que o Senhor amou, e sobre a qual o Seu Filho amado, apesar disso, vai reinar gloriosamente. Que confusão, como resultado da desobediência a Deus!

A idolatria nunca foi tão minuciosamente extirpada quanto por Josias, por toda a extensão da terra de Israel. Ele matou todos os sacerdotes, queimou seus ossos sobre os seus altares e, então, destruiu os seus altares, reduzindo-os a cinzas. Deus ama os que procuram agradá-Lo em tudo. Os santos de Corinto eram muito disleptos em lidar com a maldade na Igreja, prontos a vingar seus erros pessoais, e levando uns aos outros aos tribunais do mundo (1 Coríntios 5.6). A

separação do mundo se dará na vinda de nosso Senhor Jesus: *“Mandarà o Filho do Homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes”* (Mateus 13.41-42).

Ao olhar em volta das sepulturas em Betel, uma, em particular, atraiu a atenção de Josias: *“Que monumento é este que vejo? Responderam-lhe os homens da cidade: É a sepultura do homem de Deus que veio de Judá e apregoou estas coisas que fizeste contra o altar de Betel. Josias disse: Deixai-o estar; ninguém mexa nos seus ossos. Assim, deixaram estar os seus ossos com os ossos do profeta que viera de Samaria”* (2 Reis 23.16-17). Aqui está sendo recordada essa extraordinária história. Os homens de Betel estavam falando de uma visita à sua da cidade três séculos e meio antes. A memória dessa visita ficou lá, e o povo reconheceu o cumprimento das palavras do homem de Deus nos terríveis atos de Josias.

Existe algo parecido como profecia? A mente moderna rejeita a influência com desprezo. Mas as Escrituras estão cheias de profecias. O que já foi cumprido constitui um grande número de testemunhos divinos. Sobre o próprio Cristo: Seu nascimento, onde foi e as circunstâncias; Seu ministério e milagres; Sua rejeição por parte de Israel; Seu sofrimento nas mãos dos homens e de Deus; Sua morte, sepultamento e ressurreição e ascensão e a Sua natureza humana à mão direita de Deus, foram todos escritos pelo Espírito Santo, séculos antes d’Ele vir ao mundo. A respeito de Israel e as nações em geral: sua queda e sofrimentos foram profetizados enquanto estavam no auge de sua prosperidade; e, em alguns casos, muito antes que eles subissem ao poder. Se tanto foi cumprido ao pé da letra, a fé com confiança espera a plena realização de todos os que ainda permanecem. O homem é incapaz de prever o futuro, porque ele é, senão um ser mortal. Deus, ao contrário disso, *“chama à existência as coisas que não existe”* (Romaanos 4.17). Os homens que, em seu orgulho e independência de coração, rejeitam a lâmpada profética que Deus, graciosamente colocou ao alcance de todos para que possam apreciá-la, tem necessidade de tatear na escuridão. A luz de Deus, que alegra o espírito e orienta os passos, não está distante, mas eles a desejam! Nunca a palavra de profecia foi tão necessária para o povo de Deus do que no século XXI da era cristã, com suas múltiplas complicações e perplexidades (2 Pedro 1.19).

oOo

Três Vidas Arruinadas

A resposta dos homens de Betel à pergunta de Josias, com relação a um sepulcro em particular que chamou sua atenção, nos leva de volta a um dos capítulos mais crítico nas Sagradas Escrituras: 1 Reis 13. Três homens estão diante de nós lá, e as negociações governamentais de Deus com eles. Apesar de que três mil anos se passaram desde os incidentes que estão lá registrados, as lições do capítulo são tão importantes como hoje para todos os que têm a ver com Deus e, especialmente, para qualquer um que se apresenta em seu testemunho público como cristão.

Três vidas arruinadas! De nenhuma outra forma podemos simplesmente falar de:

*Jeroboão, o rei do Norte de Israel,
O homem de Deus e de Judá, e
O velho profeta de Betel.*

Em Jeroboão, vemos a inutilidade e a desesperança da carne, no entanto, divinamente favorecido. Retirado da obscuridade pelo Deus de Israel, e concedido domínio sobre dez das tribos, Jeroboão iniciou seu reinado com todas as vantagens. O Senhor prometeu estar com ele, e lhe edificaria uma *casa estável* se ele desse ouvidos aos Seus mandamentos, e andasse nos Seus caminhos. Salomão tinha falhado gravemente nisto, e foi (com os seus herdeiros) castigado por Deus em Seu reto governo. Jeroboão se beneficiou com o relacionamento severo do Senhor com o Rei que Ele tanto amava, e a quem não poupou sabedoria, riquezas, glória e bênção. E a carne sempre lucrou sob a mão de Deus? É irremediavelmente ruim, e a palavra de Deus para todos os homem é: *“Importa-vos nascer de novo”* (João 3.7). Quando Jeroboão estabeleceu-se no seu reino (porque o Senhor proibiu que Reoboão o atacasse) em seu desejo de tornar o seu trono seguro, ele criou uma nova religião para seu povo. A vontade de Deus não significava nada para ele. Porque ele temia que, se o povo subisse continuamente a Jerusalém para adorar o Senhor, acabariam, no fim das contas, voltando a sua fidelidade à casa de Davi, ele criou novos lugares sagrados para eles. No entanto, a palavra do Senhor através de Aias, o profeta, deveria ter deixado claro que ele não tinha nada a temer se guardasse os mandamentos de Deus (1 Reis 11.35-38). Por isso, o seu pecado foi grande ao colocar bezerros de ouro em Betel e em Dã para que o povo adorasse. Repetidamente, ouvimos o triste refrão sobre seus sucessores corruptos que andaram *“nos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, que fez pecar a Israel”* (2 Reis 13.2-11). A maligna influência deste homem levou ao cativeiro.

Num dia que nunca será esquecido, um homem de Deus de Judá apareceu em Betel, enquanto Jeroboão estava queimando incenso sobre o seu altar idólatra. Não somente tinha ele desviado o povo do local

escolhido de Jeová, mas ele também pôs de lado o sacerdócio Aarônico e nomeou os sacerdotes de sua escolha, agindo como se fora um sacerdote! (1 Reis 13.33). O cristianismo tem sido acusado de tudo isso. Centros religiosos têm sido criados em abundância e o santo sacerdócio de Deus, composto de todos os crentes no Senhor Jesus (1 Pedro 2.5), foi rejeitado, para dar lugar a um bocado de homens que não sabem nada da graça de Deus, e que são culpados do pecado de Coré nas suas ministrações pretensiosas (Números 16.4-7; Judas 11).

O homem de Deus foi enviado a Betel para denunciar os atos de Jeroboão. Sua mensagem foi dirigida ao altar, e não ao próprio rei: *“Altar, altar! Assim diz o SENHOR: Eis que um filho nascerá à casa de Davi, cujo nome será Josias, o qual sacrificará sobre ti os sacerdotes dos altos que queimam sobre ti incenso, e ossos humanos se queimarão sobre ti”*. Agora, esta é a profecia. Por que isto é tão difícil? Se Deus é Deus, se Ele é realmente o *“Eu sou”*, é fácil para Ele falar sobre homens e suas ações, com séculos de antecedência se Ele escolher assim fazê-lo. Nós, simples mortais, só podemos falar das coisas que estão acontecendo diante dos nossos olhos. O amanhã é completamente desconhecido. Esta profecia é muito precisa de qual era o nome do homem que iria destruir o altar de Jeroboão. Da mesma forma, o Senhor chamou Ciro, centenas de anos antes do seu nascimento (Isaías 45.1). E orar? Por que não? Perguntamos novamente, onde está a dificuldade? Fora com a incredulidade estúpida que nos privaria do benefício inestimável da vasta gama de verdade profética que está consagrada na Sagrada Escritura!

A previsão de que Betel seria julgada por um príncipe da linhagem de Davi não deve passar despercebida. O Senhor estava muito descontente com a casa Real, mas, mesmo assim, ele não abandonou Seus propósitos com relação a ela. Josias, na sua obra de destruição, é típico de Cristo (toda a Escrituras aponta para Ele), que na Sua volta julgará e removerá todo o mal de Israel, e da terra, em geral. Ciro também tipifica Cristo, mas, de uma forma diferente, Josias derribou, mas Ciro edificou. Foi ele quem publicou o famoso decreto que incentivava o povo judeu a voltar para a terra de seus pais e a reconstruir o Templo (Esdras 1.1). Assim, em Josias, Cristo é lembrado como o juiz e destruidor de tudo o que é mau, e em Ciro como o restaurador do povo, por tanto tempo estrangeiros na terra da promessa.

O homem de Deus deu a Jeroboão um sinal de que a palavra do Senhor, através dele, aconteceria. O altar deveria ser alugado e as suas cinzas espalhadas. E assim aconteceu, para espanto de Jeroboão. *“Prendam-no”*, gritou o zangado rei, mas a mão que ele estendeu se atrofiou pelo juízo de Deus. *“Orem por mim”*, disse Jeroboão alarmado;

Infelizmente, o pobre homem nunca aprendeu a orar por conta própria. Isto nos faz lembrar a Faraó em Êxodo 8:8, e Simão, o feiticeiro, em Atos 8.24. O exercício do poder de Deus que experimentou, deveria ter levado Jeroboão ao arrependimento, mas a carne não aprende nada.. Ele sentiu as consequências de seu pecado, mas não o seu mal: “*Depois destas coisas, Jeroboão ainda não deixou o seu mau caminho*” (1 Reis 13.33).

A figura central de 1 Reis 13 é o “*homem de Deus que viera Judá*”, e as palavras que ressumem todo o capítulo são: “*a palavra do Senhor*”, repetidas dez vezes. Para Jeroboão, a palavra do Senhor não significava nada, obstinação era sua regra de vida. Para o velho profeta que morava em Betel, a palavra do Senhor significava algo, mas tinha perdido o seu poder em sua vida; para o homem de Deus, a palavra do Senhor era tudo até o momento fatal, quando ele deixou que ela o seduzisse.

Fique claro que o mensageiro que terminou seu trajeto tão tragicamente era um *homem de Deus*. Este título é usado raramente na Escritura, e é reconhecido a pessoas que são divinamente selecionadas. No entanto, o homem de 1 Reis 13 é descrito desse modo quinze vezes, não apenas pelo escriba que escreveu o capítulo, mas, também, pelo Espírito Santo que guiou a sua pena! No mesmo princípio, Barnabé, depois de seus passos falsos, é divinamente descrito em Atos 11.24 como “*um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé*”. Um homem não perde seu caráter por completo aos olhos de Deus por causa de uma ou mais falhas. Nisto, nosso Deus é mais misericordioso (e muito mais. Justo) do que o Seu povo que, ao esquecer suas próprias fragilidades, às vezes, são impiedosos para com aqueles que Satanás fez tropeçar. O pecado nunca deve ser considerado suave, e Deus, com certeza, tratará com isso naqueles que estão ao Seu lado, mas os críticos não podem esquecer a advertência: “*Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia*” (1 Coríntios 10.12).

Deus não se agradou em nos dizer o nome da testemunha que falhou miseravelmente em Betel, nem nos disse o nome do homem que o fez desviar do caminho. Vamos encontrá-los na glória de Deus, em breve, e eles vão se juntar a nós ao proclamar o valor do Cordeiro que foi morto. Ninguém se atreva a vangloriar-se: “*Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor*” (1 Coríntios 1.31).

Voltamos a chamar a atenção para o fato de que o homem que falhou em Betel é descrito quinze vezes em 1 Reis 13, como “*homem de Deus*”. Ele estava de acordo com o título, ou o Espírito de Deus, portanto, não o designaria. Sua alma santa se revoltou contra a maldade que cobria a terra de Israel; ele desejava ficar totalmente afastado, e denunciou a maldade com todo o fervor de seu coração. A palavra do Senhor era preciosa para ele, ainda que não o fosse para os

outros, Por que então ele falhou? Porque, caro leitor cristão, ele não era mais perfeito do que você e eu. Nos livros da Bíblia, as falhas, até mesmo, dos mais verdadeiros servos de Deus não são ignoradas. Abraão, Moisés, David, Pedro, Paulo, Barnabé e outros todos fracassaram, por vezes, na presença do inimigo, Nestes registros solene, Deus nos ensina que só o Servo e a Testemunha perfeita é o Filho de Seu amor. Quanto a nós, só andamos com firmeza quando colocamos nossa fé em Jesus, e quando a palavra de Deus é suprema em nossas vidas pelo poder do Espírito Santo. Que Deus, em Sua infinita misericórdia, nos conserve firmes num mundo que está indo direto para sua destruição, e numa Igreja que tem, infelizmente, pouco respeito à Sua Santa vontade!

Jeroboão ficou tão aliviado pela restauração de sua mão, que ele convidou o *homem de Deus* para sua casa para que se refrescasse e fosse recompensado: *“Porém o homem de Deus disse ao rei: Ainda que me desses metade da tua casa, não iria contigo, nem comeria pão, nem beberia água neste lugar. Porque assim me ordenou o SENHOR pela sua palavra, dizendo: Não comerás pão, nem beberás água; e não voltarás pelo caminho por onde foste”* (1 Reis 13.8-9). Tudo isto é excelente. Havia firmeza no tom do mensageiro do Senhor. Ele claramente compreendeu a natureza da sua comissão, e estava determinado a ser obediente em cada detalhe. O patrocínio da realeza não o desviaria da Palavra de Deus. Comer e beber são expressivos da comunhão; assim somos ensinados em 1 Coríntios 10.14-22, e não poderia haver comunhão entre o povo de Betel e o homem que respeitava o Senhor e Sua verdade. Não percamos a lição disto, a necessidade de testemunho ousado contra o mal religioso torna-se cada vez mais urgente enquanto a apostasia se aproxima; mas o testemunho dos nossos lábios perderá todo o valor se tolerarmos por um momento sequer que sabemos ser contrários a Deus: *“Mas, com certeza, posso assistir o casamento da minha própria filha na Catedral?”* Que tipo de instrução você deu à sua filha para que ela quisesse se casar numa catedral? Se você a ensinou corretamente, e ela persiste em não levar a sério seus conselhos, não ficaria bem passar a hora do casamento tranquilamente em casa, em oração por sua filha rebelde? Por que descer ao nível dela ao dar sanção àquilo que as Catedrais e o clero representam? Irmãos de nosso Senhor, segundo a carne, se admiraram que Ele não estivesse fazendo a preparação para assistir à *“festa dos tabernáculos dos judeus”* em Jerusalém. Mas Seu coração não estava lá. Seria simplesmente uma grande reunião religiosa e mundana, tão diferente do que *“as festas do Senhor”* deveriam ser (Levítico 23). *“Não pode o mundo odiar-vos, mas a mim me odeia, porque eu dou testemunho a seu respeito de que as suas obras são más”* (João 7.7). Vamos desafiar a nós mesmos, ao lado do

bendito Filho de Deus, mesmo que a sincera separação de tudo o que é contrário a Deus possa fazer com que sejamos odiados, assim como Ele também foi odiado.

Então, o homem de Deus *“foi por outro caminho; e não voltou pelo caminho por onde viera a Betel”*, mas os olhos de Satanás estavam sobre o homem. Quando cara a cara com um rei irado, ele permaneceu tranquilo em sua fé; quando a voz sedutora de um *“amigo”* religioso chegou aos seus ouvidos, ele falhou miseravelmente. Se ele tivesse ido direto para casa, tudo teria ficado bem, porém o enganador o encontrou *“sentado debaixo de um carvalho”*. A vida cristã é uma corrida. Enquanto nossas almas estão em movimento, estamos seguros. Mas, basta uma pequena desatenção para nos levar à ruína. Em Filipenses 3, encontramos Paulo se esforçando ao máximo (espiritualmente falando) para alcançar a meta que Deus tinha estabelecido para ele - conformidade a Cristo na glória: *“Prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus”* (Filipenses 3.14). Entre as suas últimas palavras, lemos: *“Completei a carreira”* (2 Timóteo 4.7). Somos exortados para que *“desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus”* (Hb 12.1-2). A arma de maior sucesso de Satanás é o engano. Observe as palavras *“engano”* e *“enganado”* em Apocalipse 20. *“Pois não lhe ignoramos os desígnios”*, diz o apóstolo em 2 Coríntios 2.11. Isto indica a posição cristã ideal, mas pode não ser verdade a todo o momento de cada crente individualmente. É necessário vigilância constante.

O sedutor do homem de Deus que viera de Judá era ele próprio um profeta do Senhor. O Espírito Santo chama de *“um profeta velho”* (1 Reis 13.11). O adjetivo prende nossa atenção. Em 1 João 2, a família de Deus está dividida em três graus: *“bebês”*, *“jovens”* e *“pais”*. Os *“pais”* são santos na mais alta condição de desenvolvimento espiritual, os homens de idade (no sentido espiritual) sugere decadência. Está escrito de Efraim, em Oseias 7:9: *“Estrangeiros lhe comem a força, e ele não o sabe; também as cãs já se espalham sobre ele, e ele não o sabe”*. É lamentável quando este tem que ser dito de um crente no Senhor Jesus, mas parece ter sido realmente verdadeiro do velho profeta. Como Ló, antes dele, ele vivia numa vizinhança ruim e *“as más conversações corrompem os bons costumes”* (1 Coríntios 15.33). Um grande número de pessoas piedosas havia abandonado todos os seus no Reino do Norte, a fim de fugir da idolatria de Jeroboão. Foram para o Sul, para Judá e Jerusalém, onde ainda havia algum respeito pela lei do Senhor (2 Crônicas 11.13-17). Mas o velho profeta permaneceu em Betel! Como Oseias 7:9 expressa que estrangeiros lhe comem a força, e as cãs se

espalhavam sobre ele. Ele não era o tipo de homem a quem Deus poderia usar para denunciar publicamente as maldades de Jeroboão e seus seguidores, daí a missão especial do homem de Deus que viera de Judá, cujo trabalho, a apostasia, o velho profeta cruelmente arruinou.

Quando os filhos do profeta chegaram a casa, vindos da cidade, e contaram a seu pai de tudo o que tinha acontecido, seu espírito se comoveu, como poderia ser. Tendo verificado por qual caminho o homem de Deus seguiu, ele foi atrás dele, desejoso em trazê-lo de volta a sua casa por um período. Vamos ser razoáveis em nossa crítica ao velho profeta neste momento. Ele provavelmente não sabia nada sobre a estrita e divina ordem que a testemunha do Senhor não deveria comer nem beber em Betel. O que parece mais provável é que ele ansiava por alguma relação sexual com o homem que temia a Deus. O que o Espírito Santo tão graciosamente diz do infiel Ló seria igualmente verdade do velho e infiel profeta: *“Porque este justo, pelo que via e ouvia quando habitava entre eles, atormentava a sua alma justa, cada dia, por causa das obras iníquas daqueles”* (2 Pedro 2.8). Não demorou muito e um *“irmão”* sentou-se à mesa com o velho profeta, que prazer seria receber um agora! É possível também que ele procurou algum reconhecimento do homem que tinha agido tão maravilhosamente na presença do rei e do seu povo. Mas por que ele não virou algum tempo antes suas costas a Betel? A separação do mal é vital para o desenvolvimento da vida espiritual. Apenas num ambientes saudável, qualquer um de nós, pode crescer no conhecimento de Deus.

Quando o homem de Deus contou ao velho profeta quais eram suas ordens (*“pela palavra do Senhor”*), o momento mais crítico na história de vida de ambos foi alcançado, aos poucos perceberam isso. Oh, a importância de prestar atenção em cada palavra e cada passo! Primeiro, o velho profeta falhou, por que ele mentiu; então, o homem de Deus falhou, porque ele não foi suficientemente vigilante para discernir a voz sedutora de Satanás. Ficamos admirados por que o profeta mentiu? O ambiente em que vivia é explicação suficiente. Ninguém poderia viver em Betel sem que sua tonalidade espiritual, num todo, se declinasse. Por isso, ele disse: *“Eu sou profeta como tu, e um anjo me falou por ordem do SENHOR, dizendo: Faze-o voltar contigo a tua casa, para que coma pão e beba água. (Porém mentiu-lhe)”* (1 Reis 13.18). Paulo, o Apóstolo, teria, rapidamente, descartado tal expressão. Preste atenção em sua linguagem veemente em Gálatas 1.8: *“Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema”*. Se um anjo, a qualquer momento, se atrevesse a contradizer, ou mesmo modificar qualquer palavra explícita de Deus, seria um pecado de primeira magnitude. Recomendamos a nossos leitores algumas palavras de um sábio

conselheiro que se foi para seu descanso, mas que *“mesmo depois de morto, ainda fala”*: *“Quando Deus nos revela Sua vontade, não devemos permitir que qualquer pós influência qualquer que seja a chamada em questão, ainda que esta última possa tomar a forma da palavra de Deus. Se estivéssemos moralmente mais perto do Senhor, deveríamos sentir que a única posição correta e verdadeira é seguir o que Ele nos disse em primeiro lugar”* (J. N. Darby – *“Sinopses”* - vol. 1, página 506).

Que espetáculo triste! Dois servos desobedientes do Deus vivo, voltando ao reduto principal de Satanás na terra para comer e beber! Certamente, cada um tinha uma má consciência. Neles, a palavra do Senhor não tinha poder, pelo menos naquele momento. O governo de Deus, que não pode tolerar o pecado naqueles que estão próximos a Ele, afastou-se rapidamente. Em Sua divina soberania, Deus colocou a sentença de morte contra o enganado na boca do próprio enganador! *“Clamou ao homem de Deus, que viera de Judá (note a palavra “clamou”), dizendo: “Assim diz o SENHOR: Porquanto foste rebelde à palavra do SENHOR e não guardaste o mandamento que o SENHOR, teu Deus, te mandara, antes, voltaste, e comeste pão, e bebeste água no lugar de que te dissera: Não comerás pão, nem beberás água, o teu cadáver não entrará no sepulcro de teus pais”* (1 Reis 13.20-22). Não houve severidade para tanto, Jeroboão ou o velho profeta. É uma bênção estarmos em relacionamento íntimo com Deus pela graça, mas é uma coisa séria se desonramos o Seu santo nome. Na cidade de Corinto, nos dias de Paulo, havia provavelmente pessoas muito mais perversas do que qualquer outra na Igreja, mas alguns na Igreja ficaram, por ação divina, doentes; e outros caíram no sono. Por mais estranho que possa parecer, eles estavam apto para o céu, mas eles não estavam aptos para Corinto!

A despedida do profeta, junto à porta, era séria. Todos sabiam que não o encontrariam novamente neste mundo, mas os dois homens, conosco, *“compareçamos perante o tribunal de Cristo”* (2 Coríntios 5.10). O homem de Deus não tinha se afastado muito quando um leão o encontrou e o matou. O Espírito Santo observa que o leão não fez nenhum mal ao jumento, nem devorou a carcaça; além disso, ele permitiu que os transeuntes observassem o que tinha feito, sem molestá-los. Que lição é essa? O animal obedeceu à ordem divina, e não a transgrediu em nada. É humilhante refletir que a criatura mais humilde de Deus pode ser mais obediente ao seu Criador do que o homem feito à Sua imagem! Em Isaías 3, são citados o boi e o jumento como repreensão ao povo de Jeová, e em Jeremias 8.7, quatro pássaros são mencionados de quem homens e mulheres desobedientes podem aprender alguma coisa. Os corvos eram fiéis no seu serviço por carregarem pão e carne duas vezes por dia a Elias em Querite (ou seja,

eles não comem a comida); o peixe que engoliu Jonas obedeceu ao seu Criador ao expelir o profeta quando ele aprendeu a lição; e o jumentinho que, submisso, carregou o Senhor Jesus, passando pela multidão que gritava em Jerusalém. Quando o velho profeta ouviu falar do desastre com o homem de Deus, albardou seu jumento e se dirigiu rapidamente para o local. Que visão ele viu! O leão e o jumento de guarda, por assim dizer, sobre o corpo morto! Certamente, a parábola é esta! O mensageiro do Senhor morto era uma estranha mistura do leão e do jumento, com o rei tão ousado, mas com o velho profeta tão tolo! Da mesma forma, Pedro foi ousado na presença de homens armados, mas apavorado quando no meio das servas! Todas as circunstâncias provaram que a tragédia na estrada foi a mão de Deus. Jeroboão foi poupada das consequências de seu pecado em resposta à oração (1 Reis 13.6), mas a culpa do homem de Deus estava fora de alcance da oração, que era *“pecado para a morte”* (1 João 5.16). Coube ao velho profeta transportar de volta o corpo a Betel e enterrá-lo em seu próprio túmulo, com a lamentação: *“Ah, meu irmão!”*. Mas ele foi levado para confirmar tudo o que o homem morto tinha dito sobre as iniquidades de Jeroboão: *“Porque certamente se cumprirá o que por ordem do SENHOR clamou contra o altar que está em Betel e contra todas as casas dos altos que estão nas cidades de Samaria”* (1 Reis 13.32).

Este foi o túmulo sobre o qual Josias perguntou quando visitou o local três séculos e meio mais tarde. O homem morto tinha mencionado o seu nome, portanto, muito antes de seu nascimento como aquele incumbido de executar os juízos de Deus, e ele tinha cumprido a palavra de Deus. Com ternura de coração que era a característica dele, Josias deve ter lucrado com a história, mas ai de mim! Alguns anos, portanto, sua própria vida (tão valiosa para a nação) terminou em vergonha, porque, como o homem de Deus, ele saiu do caminho de sujeição total à Palavra do Senhor.

Não vamos nos apressar para sair do túmulo em Betel. Alguns momentos de meditação sobre as sérias lições serão benéficas para todos nós. É possível para um irmão mais velho tornar-se um peso morto; não devemos nos resguardar disto? A idade avançada, necessariamente, não implica em maior espiritualidade. Um longo período de trabalho útil para Deus pode facilmente produzir em nós um espírito de autossatisfação, de que nada é mais perigoso, tanto para nós, como para todos que estão sob nossa influência. Nesse caso, nossas palavras de conselho podem ter peso e valor para os irmãos mais jovens que eles não merecem. A humildade e o autojulgamento voltam para nós até o nosso último suspiro. Nós não estamos livres do perigo até que nos encontremos no abrigo seguro da presença do Senhor. O velho profeta - um homem a quem, aparentemente, Deus não

podia mais empregar - levou um homem mais jovem à sua ruína. Os homens mais jovens de nosso tempo não devem ignorar esse perigo. Respeitar a idade e a experiência é bom, mas a nossa única autoridade por ação em qualquer esfera da vida é a Palavra de Deus. “*Um irmão me aconselhou*”, ou “*um anjo falou comigo*” não vai soar bem no tribunal de Cristo, sejam velhos ou jovens devem manter-se em contato direto com Deus e Sua verdade!

Resta bem pouco até a grande reunião dos santos com o Senhor no ar. O homem de Deus que saiu de Judá vai estar nessa brilhante multidão, de igual modo, o profeta velho de Betel e p rei Josias; também todos os leitores destas páginas que acreditam no Senhor Jesus. Nós glorificaremos para sempre na graça que nos salvou. Quanto ao nosso trabalho, temos que deixar o Senhor avaliar quando estivermos diante d'Ele. Tudo o que é imperfeito, Ele graciosamente extinguirá da lembrança, mas tudo que é bom (operado em nós pelo Espírito Santo) Ele vai elogiar e recompensar. Entretanto, cada um de nós deve humildemente dizer:

*“Que Tu tens prazer em mim,
E ser o Deus que Tu és,
É escuridão para o meu intelecto
Mas o sol em meu coração”.* (F. W. Paber)

oOo

A Grande Páscoa

É refrescante se afastar da contemplação de três vidas arruinadas e meditar sobre a incrível Páscoa que Josias realizou em Jerusalém. As areias do tempo estavam se esgotando para o Israel culpado e, em breve, seu “*lugar e nação*” iria ser extinto pelo juízo de Deus, para não ser restaurado até a vinda de Cristo, mas, antes que houvesse a queda, o remanescente deixado na terra viveu um dos momentos mais brilhantes que Israel já houvera conhecido. Isto foi devido à fé do Rei, cuja mente e coração tinham sido alcançados pela Palavra de Deus, e desejava que, ele próprio e o seu povo, pudessem ser totalmente obedientes. Tudo isso é encorajador para nós, hoje em dia. Estamos vivendo no final da noite da dispensação da Igreja, mas Deus está tão disposto a conceder bênção e alegria àqueles cujos corações são fiéis a Ele. A obscuridade que nos rodeia surgiu das névoas da nossa própria desobediência e loucura, mas Deus está agora com Seu povo - como sempre esteve - na graça e no amor.

Nos dois registros, o Espírito Santo salienta o fato de que a Páscoa de Josias era sem precedentes em caráter. Em 2 Reis 23.22, lemos: *“Porque nunca se celebrou tal Páscoa como esta desde os dias dos juizes que julgaram Israel, nem durante os dias dos reis de Israel, nem nos dias dos reis de Judá?”*. Em 2 Crônicas 35.18 (escrito após o retorno do Cativo), somos informados: *“Nunca, pois, se celebrou tal Páscoa em Israel, desde os dias do profeta Samuel; e nenhum dos reis de Israel celebrou tal Páscoa, como a que celebrou Josias com os sacerdotes e levitas, e todo o Judá e Israel, que se acharam ali, e os habitantes de Jerusalém”*. A data desta lembrança maravilhosa foi cuidadosamente preservada. Tanto em *“Reis”* quanto em *“Crônicas”* somos informados que foi *“no décimo oitavo ano do reinado de Josias”*.

A razão pela qual está Páscoa era diferente de todas as outras, foi a meticulosa observância da Palavra do Senhor pelo rei e pelo povo. Deus havia falado por intermédio de Moisés, Davi e Salomão sobre as ordenanças do culto divino, e Josias estava determinado de que ela deveria acontecer. As falhas e deficiências de dias anteriores não podiam permitir que influenciassem os acontecimentos de *agora*. Ezequias celebrou a Páscoa no segundo mês, mas Josias celebrou no primeiro. Nos dias de Ezequias, a purificação do povo e do santuário era apenas parcial; Josias fez com que a purificação fosse minuciosa e completa. O Senhor graciosamente perdoou as irregularidades no reinado de Ezequias, mas, desde então, o livro da lei teve maior destaque, e Josias desejou que a sua promulgação devesse ser, cuidadosamente, observada. Ouça a sua exortação aos Levitas: *“Imolai o cordeiro da Páscoa; e santificai-vos e preparai-o para vossos irmãos, fazendo segundo a palavra do SENHOR, dada por intermédio de Moisés”* (2 Crônicas 35.6).

Com tal espírito de trabalho, estamos preparados para as palavras *“Josias celebrou a Páscoa ao SENHOR, em Jerusalém”* (2 Crônicas 35.1; 2 Reis 23.21). Não era uma ocasião para meras pompa e apresentação sacerdotal. A pobre carne adora essas coisas! Prédios magníficos, roupas caras, música estridente e cheiro de incenso atraem multidões nos nossos dias. Mas tudo isso é profundamente ofensivo para Aquele com quem temos de fazer: *“Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade”* (João 4.24.). O Senhor estava na mente de Josias. Toda sua alma estava indo para Ele, e seu único desejo era agradá-Lo em todas as coisas. Passando para o Evangelho de João, que língua estranha encontramos lá! *“Ora, a Páscoa, festa dos judeus, estava próxima”* (João 6.4.): *“Ora, a festa dos judeus, chamada de Festa dos Tabernáculos, estava próxima”* (João 7.2). A linguagem do Apóstolo é fria. A Páscoa e o Tabernáculos eram *“festas dos judeus”*; não, como em Levítico 23, a *“festas do Senhor”*. O ritual

daqueles dias memoráveis era devidamente realizado; todavia, JESUS esteve na terra, e não foi desejado. Hipocrisia terrível! O Deus de Israel andando para cima e para baixo entre o povo, um vizinho próximo em Sua graça condescendente, porém indesejável: *“O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam”* (João 1.10-11). Quando os grandes Festivais de Sua ordenação estavam em andamento, Anás e Caifás eram bem-vindos; um ou ambos compareceriam com *glamour*, mas Jesus estava fora de tudo. Algumas pessoas simples podem perguntar se Ele estaria presente, e poderiam discutir com outros sobre Ele, mas não havia nenhum movimento para exaltar Aquele de quem todos os detalhes nas festas do Senhor falava, de forma eloquente, a todos os que tinham ouvidos para ouvir e coração para entender (João 7.11-12).

Nossos corações estão si dirigindo a Deus e a Cristo com o mesmo fervor como o coração de Josias foi ao encontro do Senhor tempos atrás? Com relação ao lugar da separação que muitos professam ter tomado, nós realmente *“saíamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério?”* (Hebreus 13.13). Quando vamos ao culto em qualquer ocasião; o pensamento predominante em nossa mente é que estamos indo ao encontro do Senhor, ou estamos apenas participando de um culto religioso? Podemos ser verdadeiramente bíblicos no que fazemos, como eram os sacerdotes e os Fariseus nos dias de nosso Senhor, e mesmo sem dar qualquer alegria ao coração de Deus.

Um passo muito importante tinha de ser tomado antes da Páscoa, que poderia ser corretamente realizado em Jerusalém - a arca do Senhor teve que ser restaurado ao seu lugar. Josias *“disse aos levitas que ensinavam a todo o Israel e estavam consagrados ao SENHOR: Ponde a arca sagrada na casa que edificou Salomão, filho de Davi, rei de Israel; já não tereis esta carga aos ombros; servi, pois, ao SENHOR, vosso Deus, e ao seu povo de Israel”* (2 Crônicas 35.3). Ficamos surpresos ao ler esta ordenança! Não houve qualquer citação que a arca foi removida. Quem fez isso? Que rei seria tão mau para remover o vaso sagrado do Santo dos Santos? À que nível o povo de Deus desceu para que se tolerassem tal profanação? E onde estava a arca durante os anos de sua desonra? É verdade que a arca era um baú, porém feito de madeira de acácia, coberta de ouro, com uma tampa sobre a qual o sangue expiatório destinava-se a ser espargido. Mas *a arca testemunhava a Deus de Cristo*, e Josias, muito apropriadamente, testemunhou dela como *“a arca santa”*. Era a mais expressiva de todos os tipos de economia Levítica: a humanidade incorruptível de nosso Senhor é apresentada na madeira de acácia; Sua Divindade no ouro que a cobria e Seu sacrifício feito é demonstrado no sangue no propiciatório sobre o qual os

querubins de ouro olham para baixo. Tipicamente, era o Cristo em Sua pessoa e obra que havia sido totalmente rejeitado em Israel até que Josias foi divinamente levantado para que pusesse tudo em seu devido lugar. Cristo é o verdadeiro escolhido de Deus, e isto deve ficar claro (pelo menos no tipo) antes da Páscoa podia ser aceitável ao Senhor.

No início do século XIX, houve um movimento do Espírito de Deus no cristianismo que foi muito além das grandes obras da Reforma Protestante. No século XVI, foi recuperada a importante verdade da justificação pela fé, e multidões, nela, se alegraram. Porém, naquela época, pouco mais foi recuperado. Contudo, na “*década de vinte*”, do século passado, houve o movimentar em muitos corações com relação à Igreja - seu verdadeiro relacionamento com Deus e com Cristo, e o caminhar que é adequado àqueles que, pela graça, têm parte nela. O orgulho na prosperidade denominacional e a prepotência de líderes religiosos eram abundantes, mas, para todos os efeitos, Cristo estava em primeiro lugar. Ele é tudo para Deus, e Ele deveria ser tudo para nós. Ele se senta nas alturas como Cabeça de Seu corpo, a Igreja. Que outro ousaríamos reconhecer? Ele é o único Deus verdadeiro para os Seus santos na terra, de acordo com Suas próprias palavras em Mateus 18.20: “*Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles*” Quando essa preciosa realidade é boa para a alma através do Espírito Santo, resulta na emancipação das tradições humanas. Amado leitores cristãos, Cristo é tudo isso para você – o Deus com quem está em consciente união, e o principal motivo que lhe apraz se reunir com aqueles que amam o Seu inigualável nome?

Que semana de alegria e de bênção, Josias e seu povo experimentaram em Jerusalém! Foi um reavivamento, de fato. Já vimos nos livros de “*Reis*” e “*Crônicas*” onde nos informaram que nunca houvera algo igual há vários séculos. Mas por que Josias convoca uma semana Pascal, em vez de uma semana para a festa dos Tabernáculos? Porque a Páscoa era a grande fundação do Senhor para o Seu povo, e o Seu dever começar onde Ele começa. Era o memorial da maravilhosa libertação de Israel, nos dias de Moisés. Que se destinava a ser um apelo tríplice:

- 1) Para o indivíduo;
- 2) Para a família, e
- 3) Para a nação, num todo.

Todo o primogênito, no tempo de Josias, lembraria como o primogênito foi-poupado no Egito, e ele teria, assim, aprendido algo do valor do sangue aspergido. Assim, com o indivíduo agora. É bom cantar com a Igreja:

*“Digno é o Cordeiro, que foi para as alturas
Para ser assim exaltado;*

*Digno é o Cordeiro que morreu, choramos,
Pois Ele foi morto por nós*.³ - Dr. Watts.

Contudo, todo indivíduo também se alegra em dizer: “*O Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim*” (Gálatas 2.20). Os pronomes pessoais são muito aceitáveis em nossos lábios quando cantamos a Deus individualmente. Mas os pronomes pessoais estão em desacordo com a Igreja: “*Meu redentor! Oh, como é doce Te chamar meu!*”. É mais adequado para o lar do que para a igreja.

Toda família em Israel se alimentaria com o cordeiro assado. Somos zelosos na adoração familiar? Será que ensinamos, desse modo, a nossos filhos que, em uníssono, em casa, falamos e cantamos em termos de valorização do Cordeiro que foi morto! Mas, além da valorização do indivíduo e da família, há também a reunião da congregação para abençoar a Deus e ao Cordeiro; no caso de Israel, a toda a nação. E nesta era, a toda Igreja dos santos.

O ajuntamento Pascal em Jerusalém nos dias de Josias era um pequeno caso amoroso em comparação com o ajuntamento nos dias de Salomão para manter a festa dos Tabernáculos: “*No mesmo tempo, celebrou Salomão também a Festa dos Tabernáculos e todo o Israel com ele, uma grande congregação, desde a entrada de Hamate até ao rio do Egito, perante o SENHOR, nosso Deus*” (1 Reis 8.65). Porém, os dias de Salomão foram os momentos de glória de Israel. A nação estava dividida, e era apropriado que a festa dos Tabernáculos devesse ter destaque, pois ela fala tipicamente da glória e da bênção milenar. Nos dias de Josias, o país estava quebrado e um grande número de pessoas tinha sido desterrada da terra pelos Poderes Gentílicos. Apenas um remanescente foi deixado, mas era muito precioso para o Senhor vê-los se reunindo naquele momento final da história da nação para colocá-los mais uma vez em perigo e necessitados do abrigo do sangue do cordeiro. É uma preciosa lição para nós nos dias atuais!

Devemos nos lembrar que a Páscoa, propriamente dita, era uma festa de um dia, mas inseparavelmente ligada a ela estava a festa dos pães asmos durante sete dias. O conjunto estava completo com a santa convocação: “*No sétimo dia, tereis santa convocação; nenhuma obra servil fareis*” (Números 28.25.). Nada disso foi esquecido por Josias. Como ele estava ansioso para ser obediente à Palavra em todos os detalhes! “*Os filhos de Israel que se acharam presentes celebraram a Páscoa naquele tempo e a Festa dos Pães Asmos, por sete dias*” (2 Crônicas 35.17). As instruções primárias do Senhor sobre a semana da Páscoa, o fermento era absolutamente proibido. Aquele que se atrevesse a comer pão fermentado durante essa época deveria ser extirpado de

³ **Nota do tradutor:** tradução livre do hino.

Israel (Êxodo 13.14-20). Nenhum trabalho e nem fermento eram as regras divinas para a semana da Páscoa (Levítico 23.6-8). Nenhum trabalho, para a grande obra do Calvário de Cristo estava à vista (tipicamente), e nenhum esforço humano deve ser comparado a esse, Cristo não é um mero ajudante de pecadores, compensando suas deficiências, Ele é o *Salvador*, fazendo tudo que é necessário para nos salvar da ruína eterna. Todos os dias, durante a festa dos pães asmos, holocaustos eram oferecidos ao Senhor, pois eles lhe falavam das perfeições de Cristo na vida e na morte, em virtude da qual somos aceitos e abençoados. O contraste entre o que o homem é, e pode fazer; e o que Cristo é e fez, foi, portanto, fortemente apresentado tipicamente.

Nenhum trabalho e nem fermento. *Sem fermento*, porque é sugestivo do mal em toda a Bíblia. A aplicação dessas instruções aos cristãos é mostrado em 1 Coríntios 5. Os santos de Corinto (residentes numa cidade particularmente má), e pouco tempo de convertida com pensamentos baixos do que é adequado a Deus. Os tipos da Páscoa e dos Pães Asmos do Antigo Testamento eram, por isso, conservados pelo Apóstolo: “*Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado. Por isso, celebremos a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade*”. A Ceia do Senhor não é visualizada nesta passagem. A Ceia do Senhor é tratada em 1 Coríntios 11, e a comunhão relacionada com isso no capítulo 10. O ensino do capítulo 10 vai muito além da Ceia que, na verdade, nunca é chamada uma “*festa*” no Novo Testamento. O Apóstolo tinha, em mente, toda a vida dos crentes em Jesus. Os sete dias dos pães asmos de Israel são típicos de todo o período de nossa “*vossa peregrinação*” (1 Pedro 1.17). Devemos nos afastar de tudo que o fermento sugere, não só no primeiro dia da semana, mas também todos os dias da cada semana, o ano inteiro. Tudo isso é odioso para Deus, e que custou a preciosa vida de Seu Filho amado; por isso, deve ser absolutamente excluído de nossas vidas.

Voltando a 1 Coríntios 5, o Espírito Santo usa figuras caseiras que são, contudo, muito instrutivas: “*Sois, de fato, sem fermento*”, diz o Apóstolo da Igreja de Corinto. A graça, portanto, comparou-os a um pedaço de massa refinada - um sinal de que eles eram responsáveis para manter, especialmente em vista da impureza a sua volta. Mas a condição deles não correspondia à posição deles. “*Fermento velho*”-maus hábitos dos Corintos - havia no meio deles, para a desonra do Senhor e para a ferida deles. Para que “*Lança fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento*”. Havia falta de moral no meio deles. Em outros lugares, somos advertidos contra a doutrina do mal (Gálatas 5.9; Mateus 16.12). Este último é o produto de mentes não submissas a Deus, e agirá de forma mais

desastrosa do que a imoralidade. O fermento, em todas as suas formas, não deve ser tolerado por aqueles que professam apreciar a graça de Deus e o sangue do Cordeiro.

A Páscoa que vem de Israel será realizada no reino milenar. As instruções sobre ele, iremos encontrar em Ezequiel 45.21-24. Levados de volta à sua própria terra, não pelas manobras políticas dos Poderes Gentílicos, mas pela graça infinita de Deus, o povo vai, mais uma vez, colocar-se graciosamente sob o abrigo do sangue do cordeiro. Os Animais que serão sacrificados, em seguida, falar-lhes-á de Cristo. O véu tendo sido removido de seus corações, eles vão ver e entender tudo o que esteve, por tanto tempo, obscura a seus pais (2 Coríntios 3.15-16).

Durante a semana da Páscoa de Josias, os ricos ajudaram os pobres a fornecer tudo que era necessário para a grande festa, os cantores conduziam os louvores da congregação e os porteiros guardavam a porta contra todos os intrusos. (2 Crônicas 37.7,8,15). Quando o coração do povo está bem com Deus, eles são generosos, agradecidos e vigilantes. Que, neste momento, também, essas coisas se tornem verdade em nós através do Espírito Santo.

oOo

Triste Megido!

Treze anos de silêncio por parte do Espírito Santo! Não há nenhum registro de Josias, desde o décimo oitavo ano do seu reinado até seu trigésimo primeiro e último ano! As obras biográficas dos homens não são escritas desse modo, mas é o modo comum do Espírito Santo. Ele traz diante de nós muitos personagens interessantes, mas, em nenhum caso, temos uma biografia completa. A história do Filho abençoada de Deus e de Sua permanência entre nós é digna de atenção a este respeito. Embora quatro homens fossem divinamente usados para escrever sobre Ele. Os Seus ensinamentos e palavras maravilhosas só estão registrados numa quantidade modesta (João 21.25).

Não é um pouco extraordinário que a próxima coisa de que somos informados após a observância da Páscoa é Josias e o seu povo confrontando o poder do Egito. Esta é uma reminiscência da primeira Páscoa, mas são muito diferentes as circunstâncias agora! No início, o Senhor estava livrando o Seu povo da escravidão, e todo o poder de Faraó era inútil contra aqueles que se colocaram na fé, sob o abrigo do sangue do cordeiro. Em Êxodo 12-14, temos um quadro completo da salvação de Deus como agora percebemos isso. Poucado do juízo divino,

conduzido com segurança através do Mar Vermelho, com a tropa de Faraó derrotada, Israel apresenta um quadro da nossa posição e bênção maravilhosas através da morte e da ressurreição do Senhor Jesus. Nos dias de Moisés, Israel não buscou conflito com Faraó, pelo contrário, eles temiam isso! Mas, nos dias de Josias, o conflito acontecia deliberadamente. Quão verdadeiras são as palavras do sábio em Provérbios 26.17: *“Quem se mete em questão alheia é como aquele que toma pelas orelhas um cão que passa”*

“Depois de tudo isto”, diz o historiador inspirado, com um toque de tristeza em sua voz (2 Crônicas 25.20). Depois de anos andando com Deus, depois de anos de estrita obediência à Sua palavra, o rei Josias, tão excelente, até agora, mergulhou imprudentemente na guerra. Irmãos – jovens e velhos - vamos prestar atenção à advertência! Depois de anos, de bons serviços a Deus, e de uma conduta irrepreensível, é possível que passemos por idiotas e atazanarmos nossa vida. Cada passo precisa ser observado na dependência de Deus, se quisermos acabar bem. Josias já tinha atingido a idade de Ezequias (trinta e nove anos) quando o Senhor lhe enviou a mensagem através de Isaías: *“Põe em ordem a tua casa, porque morrerás e não viverás”* (Isaías 38.1). Todavia, o Senhor não propôs que Josias se preparasse para morrer, mas, infelizmente, ele cegamente acreditou nisso. Como podemos explicar sua loucura? Ele se ensoberbeceu com suas vitórias, até então? Esta é sempre uma possibilidade para os servos de Deus, mesmo para eu e você, bom leitor. Amazias errou, desta forma, e trouxe desastre sobre si e sobre o seu povo (2 Crônicas 25.17-24.).

Não há nenhum registro de oração por parte de Josias antes que liderasse Seu exército para a guerra, e não houve ordem divina para que fizesse isso. Esse homem, tão devoto até então, parece que saiu completamente do caminho da dependência e da obediência. A situação era reconhecidamente difícil. O Egito e a Assíria estavam em guerra, cada um desejando a supremacia mundial. O melhor trajeto de Faraó contra o seu inimigo era através da Palestina, como a Alemanha, em nossos dias, julgou que o melhor caminho para chegar à França era marchar através Bélgica. Pode-se alegar que era natural que Judá resistisse a isto. Isso mesmo, mas o que é natural para a carne, não é sempre certo para os homens com relação a Deus.. Por que Josias não se ateou ao problema diante de Deus, e buscou Sua orientação e proteção? Ele tinha nisto o bom exemplo de Ezequias que, quando o seu pequeno reino corria perigo por causa de um inimigo poderoso, expôs todo o problema nas mãos do Deus fiel de Israel (Isaías 37). Já foi dito que Judá tinha, por força de tratados, que ajudar a Assíria em caso de guerra. Mesmo se isso fosse verdade, não se justifica que Josias saísse sem falar nada da presença de Deus. Israel nunca seria contada como

uma das nações (Números 23.9). Israel tinha um relacionamento especial com o Senhor, e somente com Seu consentimento deveria tomar alguma decisão, em qualquer época. Nisso, eles foram feitos para serem testemunhas a todos os que observavam os seus caminhos.

Judá não era páreo para o Egito. O Egito e a Assíria, alguns anos mais tarde, foram humilhados e derrotados por Nabucodonosor, mas essa hora ainda não havia chegado. A Assíria estava em declínio; o cedro alto de Ezequiel 31.3 estava cambaleante; o Egito, a grande águia de Ezequiel 17.7, logo suas asas seriam cortadas, mas nos dias de Josias, o Egito era demasiadamente forte para Judá. As hostes de faraó poderiam, possivelmente, ter passado pela terra tão pacificamente quanto as hostes de Israel propôs passar por Edom, vários séculos antes (Números 20, versículos 14-20). Mas o orgulho real de Josias não podia tolerar isso. O Senhor tinha lhe ordenado que resistisse aos exércitos dos Egípcios, o número superior do último não importava em nada. Disse Jônatas, certa vez: *“Porque para o SENHOR nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos”* (1 Samuel 15.6). Quando Deus está trabalhando, a vitória recai sobre poucos em vez de muitos. Os trezentos de Gideão realizaram coisas grandes para Deus (Juizes 7.7). Mas os três mil covardes da tribo de Judá que procuravam entregar Sansão aos seus inimigos por causa de uma falsa paz eram piores do que os inúteis (Jz 15.11).

Josias tinha ponderado a situação em silêncio na presença de Deus, e saiu ao Seu comando, de modo que poderia ter usado as palavras de Davi no Salmo 27: *“O SENHOR é a minha luz e a minha salvação; de quem terei medo? O SENHOR é a fortaleza da minha vida; a quem temerei? Ainda que um exército se acampe contra mim, não se atemorizará o meu coração; e, se estourar contra mim a guerra, ainda assim terei confiança”*. Quando nosso bendito Senhor ficou em perigo, para desespero dos Seus discípulos, Ele estava tranquilo e confiante. Ele tinha a palavra do Pai para o que Ele estava fazendo; e ele estava, portanto, andando na luz (João 11.7-10). Mas Josias tinha se afastado da comunhão com Deus, e estava cometendo o maior engano de sua vida, por causa disso, toda a nação sofreu, bem como, ele mesmo.

Josias tinha um aviso extraordinário endereçado a ele, pelo próprio rei do Egito! O Faraó Neco *“lhe mandou mensageiros, dizendo: Que tenho eu contigo, rei de Judá? Não vou contra ti hoje, mas contra a casa que me faz guerra; e disse Deus que me apressasse; cuida de não te opores a Deus, que é comigo, para que ele não te destrua!”* (2 Crônicas 35.21). Palavras maravilhosas! Isso choca os leitores cristãos por mais estranho que Deus falasse através de um Rei pagão a um dos Seus servos? O Espírito Santo acrescenta Seu próprio comentário à mensagem de Faraó: *“Josias (...), não dando ouvidos às palavras que*

Neco lhe falara da parte de Deus". Temos aqui um exemplo notável da soberania de Deus, que age e fala através de quem lhe agrada. Não veio o Espírito Santo sobre o ímpio Balaão e o restringiu para que falasse coisas mais abençoadas sobre o Seu povo? (Números 24.2). Não havia o próprio Josias experimentado a soberania de Deus quando Ele enviou-lhe uma mensagem importante através de uma profetisa? (2 Reis 22.14). Quando Rabsaqué foi enviado contra Jerusalém por seu senhor, o rei da Assíria, ele disse: "*Acaso, subi eu agora sem o SENHOR contra esta terra, para a destruir?*" (Isaías 36.10). Palavras terríveis procedentes de tais lábios! Foi a falsidade e a blasfêmia, que o Senhor se ressentiu e rapidamente julgou.

Josias, alguns anos antes, teve a sensibilidade desperta com relação à Vontade de Deus. Quando o livro da lei foi lido diante dele, ele silenciosamente reconheceu a divina voz e obedeceu. Por que ele não reconheceu a mesma voz que lhe falava através do Faraó-Neco? Como é fácil, amados irmãos, para qualquer um de nós, cair para uma condição de frieza espiritual, de modo que a voz de Deus, embora claramente soando através de algum instrumento escolhido, ou passagem da Bíblia, não consegue mudar nossa opinião! É verdade que existem vozes de sereia ao nosso redor. Mesmo no círculo religioso, também homens pela "*hipocrisia dos que falam*" (1 Timóteo 4.2), "*muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora*", animados por maus espíritos (1 João 4.1). Tudo isso exige vigilância espiritual para que não sejamos desviados do caminho. Mas a alma que anda humildemente com Deus, com sinceridade de coração à Sua Palavra, prontamente distinguirá entre Sua voz e a voz do enganador.

Josias tinha gozado de trinta e nove anos sem guerra, durante os quais ele tinha sido capaz de fazer muitas coisas boas para as ovelhas entregues aos seus cuidados, e agora ele se encontra num conflito desnecessário! O fato de que ele disfarçou-se prova que ele não tinha uma boa consciência sobre o assunto. Não estamos surpresos que Acabe usou disfarce no campo de batalha (enquanto vilmente instando seu amigo Josafá a expor-se em Suas vestes real), porque ele estava ciente de que a sentença do juízo de Deus pairava sobre sua cabeça (1 Reis 22.30), e ele fugiria, se pudesse, mas Josias deveria saber melhor. O Deus que Se revelou plenamente a nós na pessoa de Seu Filho não é servido por métodos de subterfúgios a qualquer instante. Nunca nos esqueçamos disso. Em todos os nossos caminhos, seja no mundo ou na Igreja, vamos suportar a plena luz do dia: "*E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as*" (Efésios 5.11).

A vida de Josias era de imenso valor para Israel. Ele estava plenamente consciente de que os pecados dos seus antecessores e de Manassés, em particular, clamou em voz alta por julgamento (2 Reis

23.26), e que somente sua vida permaneceu entre a nação e o derramamento da Ira do Senhor: *“O Comunicado de Hulda deveria tê-lo feito agir com menos precipitação, e com um coração mais exercido do que ele se manifestou quando subiu contra o rei do Egito. O conhecimento de que seu julgamento merecido estava próximo para esmagar Israel, e que não havia remédio para os seus pecados... deveria tê-lo impedido de subir contra Faraó, quando este não o atacou, e até mesmo exortou-o a abster, mas ele não quis ouvir, e foi através de uma ousadia que não era de Deus”* (J.N. Darby). Uma flecha inesperada (guiada, sem dúvida, pelo Deus do Julgamento) feriu a Acabe, apesar de seu disfarce, coisa semelhante aconteceu com Josias: *“Os flecheiros atiraram contra o rei Josias; então, o rei disse a seus servos: Tirai-me daqui, porque estou gravemente ferido”* (2 Crônicas 35.23). Seus Servos o tiraram de seu carro, e o colocaram em outro, mas, infelizmente, ele morreu! O Megido foi palco de uma grande vitória quando Baraque e Débora se moveram na fé contra os cananeus, porque Deus estava com eles (Juízes 5.19); O Megido era agora o cenário de uma derrota desastrosa, porque Deus não estava com Josias na sua louca empreitada.

“Todo o Judá e Jerusalém prantearam Josias. Jeremias compôs uma lamentação sobre Josias; e todos os cantores e cantoras, nas suas lamentações, se têm referido a Josias, até ao dia de hoje” (2 Crônicas 34.24-25). Eles poderiam muito bem murmurar, porque o desastre no vale de Megido foi o fim do Reino de Judá. O desastre precisa acontecer, porque o Senhor tinha falado dele anos antes, mas é doloroso que a loucura de um dos santos mais brilhantes que já viveu o apressou! Esta reflexão deve servir para tirar de todos nós todos os vestígios da autoconfiança. Somos mordomos de Deus na melhor das hipóteses! Sem Sua graça não suportamos uma hora sequer. A singularidade de Josias é demonstrada em 2 Reis 23.25: *“Antes dele, não houve rei que lhe fosse semelhante, que se convertesse ao SENHOR de todo o seu coração, e de toda a sua alma, e de todas as suas forças, segundo toda a Lei de Moisés; e, depois dele, nunca se levantou outro igual”*. No entanto, como bom servo de Deus terminou mal!

No tribunal de Cristo tudo virá à luz de Deus: *“Quanto aos atos de Josias e às suas beneficências (...), e aos mais atos, tanto os primeiros como os últimos, eis que estão escritos”*. Assim, a nossa beneficência está divinamente registrada, bem como a nossa maldade; e os nossos atos, em primeiro lugar, quando o amor estava recente e vívido, não será esquecido por qualquer ato infeliz de outrora. Tudo vai ser lembrado e divinamente considerado: *“Porque o SENHOR é o Deus da sabedoria e pesa todos os feitos na balança”* (1 Samuel 2.3). Não “contados” como se a quantidade fosse tudo para Deus, mas “pesado”, a qualidade é o principal para Ele: *“Todo caminho do homem é reto aos*

seus próprios olhos, mas o SENHOR sonda os corações” (Provérbios 21.2).

Pobre Josias! Ele terminou mal, mas, apesar de seu erro, ele prefere *“deixar o corpo e habitar com o Senhor”* (2 Coríntios 5.8). Nós o encontraremos na presença do Senhor Jesus em Sua vinda. Não há erros lá, e cada salvo será semelhante ao Filho Primogênito de Deus, para todo o sempre. É tudo de graça. A ele seja toda a glória!

oOo

A Destruição do Reino

O reinado de Josias foi uma experiência feliz para o remanescente do povo ainda na terra. A fé do rei fez com que a lâmpada de Davi brilhasse intensamente por um tempo (1 Reis 11.36.), mas não vai brilhar novamente até que o surgimento em glória do *“grande Filho de Davi”*. Vinte e cinco séculos se passaram, mas o Prometido ainda não chegou, e as tristezas de Israel continuam e se aprofundam. Alguns anos de caos se seguiram à morte de Josias, e então os remanescentes do povo foram varridos da terra por Nabucodonosor. Josias foi o último rei digno do título. Três filhos e um neto lhe sucederam, meros fantoches de seus mestres Gentílicos. Mais tarde, os Herodes disfarçados como reis em Jerusalém, e num dia que ainda está há de vir, o Anti-Cristo vai tomar o seu lugar lá (Daniel 11.36). Mas a consumação dos propósitos de Deus aguarda a vinda de Cristo: *“Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião”* (Salmo 2.6). Toda tentativa de restabelecer a nação caída antes do Seu retorno só pode acabar em desastre, e intensificar os sofrimentos do povo.

Após sua vitória no Megido, o Faraó-Neco tomou posse do país, quando chegou a Jerusalém, descobriu que o povo tinha ungido Jeoacaz (também, Salum), o segundo filho de Josias para que fosse seu rei. Neco o depôs, e o levou prisioneiro em cadeias ao Egito. Neco então colocou a Eliaquim cujo nome mudou para Jeoaquim (2 Crônicas 36.1-4). Eliaquim significa *“Deus eleva”*; Jeoaquim significa *“O que o Senhor elevou”*. A razão para esta mudança de nome não é aparente, mas foi pelo menos um exercício de autoridade. A indicação dos nomes é uma marca de senhorio. Assim Nabucodonosor deu novos nomes a Daniel e a seus três amigos, quando ele os levou ao seu reino (Daniel 1. 7); e ele também mudou de Matanias para Zedequias, quando ele o pôs no instável trono de Judá. Que detalhes humilhantes! O povo escolhido decaído como fruto de séculos de persistente transgressão contra o Senhor. A terra que estava destinada a ser o centro dos caminhos de

Deus no governo, agora estava à mercê dos Poderes Gentílicos rivais, e os herdeiros do trono de Davi que deveriam ter sido o líderes da nação em retidão e bênção, eram agora objetos de desprezo universal. O pecado é muito degradante! O Faraó-Neco dominou a Terra Santa por pouco tempo, então Nabucodonosor o destituiu. Neco não era para ser o chefe dos gentios, no entanto, ardentemente ele pode ter desejado isso. Aquele que está assentado no trono superior, faz o que Lhe agrada nos assuntos dos homens. Feliz seria se todos os que buscam poder aprendessem esta lição. Desde os dias dolorosos que se seguiu à morte de Josias, a terra tem sido dominada pelos persas, gregos, romanos, sarracenos, turcos e agora os britânicos; e a semente desprezada de Abraão suspirou por ela em vão. Oh, se eles se humilhassem diante de Deus, e confessassem seus muitos pecados – como violaram a lei, como assassinaram os profetas, como rejeitaram e crucificaram o Messias, e a persistente oposição ao testemunho do Espírito Santo! Quando isso acontecer, possuirão todas as bênçãos, paz e prosperidade na terra de seus desejos.

Os filhos de Josias eram todos homens maus, e nos perguntamos o porquê. Sua família não era grande, apenas três nomes vêm ante nós nas Escrituras. Entre os Governantes anteriores em Israel, lemos que Gideão tinha setenta filhos (Juizes 8.30.); Jair tinha trinta (Juizes 10.4); Abdom tinha quarenta (Juizes 7.14.); e Roboão tinha vinte e oito filhos e sessenta filhas (2 Crônicas 11.21). Tais números são consideráveis, como poderia o cuidado paternal ser conferida a todos eles? Mas Josias tinha apenas três filhos e todos maus! No entanto, o pai era um homem particularmente piedoso, e tinha profunda reverência à Palavra de Deus! É possível que o serviço público de Josias, envolvendo viagens em cada canto da terra para a extirpação do mal, levou a negligenciar à família? Isto é uma questão que deve ser cuidadosamente considerada por todos os que se sentem chamados para um ministério itinerante, hoje em dia. No momento em que escrevia, ouvi falar de um servo de Cristo velejando pela África e deixando uma esposa e seis filhos novinhos jovens na Escócia. Nenhum servo de Cristo tem o direito de julgar o outro, mas tais fatos suscitam perguntas em nossa mente. Os filhos são uma grande responsabilidade que nos foi confiado por Deus. Nunca foi Sua intenção original que nossos filhos devessem ser criados por outros.

Nós aprendemos mais sobre os maus caminhos dos filhos de Josias nos livros proféticos de Jeremias e Ezequiel do que nos livros históricos dos Reis e das Crônicas. Com relação a Salum, lemos em Jeremias 22.10-12: “*Não choreis o morto (isto é, Josias), nem o lastimeis; chorai amargamente aquele que sai (ou seja, Salum); porque nunca mais tornará, nem verá a terra onde nasceu*”. Isso sugere que algo pior do que

uma simples deportação estava esperando pelo desprezado sucessor de Josias. Jeoaquim, alguns anos mais tarde, foi ao cativeiro, mas nada igual esperava Salum. Neco, possivelmente, infligiu o que teria gostado de infligir ao homem que se opunham à sua marcha sobre Carquemis. O curto reinado de Salum foi cruel, de acordo com Ezequiel 19.1-4.

Sobre *Jeoaquim* há uma grande quantidade registros nos livros proféticos. Três pecados em particular, pesam sobre seus ombros:

- 1) Opressão ao povo. O Faraó-Neco colocou sobre Judá uma pesada indenização de guerra, que Jeoaquim foi obrigado a arcar: *“Jeoaquim deu aquela prata e aquele ouro a Faraó; porém estabeleceu imposto sobre a terra, para dar esse dinheiro segundo o mandado de Faraó; do povo da terra exigiu prata e ouro, de cada um segundo a sua avaliação, para o dar a Faraó-Neco”* (2 Reis 23.35). Como se isso não fosse suficiente para o povo angustiado sofrer, Jeoaquim os obrigou a construir palácios para si mesmo, sem salário. Mal como o povo estava, o Senhor se ressentiu desta crueldade tirânica: *“Ai dele”*, disse Ele em Sua indignação. O Senhor gosta de ver um pastor conduzindo o rebanho, mas Jeoaquim era um lobo, que assolava as ovelhas. O contraste entre esse monstro e o seu pai é divinamente observado em Jeremias 22.13-17: *“Julgou a causa do aflito e do necessitado; por isso, tudo lhe ia bem. Porventura, não é isso conhecer-me? — diz o SENHOR”*. O remanescente de Israel bem que poderia lamentar a perda de Josias, quando seu filho insensível assim. Os mantinha em cativeiro. A grandeza moral de Israel e da casa real de Davi tinha passado, mas Jeoaquim ainda afetaria o esplendor material. Que os santos de Deus de hoje tenham o cuidado de tentar manter as aparências quando o poder espiritual se for. Deus quer sinceridade em todos os momentos;
- 2) Jeoaquim não só oprimia o povo, mas perseguia até a morte àqueles que testemunhavam contra seus atos. Ele perseguiu o fiel profeta Urias até o Egito, pegou-o de volta com força armada, e colocou-o à morte (Jeremias 26.20-23). Ele teria tratado Jeremias, da mesma forma, se o príncipe não tivesse resistido a ele: *“Pois aquele que requer o sangue lembra-se deles e não se esquece do clamor dos aflitos”* (Salmo 9.12);
- 3) Além de todos os precedentes, Jeoaquim perversamente lançou no fogo os manuscritos contendo as palavras de Deus. Mesmo os seus companheiros incrédulos ficaram chocados, mas a súplica deles foi em vão (Jeremias 36).

Quando nos lembramos da grande reverência de Josias à Palavra de Deus, o comportamento de seu filho parece ainda mais terrível. Toda a nação chorou quando Josias morreu, mas o Senhor decretou que não deveria haver luto por Jeoaquim. Quando Nabucodonosor tomou Jerusalém, ele amarrou Jeoaquim *“com duas cadeias de bronze, para o levar à Babilônia”* (2 Crônicas 36.6). Mas ele nunca foi à Babilônia, porque o Senhor havia dito há algum tempo antes *“acerca de Jeoaquim, filho de Josias, rei de Judá: Não o lamentarão, dizendo: Ai, meu irmão! Ou: Ai, minha irmã! Nem o lamentarão, dizendo: Ai, senhor! Ou: Ai, sua glória! Como se sepulta um jumento, assim o sepultarão; arrastá-lo-ão e o lançarão para bem longe, para fora das portas de Jerusalém”* (Jeremias 22.18-19). Assim fez o Deus indignado de Israel expressando a Sua repugnância com este filho infame de um pai piedoso.

Com relação a Zedequias, o último dos crias do leão (Ezequiel 19.5-9), o mais jovem dos filhos Josias. Ele sucedeu seu sobrinho Jeoaquim, que, após um reinado de maldade de cem dias, foi levado ao cativeiro na Babilônia (2 Crônicas 36.9-10). Seu curto reinado foi tão ruim que o Senhor disse que ninguém da sua semente se sentaria jamais no trono de Davi (Jeremias 22.24-30). Quando se fala desses desprezíveis ocupantes do trono de Israel, o Espírito Santo disse: *“Ó terra, terra, terra! Ouve a palavra do SENHOR!”*. Ele queria que os governantes de todas as nações e de todas as épocas entendessem como é odioso para Deus são os caminhos injustos daqueles que, como Seus mordomos responsáveis governam sobre os filhos dos homens. Zedequias não lucrou nada com as calamidades que se abateram sobre seus predecessores. Ele era a última esperança de Israel. Ele era uma *“videira mui larga, de pouca altura”* (Ezequiel 17.6), de fato, uma figura muito humilhante da fala! Mas ainda haveria migalhas da bênção para o povo infeliz que tinha andado humildemente com Deus. Depois de sua derrocada, Jeremias disse a ele: *“O fôlego da nossa vida, o ungido do SENHOR, foi preso nos forjes deles; dele dizíamos: debaixo da sua sombra, viveremos entre as nações”* (Lamentações 4.20). Pobre criatura que ele era, ele contava com o povo que ainda estava na terra. Com a queda de Zedequias, as esperanças de Israel foram extintas até a vinda em poder do Senhor Jesus. Zedequias era um personagem fraco, facilmente influenciável pela corte e, até mesmo, pelas mulheres. O pecado proeminente era a sua violação ao seu juramento de fidelidade ao maligno Nabucodonosor. O caldeu *“que o tinha ajuramentado por Deus; mas endureceu a sua cerviz e tanto se obstinou no seu coração, que não voltou ao SENHOR, Deus de Israel”* (2 Crônicas 36.13).

Nabucodonosor pensou em sua segurança ao fazê-lo jurar pelo nome sagrado, mas a sequência provou que, o nome do Senhor significava menos para o judeu do que para os gentios! *“Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão, porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão”* (Êxodo 20.7). Se ele tivesse sido fiel à sua aliança, o reinado de Zedequias, pobre e desprezível que fosse, poderia ter permanecido (Ezequiel 17.14). Mas agora, *“Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, no lugar em que habita o rei que o fez reinar, cujo juramento desprezou e cuja aliança violou, sim, junto dele, no meio da Babilônia será morto. Faraó, nem com grande exército, nem com numerosa companhia, o ajudará na guerra, levantando tranqueiras e edificando baluartes, para destruir muitas vidas. Pois desprezou o juramento, violando a aliança feita com aperto de mão, e praticou todas estas coisas; por isso, não escapará. Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Tão certo como eu vivo, o meu juramento que desprezou e a minha aliança que violou, isto farei recair sobre a sua cabeça”* (Ezequiel 17.16-19.) .

Quando Nabucodonosor descobriu que seu escravo estava negociando com o Egito, com relação a uma revolta (Ezequiel 17.15), ele voltou todas as suas forças contra ele, e assim completou a ruína de Judá e de Jerusalém. Se Zedequias realmente sentiu que ele deveria ser livre do domínio da Babilônia, deveria ter procurado a ajuda de Deus, em vez disso, ele virou-se, traiçoeiramente, para o Egito. O Egito, tipicamente, representa o mundo do qual Deus entregou Seu povo em graça, procurar ajuda em qualquer outro é uma ofensa grave aos Seus olhos. Lembremo-nos disso. O julgamento foi aplicado, primeiro, sobre Judá; em seguida, alguns anos mais tarde, sobre o Egito também. O Senhor considerou que eram devidos salários a Nabucodonosor pelo seu trabalho na destruição de Tiro. Essa opulenta cidade comercial não deu ricos despojos a seus captores, muitos tesouros foram levados para o ocidente em navios de Tiro, A riqueza do Egito, inclusive a prata e o ouro, transportados para lá por Neco de Jerusalém, foi a recompensa do Senhor para o instrumento de Seus justos juízos (Ezequiel 29.18).

É interessante notar que tanto a Assíria e o Egito, as duas vãs esperanças de Israel, em várias épocas, caiu sob o jugo de Nabucodonosor; mas Israel, a Assíria e o Egito serão todos abençoados no final, tão gracioso é o nosso Deus (Isaías 19.18-25). Enquanto isso, é pura maldade para os judeus clamar pela posse da Palestina. Eles não têm qualquer clamor pela terra. O Deus contra aqueles que pecaram, tem definitivamente dado a vinha a outros (Marcos 12.9). Isto se reverterá quando o povo curvar-se humildemente aos pés de seu Messias rejeitado. O perdão e a bênção, com total posse da terra do Nilo a Eufrates então se tornará a sua porção para sempre (Gênesis 15. 18).

A seguinte reedição de um artigo meu que apareceu em “*A Testemunha*”, em junho de 1942, pode interessar nossos leitores atuais:

O COBIÇADO, PORÉM O DIADEMA PERDIDO

A queda do pequeno estado judeu dois mil e cinco anos atrás foi, sem dúvida, uma pequena questão aos olhos dos políticos daquela época, dificilmente teria sido manchete de jornais na imprensa de qualquer país. Por muitos anos, Judá tinha pagado impostos à Assíria, ao Egito e à Babilônia, e o último ocupante do trono era um personagem muito desprezível. Todavia, a queda de Judá foi um evento da máxima importância na história humana. Significou a suspensão, por eras, do propósito gracioso do Criador para todas as nações.

Jerusalém e seu povo tinham um lugar na mente de Deus não concebido a outros. O Trono de Davi era “*o trono do Senhor*” (1 Crônicas 29.23). Era para ser a sede divina do governo e a bênção para toda a terra. Os anos do reinado de Davi, seguidos por quarenta anos de paz e glória de Salomão fornece um retrato do que o Senhor desejava. Mas o mal da casa real, e as idolatrias do povo fizeram com que fosse impossível para Deus prosseguir com Seu maravilhoso propósito.

Enquanto o trono de Davi se manteve, porém fraco e desprezível poderia ser seus ocupantes, ainda era “*o trono do Senhor*”. O último rei, Zedequias, trouxe à ruína pela sua perfídia.

Nabucodonosor “*tinha ajuramentado por Deus*” (2 Crônicas 36.13), mas ele desprezou o juramento quebrando a aliança (Ezequiel 17.17-18). Nada era sagrado aos seus olhos. Agora, note as palavras do Senhor para ele: “*E tu, ó profano e perverso, príncipe de Israel, cujo dia virá no tempo do seu castigo final; assim diz o SENHOR Deus: Tira o diadema e remove a coroa; o que é já não será o mesmo; será exaltado o humilde e abatido o soberbo. Ruína! Ruína! A ruínas a reduzirei, e ela já não será, até que venha aquele a quem ela pertence de direito; a ele a darei*” (Ez 21.25-27). Desde aquela época, o trono de David está coberto de poeira, e o diadema de domínio sobre as nações foi removido (Salmo 89.27-32).

Ninguém tem mantido o cetro mundial desde a derrubada do trono do Senhor, em Jerusalém, e a remoção do diadema da cabeça do herdeiro indigno de Davi. A medida limitada de supremacia foi concedida a Nabucodonosor, e só por um tempo. O mal da Babilônia levou à submissão daquele império por outro: “*Depois de ti, se levantará outro reino, inferior ao teu*”. Outros se seguiram, permitido por Deus. Mas de ninguém, ainda tem sido verdadeiro: “*Domine ele de mar a mar e desde o rio até aos confins da terra. (...) E todos os reis se prostrem perante ele; todas as nações o sirvam*” (Salmo 72.8-11.).

Aspirantes pelo domínio global nunca faltaram, e alguns alcançaram, por algum tempo, um certo sucesso. Mas contra tais pessoas permanece a frase solene de Ezequiel 11: *“Ruína! Ruína! A ruínas a reduziré”*. Aquele que coloca a sua mente na influência universal dos tribunais traz ruína para si e para todos que estão associados a ele.

Na atual conjuntura terrível na história mundial, muitos estão perscrutando o futuro com ansiedade. A palavra de Deus a Zedequias responde todas as perguntas. Deus tem Alguém em Sua mente, que uma vez nasceu na graça da linhagem real de Davi, por quem todo o governo mundial está proposto. A convulsão deve seguir a convulsão até que Ele aparece. Marque as palavras: *“até que venha aquele a quem ela pertence de direito”*. Quantas vezes, ao tomar a Ceia do Senhor, as palavras *“até que ele venha”* confortaram os nossos corações! Em Ezequiel 21, temos uma outra: *“até que venha aquele”*. Em 1 Coríntios 11.26, a nossa mudança para a casa do Pai nas alturas alto está em evidência. Em Ezequiel 21, o ajuste de todos os distúrbios na terra, e o estabelecimento da bênção, de pólo a pólo. O herdeiro de Davi - que sofreu por nossa salvação -, ainda vai demorar até que o diadema, que muitos cobiçaram, mas não puderam obter; e do lugar amado do Senhor em Sião Ele reinará para a Sua glória e pelo bem de toda a criação.

“Amém! Vem, Senhor Jesus!”

oOo

Apêndice

PÁSCOA DE JEOVÁ

“Começo dos meses”

A Páscoa era uma instituição fundamental para Israel. Marcou o início de sua história como nação e como povo em relação especial com o Senhor. Aquela noite, no Egito, nunca mais seria esquecida por eles. Suas terríveis consequências deviam ser repetidas nos ouvidos de seus filhos de geração em geração.

Que noite! O anjo do Senhor varrendo o império de Faraó de ponta a ponta com sua espada destruidora! Cada casa, exceto aquelas que foram marcados com sangue foi despojada de seus primogênitos.

Cada estábulo também foi roubado de sua decisão e escolha. Um lamento profundo subiu até o céu, quando o SENHOR, assim, justificou a Sua majestade ofendida, e manifestou a Sua superioridade sobre todos os deuses das nações gentílicas e sobre todo o poder e glória dos homens.

A história terrível tem uma viva voz para os homens de hoje. Deus estava agindo em Seu caráter judicial como o vingador do pecado. Faraó e o seu povo tinham desafiado abertamente os Seus mandamentos. Apesar de praga após praga, eles se recusavam a deixar Israel ir. Mesmo a longanimidade divina tem seus limites. Conseqüentemente, temos o Senhor, em Êxodo 12, levando a efeito a Sua ameaça original como apresentado no capítulo 4.22-23: “*Dirás a Faraó: Assim diz o SENHOR: Israel é meu filho, meu primogênito. Digo-te, pois: deixa ir meu filho, para que me sirva; mas, se recusares deixá-lo ir, eis que eu matarei teu filho, teu primogênito*”. Os homens são mais sujeitos a voz de Deus em nossos dias do que no tempo de Faraó? Não é verdade que cada mandamento Seu é ultrajado entre nós, e desafiado em Sua autoridade, em todos os lugares? Assim como Ele desolou o Egito em épocas passadas, do mesmo modo, desolará toda a terra, em breve. Ninguém vai escapar à Sua mão vingadora, exceto aqueles que estão abrigados debaixo do sangue do Salvador.

O capítulo da Páscoa começa sugestivamente: “*Disse o SENHOR a Moisés e a Arão na terra do Egito: Este mês vos será o principal dos meses; será o primeiro mês do ano*” (Êxodo 12.1-2). O mês em questão era *Abib*, ou também, *Nisan* (Êxodo 13.4), e correspondia aos nossos março e abril. Tinha, até o momento, sido o sétimo, na prestação de contas; desde o tempo da libertação de Israel do Egito deveria ser contabilizado em primeiro lugar. A Redenção, portanto, deu ao povo um novo começo com Deus, como o é agora. Quando um homem reconhece-se um pecador aos olhos divinos, exposto à ira eterna, e com fé simples refugia-se sob o sangue do Cordeiro, ele começa uma nova vida. Seu passado de pecado e culpa é divinamente expurgado. Todo seu trajeto passado, “*alheios à vida de Deus*” (Efésios 4.18), é contabilizado como resíduo tanto, e tão absolutamente inúteis que é misericórdia da parte de Deus eliminá-lo de todas as recordações.

Estamos conscientes de que esta não é a maneira comum dos homens tratarem as coisas. Quando se sussurrou em torno dessas coisas alguém se “*converteu*”, o que é muito comumente se supõe que o indivíduo quer dizer disse “*adeus*” à “*vida*” de uma vez por todas. Aquilo que os homens chamam de “*vida*” e aquilo que Deus descreve são duas coisas completamente diferentes. A ideia dos homens sobre a “*vida*” é a recompensa das suas próprias concupiscências e prazeres na máxima distância possível de seu Criador. A amargura e a decepção resultam,

como o Senhor tão magistralmente mostrou na parábola do filho pródigo em Lucas 15, e como o homem sábio tão dolorosamente registra (escreve aqui sua própria experiência) no livro de Eclesiastes. É alimentando-se nas cinzas e esforçando-se ao vento. Ávida, de acordo com Deus, é a participação nas alegrias divinas: “*Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna*” (João 3.36). Aquele homem feliz que reconhece essa verdade se descobre, no coração e na mente, em comunhão com os prazeres fora deste mundo. A vida que ele assim recebeu como fruto da graça soberana, é de ordem celestial, e carrega consigo a capacidade de adentrar nos pensamentos divinos, afeições divinas e conselhos divinos. Esta é a vida verdadeira. Aquele que está nela, olha para trás com vergonha e autocrítica sobre todos os anos passados sem conhecimento de Deus e de Seu Filho. O conhecimento da redenção envolve uma enorme revolução, é “*o começo de mês*”, um ponto novo de partida, um novo modo de ser por completo.

“Cada homem, um Cordeiro”

Dez pragas, ao todo, caíram sobre o Egito rebelde. De nove delas, os israelitas cativos estavam absolutamente isentos. Quando seus opressores estavam envoltos em trevas, que se podia sentir, os israelitas tinham luz nas suas habitações; quando a pestilência mortal destruiu o gado dos egípcios, o gado dos israelitas escapou ileso; quando o granizo provocou danos nas colheitas do povo, as colheitas deles não foram tocadas, e assim por diante. Os cativos foram poupados de todos os castigos impostos aos seus torturadores. Dessa forma, o Senhor fez claramente a diferença entre aqueles que eram Seus e aqueles que não eram Seus. Mas quando chegou o momento em que o anjo da morte fosse enviado pela terra, invadindo com a sua espada as casas de todos os que transgrediram a vontade divina, Israel não estará mais isento. No entanto, esse povo pode ser favorecido, pela soberania da graça de Deus, eles eram pecadores como todos os outros (Ezequiel 20.5-9.). Se, portanto, eles deviam ser poupados da última ameaça mortal que os atingiria; sendo assim, precisavam se preparar. É por isso que o cordeiro foi prescrito.

As instruções sobre o cordeiro eram muito abrangentes: “*Falai a toda a congregação de Israel, dizendo: Aos dez deste mês, cada um tomará para si um cordeiro, segundo a casa dos pais, um cordeiro para cada família*” (Êxodo 12.3). Não há dúvidas da força de palavras como estas: “*Toda a congregação de Israel*” foi mencionada, e “*cada um*” tomaria um cordeiro. Havia naquela época cerca de seiscentos mil homens entre eles capazes de portar armas. Tomando isso como base, havia provavelmente cerca de três milhões de israelitas no Egito

naquela noite. Entre um número tão grande de pessoas, havia, sem dúvida, grandes diferenças de caráter e maneiras: o religioso e o irreligioso, o amável e o briguento, o honrável e o desonrado, o generoso e o mesquinho, para não mencionar a distinção universal entre altos e baixos, ricos e pobres. Mas cada um deveria tomar para si um cordeiro. Nem o caráter nem a posição contavam para nada na presença do juízo de Deus.

E, assim, insistindo no cordeiro, o Senhor estava pensando em Cristo. 1 Coríntios 5.7 coloca isso além de toda a disputa: “*Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado*”. Assim esta história antiga de Israel no Egito, soa em nossa consciência nesta hora. Nada importa a Deus, senão a Cristo: “*Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!*” (João 1.29). O mais vergonhoso pecador que se abriga na fé em Cristo e no Seu sangue está seguro de toda preocupação; a personalidade mais estimável que já viveu, que não tem humildade valeu-se, portanto, da provisão misericordiosa de Deus está acelerando para a ruína eterna. Sem proposição poderia ser mais simples, e ainda nada parece tão difícil para a mente humana captar. Todos nós adoramos pensar que há alguma coisa em nós que deva nos recomendar a Deus; como o Fariseu de Lucas 18.11, estamos, mais ou menos, dispostos a dizer: “*Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens*”. Nessa afirmação, ainda que mal expressa, pode haver alguma verdade, mas ainda permanece a verdade que nada importa a Deus, senão a Cristo. O Cordeiro, e somente o Cordeiro, é a nossa única esperança e fundamento.

“O Décimo Dia”

O fato é notável que, enquanto o mês da Páscoa deveria ser doravante o primeiro do ano para o povo de Israel, o cordeiro não foi designado para morrer no primeiro dia desse mês. Quase se poderia supor que o Senhor teria iniciado o novo acerto de contas com o grande fato da redenção. No entanto, isto é o que lemos em Êxodo 12.3: “*Falai a toda a congregação de Israel, dizendo: Aos dez deste mês, cada um tomará para si um cordeiro*”. Dez dias eram necessários antes que a vítima fosse tirada do rebanho para morrer.

Os números são usados na Sagrada Escritura com significado divino. A ocorrência frequente do “sete” e do “doze”, no livro de Deus é suficiente para que todo leitor atento perceba. Este é o motivo para mostrar o significado de todos os numerais divinamente empregados; para o nosso propósito atual é suficiente dizer que “dez” representa a medida plena da responsabilidade humana. Por isso, temos dez mandamentos em Êxodo 10, e dez virgens em Mateus 15. 1-11, e dez

minas em Lucas 19.13. Os dez dias de Êxodo 12.3 nos fala, portanto, das idades da responsabilidade (ou provação), que se seguiu antes que Deus enviasse o Seu Filho amado para ser o Cordeiro de Deus, Aquele que remove o pecado do mundo.

As épocas anteriores da responsabilidade foram divinamente projetadas para que ensinasse aos homens a profunda necessidade deles de um Salvador, que assim pudessem estar dispostos a recebê-Lo com apreciação, em adoração, pela Sua vinda. Tomando a cronologia do bispo Usher (que não era, no entanto, insistiu em ser), os homens foram, portanto, disciplinados durante quarenta séculos. Durante esse longo período, os caminhos de Deus, com as Suas criaturas caídas, variaram consideravelmente. Até os dias de Noé, os homens tinham o testemunho da criação e da voz da consciência. Não havia as Escrituras, e não havia nem soberano, nem magistrado para condenar os malfeitores. O fim foi o dilúvio, a terra se encheu de corrupção e violência. Quando Noé e seus filhos se restabeleceram na terra purificada, Deus definiu o princípio do governo humano (Gênesis 9.6), uma provisão misericordiosa concebida como freio sobre a maldade. Isto, logo, falhou: a embriaguez de Noé, a tirania de Nimrod, a construção da torre de Babel e a idolatria que logo cobriu a terra provando apenas que, infelizmente, também a magistratura, que excelente como uma instituição, é ineficiente quando aplicada a um ser rebelde como o homem.

Posteriormente, houve a promulgação da lei, com seus solenes “*não*”, e suas ameaças e maldições que acompanham a todos os que forem desobedientes aos mesmos. A lei só foi dada a Israel (Êxodo 20.2; Salmo 147.19,20), porque Deus iria demonstrar nesse país a condição moral da carne em todos os lugares. Os mandamentos mal tinham saído dos lábios do Senhor, antes que o primeiro fosse violado pela fundição do bezerro de ouro, e este era apenas o início de uma longa história de transgressão, culminando enfim, no assassinato do Filho de Deus, que foi constrangido por homens sem lei a trilhar o mesmo caminho de sangue, como todos os outros que jamais procuraram trazer Deus antes suas consciências. A parábola dos lavradores em Mateus 21.33-46 declara a história miserável vividamente.

Assim, os homens mostraram, durante quarenta séculos, que debaixo de toda a variedade de circunstâncias e condições, que não havia nada, senão o mal em seus corações. Este fato terrível foi totalmente demonstrado, Deus enviou Seu Filho: “*Quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios*” (Romanos 5.6). O “*tempo devido*” de Deus está estabelecido normalmente no “*décimo dia*” de Êxodo 12.3. Oh, que homens, em toda parte, entenderam a lição,

porque então teriam que renunciar à qualquer pretensão de bondade e força em si mesmos, e glorificar unicamente a Cristo!

“O Décimo Quarto Dia”

O cordeiro deveria, portanto, ser retirado das ovelhas, ou dos cabritos no décimo dia do mês; apesar disso, não deveria ser morto naquele dia: *“E o guardareis até ao décimo quarto dia deste mês, e todo o ajuntamento da congregação de Israel o imolará no crepúsculo da tarde”* (Êxodo 12.6.). No âmbito deste acordo, a vítima era, por três ou quatro dias, sob a observação imediata daqueles por quem seu sangue seria derramado. Isto tem sua resposta nos anos do ministério público do Senhor Jesus. Durante os trinta primeiros anos de Sua caminhada terrestre, Ele viveu no isolamento de Nazaré. A Sua perfeição durante esses anos somente Deus conhece. Foi quando Ele emergiu aos olhos do povo que João Batista deu expressão a essa palavra maravilhosa: *“Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”*. E, diante dos olhos de João, estava Aquele que apontava para o cordeiro Pascal e todos os outros sacrifícios. Ele veio do céu para cumprir todos os tipos e sombras da lei. Porém, Ele não foi ao Calvário naquele momento. Ele estava, de fato, em Seu caminho para lá, quando João O contemplou; todavia, três anos e meio de ministério – ministério inigualável - seguiu seu curso, *“porque da terra a sua vida é tirada”* (Atos 8.33). Ele foi assim, como se diz: *“tirado”* no décimo dia, e *“permaneceu”* até o décimo quarto. O quadro típico é o mais completo quando lembramos que a Sua morte realmente coincidiu com a festa da Páscoa desse ano. Seus Assassinos sacerdotais, de bom grado, teriam tido o contrário, temendo um tumulto entre o povo (Mateus 26.5). Mas a hora de Deus tinha chegado, e a ação deve ser feita a qualquer momento, e em nenhum outro.

Durante Seus três anos e meio do ministério, o Salvador viveu no brilho feroz do criticismo hostil. Ele não se isolou, como João; nem o deserto era Seus lar; moveu-se livremente dentro e fora entre o povo. Todos os fatos de Sua vida eram, portanto, totalmente conhecidos. Se Seus inimigos pudessem ter descoberto uma única falha n’Ele, como poderia ter encantado os seus corações! Mas Ele era o Santo de Deus. O cordeiro Pascal devia ser *“sem manchas”*, só assim poderia estabelecer Aquele que era, ao mesmo tempo, sagrado por natureza, e imaculado em todos os Seus caminhos. No final, Seu juiz tinha que dizer: *“Eu não acho nele crime algum”* (João 29.6) e Seus inimigos só poderiam forjar acusações contra Ele ao subornar homens para que cometessem perjúrio em seu tribunal (Marcos 14.55-60).

Sua vida impecável proclamou Sua aptidão à morte em expiação pelos pecados dos outros. Podia-se provar que Ele nunca foi culpado da menor transgressão, então a salvação é impossível para qualquer um de nós, porque, nesse caso, Ele precisaria de um Salvador para Si mesmo. Seus anos de vida pública demonstraram que a morte não tinha poder sobre Ele. Ele era, portanto, divinamente competente para assumir a questão do pecado e prepará-la para a eterna satisfação das reivindicações do trono de Deus: *“Aleluia! Que Salvador!”*

“Mate-o!”

A morte está estampada em toda parte em nosso capítulo (Ex 12). Vamos, neste momento, pôr toda a ênfase possível nas palavras solenes do versículo 6: *“Todo o ajuntamento da congregação de Israel o imolará no crepúsculo da tarde”*. Nada menos do que isso poderia satisfazer as reivindicações de Deus, e evitar a destruição que estava se aproximando. O cordeiro deve morrer. O sangue inocente deve ser derramado, para que os culpados sejam poupados.

A morte está sobre os homens em todos os lugares como fruto do pecado, é o salário do pecado, como Romanos 6.23 nos fala. Se o pecado não tivesse se infiltrado na criação do Deus justo, nenhum túmulo jamais teria sido cavado, nenhuma lágrima de luto jamais teria sido derramada. Não temos nenhum mal-entendido quanto a isto. Aqueles que falam de sua dissolução iminente como *“a dívida de natureza”* estão simplesmente escondendo-se da verdade de sua posição em relação a Deus e de Seu trono. Nenhuma loucura poderia ser maior. A presença da morte no mundo admite somente uma explicação: o homem é uma criatura caída, um rebelde contra o seu Criador. Para aqueles que não conseguem alcançar a graça divina e o perdão, a morte do corpo é apenas o prelúdio para *“a segunda morte, o lago de fogo”* (Apocalipse 20.14). A justiça de Deus exige que se alguém deva ser poupado da última e terrível sentença, então a morte deve cair sobre outro, em seu lugar.

É isto que está estabelecido com clareza nas ordenanças do Cordeiro Pascal. O anjo da morte iria passar na terra do Egito, à meia-noite, para destruir os primogênitos em cada casa. Não há como fugir da terrível visita, senão pela morte do cordeiro. Em toda casa em que a morte visitasse, ela levava o primogênito consigo. Onde o povo falhou em sacrificar o cordeiro e colocara morte entre eles e Deus, lá aconteceu a tragédia. Hoje é assim mesmo. A morte de Cristo, humildemente aceita e apropriada na fé, é a nossa única porta de fuga possível do juízo eterno de Deus. Um cordeiro vivo não seria suficiente em Israel; um Cristo vivo não bastaria para nós. Sua presença corpórea na terra

era um inestimável privilégio e bênção para os homens, mas a expiação não foi efetuada assim. Ele precisava morrer antes que estivesse disponível como Salvador para os perdidos. Suas próprias palavras em João 6.51 mostram isso conclusivamente: *“Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne”*. A isto, pode -se acrescentar Seu discurso memorável a Nicodemos: *“E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna”* (João 3.14-15). Feliz é o homem que pode dizer: *“O Salvador morreu por mim”*. Sobre esse, o terror do juízo divino nunca vai alcançá-lo.

“E todo o ajuntamento da congregação de Israel o imolará no crepúsculo da tarde”. Não *“eles”*, mas *“ele”*. Milhares de cordeiros foram mortos naquela noite e, apesar disso, na mente de Deus, só havia Um. Cristo é o primeiro e o grande pensamento de Deus e, para Ele, todos os sacrifícios apontavam. Não há salvação em nenhum outro.

“Tome do Sangue”

Em Êxodo 12.7, pela primeira vez na Sagrada Escritura, nós temos a menção do sangue, em conexo com a libertação e a bênção do homem. Em várias passagens, no livro de Gênesis, o sangue fala da evidência da culpa humana (de forma notável, na história de Caim e Abel); e nos primeiros capítulos de Êxodo, o sangue é apresentado duas vezes como um dos juízos de Deus sobre o Egito rebelde (4.9; 7.17). Agora, na ordenança do cordeiro pascal, vem a nós como o meio pelo qual Deus acreditava que o povo estava protegido da destruição. Deste ponto em diante, até o fim do livro de Deus, a doutrina da expiação pelo sangue se destaca em caracteres inconfundíveis. Pelo sangue, e somente pelo sangue, os homens podem ser salvos.

Estas foram as instruções dadas a Moisés e a Arão na terra do Egito: *“Tomarão do sangue e o porão em ambas as ombreiras e na verga da porta, nas casas em que o comerem”* (Êxodo 12.7). Mais adiante, no capítulo que ouvimos Moisés abordar os anciões de Israel assim: *“Escolhei, e tomai cordeiros segundo as vossas famílias, e imolai a Páscoa. Tomai um molho de hissopo, molhai-o no sangue que estiver na bacia e marcai a verga da porta e suas ombreiras com o sangue que estiver na bacia; nenhum de vós saia da porta da sua casa até pela manhã”* (versículos 21 e 22). As várias etapas foram feitas, desse modo, com perfeição pelo povo de Deus. O mais estúpido entre eles não poderia equivocar-se no que era tão essencial para a sua salvação. Primeiro, deveria selecionar o cordeiro para o sacrifício; então deveria ser trazido à casa; quatro dias depois, deveria ser morto e, finalmente, o

sangue deveria ser aspergido sobre o umbral e as vergas da casa de todos os homens de Israel. Não era suficiente matar o cordeiro, nem mesmo preservar o sangue numa bacia, devia ser aspergido, em obediência à palavra do Senhor.

O significado para nós hoje em dia é bastante claro. Cristo - o Cordeiro de Deus - foi morto; Seu sangue precioso foi derramado; tudo que Deus requer do pecador que escapasse da ira vindoura é aceitar esses fatos poderosos numa fé simples, de coração. Mas, assim como no Egito, naquela noite, nenhum homem poderia ajudar o próximo, cada um era obrigado a aspergir o sangue por si mesmo. Hoje ninguém pode abrigar-se sob o manto da fé do outro, cada um deve apropriar-se do precioso sangue de Cristo como o único salvaguarda da sua alma. Àqueles que fizeram isso, Pedro assim escreve: *“Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro,(...) mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós que, por meio dele, tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus”* (1 Pedro 1.18-21). Os sentimentos expressos nesta passagem manifestamente vão muito além do que foi experimentado no Egito, nos dias de Moisés. Sendo assim, era simplesmente uma questão de manter Deus como juiz fora da casa. Agora, com base na justiça do sangue de Cristo, cada crente é levado a Deus, aceito e levado pela graça do Ressuscitado; e, além disso, sabe que foi pelo poder do Espírito Santo enviado do Céu.

“Quando Eu vir o sangue”

Se as instruções para Israel eram muito explícitas, de modo que ninguém pudesse entendê-las muito bem, elas também eram severamente inflexíveis. Não havia espaço para a opinião humana, bem como para o que era certo e apropriado naquela noite; e não foi permitido nenhum desvio da letra explícita da palavra divina. O sangue do cordeiro era a exigência divina e nada mais poderia ser aceito em seu lugar. Aqui está a mensagem do Senhor para o povo: *“Porque, naquela noite, passarei pela terra do Egito e ferirei na terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até aos animais; executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. Eu sou o SENHOR. O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; quando eu vir o sangue, passarei por vós, e não haverá entre vós praga destruidora, quando eu ferir a terra do Egito”* (Êxodo 12.12-13).

Suponha que alguém em Israel tenha alegado que sua vida era muito melhor do que a de seu vizinho e que, portanto, não havia a

mesma necessidade pungente de colocar o sangue sobre o batente da porta. O que teria acontecido? O anjo da morte teria varrido aquela habitação, mesmo que as pessoas nele fossem, de fato, os mais retos e os mais religiosos na terra. O Senhor não disse: “*Quando vir suas vidas excelentes*”, mas, “*Quando eu vir o sangue*”.

Mais uma vez, suponha que alguns se opuseram a matar o cordeiro. A mente deles se revoltou com o derramamento de sangue, e tenha, em vez disso, amarrado o animal vivo aos umbrais de porta de suas casas. Isso teria sido aceito? De modo algum. O Senhor não disse: “*Quando eu vir o cordeiro*”, mas, “*Quando Eu vir o sangue*”.

O sangue era a confissão, por parte daqueles que o aspergiram que somente eles eram pessoalmente dignos de morte, e que eles se abrigaram sob a morte de outro. Para Deus, o sangue testemunhava que a morte já tinha entrado nas casas, na quais descansava; e este O justificava da ordem aos Seus ministros do juízo que passaria por essa casa.

Essas lições são muito simples, e é difícil fazer com que os homens as aprendam, se bem que dizem respeito à vida eterna! Muitos pleiteiam que a sua vida moral e religiosa, como se o viver excelente, os isenta-se do santo juízo de um Deus que derrotou o pecado. Mais uma vez, muitos professam ao Cristo vivo, admirando-se de Seus caminhos perfeitos, e aclamando-O como o grande pregador a quem todos os homens fariam bem em escutar. “*Voltem para Cristo*”, dizem eles. “*Vamos viver conforme os princípios do Sermão do Monte, e tudo ficará bem*”. Vã desilusão! Falsa esperança! A grande necessidade dos homens não é um exemplo santo, nem um professor do bem, mas sim um sacrifício expiatório do pecado. Somente encontramos isso no precioso sangue de Cristo. Ele fez a paz pelo sangue de Sua cruz (Colossenses 1.20) e, de nenhuma outra forma, poderia haver paz entre os homens e Deus: “*Sem derramamento de sangue, não há remissão*” (Hebreus 9.22). Um milênio de viver santo e ensinamento divino, por parte do Filho de Deus, teriam deixado a questão do pecado onde estava antes que Ele viesse à terra. O pecado só poderia ser expiado pelo sangue.

Deus seja louvado pela morte expiatória de Cristo. Fez com que fosse possível para Ele não somente isentar do juízo o pecador que crê, mas também por levá-lo ao Seu coração de amor para todo o sempre. Não admira que os remidos nas alturas atribuam toda mérito e toda glória ao Cordeiro que foi morto.

“Eu passarei por vós”

O significado da promessa do Senhor para com Israel:

- “*Eu passarei por vós*”.

É frequentemente mal compreendida. Por muitos, entende-se a isenção apenas da destruição, enquanto que, na realidade, muito mais do que isto está envolvido nas palavras. Vamos citar Êxodo 12.23, longamente para que possamos ter toda a promessa diante de nós: *“Porque o SENHOR passará para ferir os egípcios; quando vir, porém, o sangue na verga da porta e em ambas as ombreiras, passará o SENHOR aquela porta e não permitirá ao Destruidor que entre em vossas casas, para vos ferir”*.

O Senhor *“passará para”* é uma coisa, mas o Senhor *“passará”* é outra completamente diferente. Nossa indagação agora é com este último. O que significa? Isaías 31.5 (R.V.*) vai nos ajudar aqui: *“Como as aves que voam, assim amparará o Senhor dos exércitos a Jerusalém, amparando, livrando, preservando e salvando”* (versão em espanhol: *“Como las aves que vuelan, así amparará Jehová de los ejércitos a Jerusalén, amparando, librando, preservando y salvando”*). A linguagem de Isaías 31 é, portanto, muito semelhante à de Êxodo 21, e seu significado é transparente. Dá a ideia de uma mãe-pássaro que paira sobre seu ninho, ansiosamente observando-o, e montando guarda sobre o seu rebento. É assim que o Senhor prometeu fazer no Egito a todos os que, em obediência à Sua palavra, aspergiram o sangue sobre suas casas, Ele Mesmo será o protetor de tais pessoas, Ele Mesmo ficar entre elas e todo o mal: *“E não permitirá ao Destruidor que entre em vossas casas, para vos ferir”*.

Isto nos apresenta uma visão verdadeiramente agradável do Deus com quem temos de fazer. Ele, positivamente, fica ao lado daqueles que, na fé, procuraram o abrigo do sangue de Jesus. O fato de que Ele ressuscitou Seu Filho dentre os mortos, é a prova pública de que todos os requisitos de que Seu trono foram totalmente cumpridos. Em perfeita consistência, portanto, com Seu próprio caráter de justiça, Ele, contra quem todos os nossos pecados foram comprometidos, agora é capaz de constituir-Se o guardião de Seu povo que crê. Fiel à Sua palavra e ao precioso sangue de Jesus, Ele nunca permitirá, enquanto as eras eternas passam, que o julgamento toque o Seu. Está sendo a mais clara verdade, vamos nos livrar de todo o medo servil. Não há espaço para o medo em nosso relacionamento com esse Deus.

Os homens de Israel poderiam sentar-se em tranquila confiança naquela noite, mesmo se o lamento de desespero de outros alcançasse seus ouvidos, eles não precisavam se preocupar. Eles tinham posto o sangue do cordeiro entre si e o destruidor, e eles tinham o Próprio Deus como sentinela, por assim dizer, do lado de fora de suas portas aspergidas. Os pensamentos ansiosos tinham sido entretidos por eles,

* **Nota do Tradutor:** A conhecida versão da Bíblia, em espanhol, chamada de Reina-Valera (R.N.) que alcançou difusão muito ampla durante a Reforma Protestante do Século XVI.

eles teriam desonrado a Deus – Sua fidelidade e verdade. Da mesma forma, apreensões incrédulas de muitos em nossos dias que verdadeiramente amam o nome do Salvador são uma grande afronta ao Deus de nossa salvação. Como as linhas de Toplady* o expõem:

*De onde este medo e incredulidade,
Se Deus, meu Pai, coloca para sofrer
O Seu imaculado Filho por mim?
Pode Ele, o justo Juiz dos homens,
Condenar-me por essa dívida do pecado,
Que, o Senhor, foi acusado em Ti?*

Impossível!

“Coma a Carne”

O sangue do cordeiro que foi aspergido conforme a ordenança do Senhor; a carne do animal deveria ser cozida e comida. Aqui também, para cada detalhe, houve divina legislação; nada foi deixado para a decisão do povo. Assim, lemos: *“Naquela noite, comerão a carne assada no fogo; com pães asmos e ervas amargas a comerão. Não comereis do animal nada cru, nem cozido em água, porém assado ao fogo: a cabeça, as pernas e a fressura”* (Êxodo 12.8-9). Comer, nas Escrituras, tem a dupla força de apropriação e identificação. Em João 6.51-57, o Salvador insiste na necessidade de comer Sua carne e beber Seu sangue, a fim de ter e desfrutar a vida eterna. É loucura arrastar para a Ceia do Senhor em João 6, pois não tinha sido instituída na época que nosso Senhor assim falou. Seu significado é que não somente Ele deve ser morto a fim de ir ao encontro das necessidades dos homens pecadores, mas os homens devem, claramente, apropriar-se d’Ele pela fé nessa característica. Daí a linguagem do novo cântico no Céu: *“Porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus”* (Apocalipse 5.9). Aqueles que rodeiam o trono, com veneração, reconhecendo que cada bênção é devido à morte do Salvador. A alimentação de Israel sobre o cordeiro no Egito é típica de nossa apropriação hoje do Cristo que uma vez foi morto.

Porém, não há mais do que isso. Era claramente proibido ferver a carne, como também a comê-la cru. Deve ser *“assada no fogo”*. O fogo é o emblema na Escritura da santidade de Deus no juízo. Não é suficiente para eu saber que Cristo morreu; é essencial que eu deveria acreditar que Ele morreu como expiação, tendo primeiro esgotado todo o juízo de Deus que os meus pecados mereciam: *“Carregando ele mesmo em seu*

* **Nota do tradutor:** Augustus Montague Toplady, escritor do hino “Rocha Eterna”, Hinário Cristão.

corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados” (1 Pedro 2.24). Alimentar-se, por assim dizer, do cordeiro assado, eu me deparo com alguma medida do terrível juízo que caiu sobre Cristo como Aquele que sofreu por meus pecados e percebo que, se não fosse por Seu amor sacrificial, eu permaneceria sob a ira de Deus para sempre (João 3.36). Um sentido para esta dúvida pesou na alma de Saulo de Tarso em Damasco quando, por três dias, ele não podia nem comer, nem beber (Atos 9.9).

As “*ervas amargas*” que acompanhavam o cordeiro assado sugerem o mesmo princípio. A percepção do que peca - meu pecado - é de muita gravidade aos olhos de Deus que nada poderia expiá-lo, e assim me salvar da ruína eterna. Mas a morte de Cristo e que, no meio das circunstâncias de tristeza e vergonha sem paralelo, é amargo de fato. Contudo, o conhecimento da redenção produz, no final das contas e para sempre, alegria infinita.

Tudo o que restou do cordeiro Pascal deveria ser destruído pela manhã. O sacrifício em todo seu cerimonial deveria estar concluído na mesma noite: “*Nada deixareis dele até pela manhã; o que, porém, ficar até pela manhã, queimá-lo-eis*”. Ao nascer do sol, não era para restar mais nenhum vestígio do cordeiro morto. Do mesmo modo, a obra expiatória de Cristo não é gradual, mas algo consumado. Não está em processo de conclusão; mas está consumado definitiva e eternamente. Como uma memória perfumada e santificada, o alto sacrifício do Calvário habita com Deus e com o redentor para sempre; mas o mesmo sacrifício passou e se consumou. É tão divinamente eficaz que nada mais seria necessário ou aceito. Para o Cordeiro sofredor de Deus, a noite escura de julgamento não existe mais, e Ele vive nas alturas na luz do sol do amor e favor divino.

O Tii

As ameaças dos homens, às vezes, são meras palavras vazias, sem sentido; não são assim os juízos de Deus. Em nenhum momento da história mundial, o Criador ameaçou com juízos que Ele não tinha intenção de fazer. Houve ocasiões quando Sua mão foi evitada pelo arrependimento do povo. O livramento de Nínive, nos tempos de Jonas é um exemplo disso. É parte dos caminhos pelos quais Deus retirou a sentença, quando os homens se humilharam diante d’Ele. Jeremias 18.7-8 mostra isso claramente. Também é verdade que Ele é “*tardio em irar-se*”, deixando até o final uma porta aberta para o arrependimento; mas, mesmo a longanimidade de Deus tem seus limites. Isto foi solenemente provado pelos egípcios que desafiaram a Moisés, naquela época.

No começo da missão de Moisés, disse o SENHOR a Faraó: *“Israel é meu filho, meu primogênito. Digo-te, pois: deixa ir meu filho, para que me sirva; mas, se recusares deixá-lo ir, eis que eu matarei teu filho, teu primogênito”* (Êxodo 4.22-23). A paciência de Deus estava se acabando depois de vários apelos e julgamentos preliminares, essa terrível sentença foi dada na noite de Páscoa de Israel: *“Aconteceu que, à meia-noite, feriu o SENHOR todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito de Faraó, que se assentava no seu trono, até ao primogênito do cativo que estava na enxovia, e todos os primogênitos dos animais. Levantou-se Faraó de noite, ele, todos os seus oficiais e todos os egípcios; e fez-se grande clamor no Egito, pois não havia casa em que não houvesse morto”* (Êxodo 12.29-30.). Não houve, portanto, nenhuma aceção. O palácio real, em todo o país, protegido ao máximo das calamidades que aconteciam aos humildes, não era mais imune naquela noite do que a cela da prisão ou o estábulo. O coração do rei se rasgou em angústia, bem como o de seus súditos. Verdadeiramente, é algo terrível afrontar o Deus do juízo!

No entanto, enquanto a desolação se espalhava por toda a terra do Egito, as casas dos israelitas estavam totalmente incólumes. Isso se deveu unicamente ao fato de que eles obedeceram ao Senhor, na fé, e aspergiram o sangue do cordeiro imolado fora de suas moradias. Nem a boa conduta, nem a ortodoxia religiosa os salvou naquela noite, a não ser o sangue do cordeiro. Sob o abrigo deste, podiam comer e beber em paz, com os lombos cingidos e o cajado na mão, preparados para marchar para fora de um lugar que não era, de modo algum, seu lar.

Nós mesmos estamos vivendo um momento solene na história do mundo. O tempo do Evangelho está acabando, com todas as suas oportunidades de bênção eterna. A hora dos juízos de Deus vai acontecer em breve. Então o Senhor que uma vez foi crucificado surgirão do trono em que Ele se assenta, e sairá em toda Sua majestade como o Juiz divinamente eleito, dos mortos e dos vivos. Primeiro, Ele vai lidar com os vivos, destruindo Seus inimigos diante d’Ele como a neve; depois, quando Seu reinado milenar se encerrar, Ele vai convocar os mortos de suas tumbas para estar diante do grande trono branco. Essas considerações são enormes, o que é tolice e loucura para que qualquer um ignore. Feliz é o homem que, como um pecador culpado confesso, digno unicamente da ira eterna, correu para o Salvador em busca de refúgio, confiando total e unicamente em Seu precioso sangue expiatório. Tal pessoa está eternamente seguro – tão seguro como somente um Deus justo pode lhe proporcionar.

"Por um Memorial"

Aquela noite, no Egito, deveria ser mantida em memorial perpétuo pelo povo de Israel. Que nunca seja esquecida, a Páscoa deveria ser observada anualmente como uma festa ao Senhor por todas as gerações: “*O celebrareis por estatuto perpétuo*” (Êxodo 12.14). Há uma perigosa tendência no coração humano esquecer, particularmente em matérias relacionadas a Deus. Quantas vezes em Deuteronômio – o livro que nos dá as recomendações finais de Moisés ao povo - deparamo-nos com advertências como “*guarda-te, para que não esqueças*” e “*guardai-vos de lembrar*”. A última epístola de Pedro foi escrita a fim de que seus leitores pudessem, depois de sua partida, ter o seu ensino “*sempre na lembrança*”. Uma das marcas de um desviado, de acordo com este apóstolo, é ter se “*esquecido da purificação dos seus pecados de outrora*” (2 Pedro 1.9).

A Ceia do Senhor vem à mente aqui. O Salvador estava às vésperas da morte, quando Ele a instituiu. Seu trabalho maravilhoso na Terra estava consumado, e ele estava prestes a submeter-se à suprema angustia do Calvário. Somente pela Sua morte poderia a expiação ser feita e a salvação se tornar possível aos homens pecadores. No entanto, mesmo Aquele que é divinamente único como Ele o é, e um sacrifício tão extraordinário como o Seu próprio sacrifício, estaria em perigo de ser esquecido pelos Seus. Consequentemente, Ele deu a Seus primeiros discípulos o pão e depois o cálice, dizendo: “*Fazei isto em memória de mim*” (Lucas 22.19-20). Anos depois de Sua volta à glória do Céu, o Espírito Santo reiterou Suas palavras em 1 Coríntios 11.23-25, acrescentando que “*todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha*”. Assim, durante todo período de Sua ausência nas alturas, a Ceia do Senhor permanece com a Igreja como o memorial de seu Senhor e Salvador que outrora foi morto. O absurdo de incentivar qualquer um a participar da mesma, sem conhecimento da salvação de Cristo é evidente, pois como eu posso me lembrar de uma pessoa que nunca conheci?

Ano após ano, a festa da Páscoa deveria ser observada em Israel. Deste modo, a bondade de Deus seria conservada viva na memória do povo, e o grandioso motivo de que Ele os redimiu da escravidão do Egito; tendo-os em relacionamento com Ele no sangue do cordeiro. Conectados com a Páscoa, tinham que ser sete dias de pães asmos. O fermento está em toda parte das Escrituras, o tipo de mal. Assim, no livro de ilustrações de Deus, como em outro lugar, na linguagem mais simples, ele insiste na pureza da vida e da doutrina em tudo que a graça abrigou debaixo do sangue do Salvador.

Os filhos dos israelitas chegaram ao raciocínio divino, também. Eles precisavam ser cuidadosamente instruídos quanto ao significado da festa Pascal. Encontramos isso em Êxodo 12.26-27, dos filhos

perguntando numa data posterior: “*Que rito é este?*” Os pais deveriam responder: “*É o sacrifício da Páscoa ao SENHOR, que passou por cima das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios e livrou as nossas casas*”. Vamos ver, neste dia, que não somos apenas nós sob o abrigo do sangue do Cordeiro, mas que os nossos filhos também estão na mesma posição sob a segurança divina. A ira de Deus contra toda a impiedade é uma realidade tremenda, da qual nada pode se ocultar, nem a nós mesmos, nem aos nossos filhos, senão o sangue do Salvador.

.oOo.